

um romance WESTERN de
JÉSSICA MACEDO

Quando Cassie achou que sua vida
teria um trágico fim, ele a saqueou de
seu pior pesadelo...

ROUBADA DO

ALTAR

Série **AMORES DO OESTE** - vol. 1

Reino



ROUBADA DO
ALFAR

The title is rendered in a highly decorative, black-and-white style. The word "ROUBADA" is in a smaller, all-caps, serif font, while "DO" is in a similar but slightly smaller font. The word "ALFAR" is in a much larger, bold, all-caps, serif font. The letters of "ALFAR" have a thick black outline and a white fill. Above "ROUBADA", there are two pistols, one on the left and one on the right, pointing towards the center. The word "DO" is positioned between the two pistols. The entire title is framed by elaborate, swirling flourishes that connect the letters and the pistols.

Copyright ©2019 by Jéssica Macedo

Todos os direitos reservados. É proibido o armazenamento ou a reprodução de qualquer parte desta obra – física ou eletrônica -, sem autorização prévia do autor. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Projeto Gráfico de Capa e Miolo

Jéssica Macedo

Preparação de texto

Aline Damasceno

Revisão

Gabriel Marquezini

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produto da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais fez parte do intuito de ambientar e dar veracidade a história.

SUMARIO

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

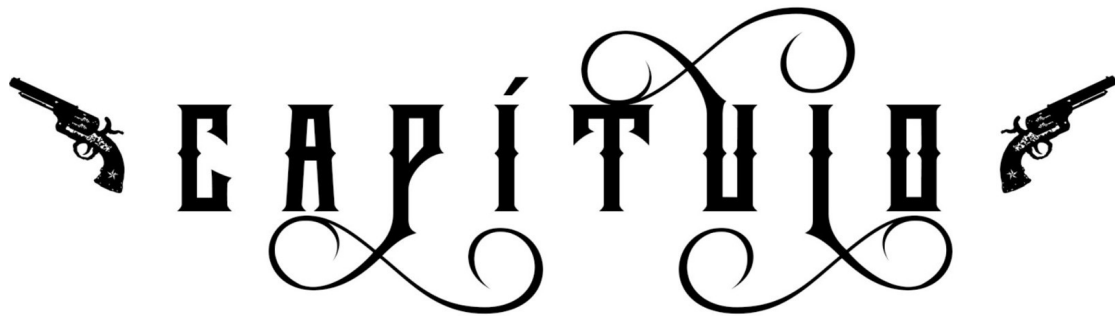
[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Epílogo](#)



CAPÍTULO

Um

Octhaw, Califórnia, julho de 1858

Cassie observou a forma como o raio de sol entrava pela janela do seu quarto e incidia diretamente na saia do vestido branco que se moldava ao seu corpo. Não podia negar que a seda e a renda eram lindas. Ela estaria feliz pelo vestido bonito e caro se o seu significado fosse outro. Engoliu em seco ao erguer a cabeça e encarar o espelho, contemplando na sua totalidade a sua imagem. Sua pele avermelhada e os cabelos compridos e negros, que a lembravam da origem de sua mãe, também brilhavam ao sol, assim como os profundos olhos azuis que também atestavam à sua descendência inglesa.

Era engraçado pensar em sua própria ascendência diante do que lhe estava prestes a acontecer. Seu pai era James Wiliam Evans, um explorador, filho de ingleses e um dos fundadores do vilarejo de Octhaw. Ele chegara na região às margens do Rio Sacramento há quase trinta anos e, por sorte, recebeu do governo norte-americano a posse das terras repletas de ouro. Após uma interminável rixa com os nativos, ele tomou a filha mais jovem do chefe do acampamento dos Miwok como esposa e prometera uma certa paz. Uma paz que não existira de fato, mas contribuiu para que James construísse uma mina e o vilarejo. Ele se tornou um homem rico, mas o casamento sem amor com Yoomee deu apenas um fruto, Cassandra, pois a nativa acabara morrendo no parto.

Cassie respirou fundo diante de sua perspectiva de futuro: ela seria condenada a um terrível casamento, assim como sua mãe. Odiava sequer poder dizer não. Sentia as mãos suadas dentro das luvas que lhe cobriam os dedos. Como queria que aquela porta fosse aberta e que pudesse correr para tão longe quanto seu fôlego lhe permitisse.

No exato momento que pensou nisso, a porta foi aberta e uma mulher na casa dos seus cinquenta anos entrou a passos calmos por ela.

A jovem noiva quase riu com a ironia. A porta foi aberta, porém, ela não podia ir a lugar nenhum. Estava sentenciada ao seu pior pesadelo, viver a vida que sua mãe havia levado o breve ano que durara o seu casamento. Poderia morrer no primeiro parto, pensou. Seria engraçado se não fosse tão triste pensar que a morte de sua mãe fora a sua libertação.

Seu noivo era a forma mais vil e asquerosa que um homem poderia assumir. Isaac Jones era o xerife da cidade, e corriam boatos de que ele havia assumido o posto ao matar o xerife anterior. Ele não tinha um pinga de escrúpulos e Cassie se perguntava como um sujeito desse poderia ser um homem da lei. A verdade é que a única lei única que existia em Oclahaw era a vontade do xerife ou do pai de Cassie, que sendo o dono da mina, era o homem mais influente e com recursos da região. Praticamente todos lhe serviam ou trabalhavam para ele de alguma forma. Sem nenhum filho homem, Cassie era a única herdeira de todos os bens, fazendo seu futuro marido o novo dono de toda a cidade...

— Cassandra, está tudo bem, criança? — Elizabeth, a senhora que cuidara de Cassie e a educara conforme os costumes ingleses, parou atrás dela e fez com que se virasse.

— Posso dizer que não? — Balançou a cabeça e olhou para o chão de madeira do seu quarto.

— Sorria, é o seu casamento e você está linda.

— Sorriria mais se fosse meu velório.

— Oh! Que meu bom Deus não te ouça.

— Irei me casar com um viúvo cruel, com o dobro da minha idade. Seu bom Deus seria mais piedoso comigo caso ele me levasse, Beth.

— Seu futuro marido é um homem poderoso, poderá protegê-la quando o seu pai se for, o que pode não demorar muito, já que ele está com a saúde bem debilitada.

Cassie balançou a cabeça em negativa. Não havia como discutir com Elizabeth, sua velha preceptora estava do lado de seu pai e ela nada poderia fazer. Em alguns momentos chegava até a suspeitar que eram amantes, ou foram.

Não importava... Estava a poucas horas de seu trágico fim... E sozinha.

— Pronta?

— Não faça perguntas para as quais já sabe a resposta — Cassie foi ríspida. Jamais estaria pronta e Elizabeth sabia disso.

— Então vamos descer, seu pai lhe aguarda.

— Não quero ir, Beth.

— Não têm escolha.

Cassie engoliu com amargor as suas palavras de protesto. Olhou para a janela, se perguntou se sobreviveria à queda e se conseguiria correr ao encontro do povo de sua mãe, onde esperava ser bem recebida.

Aquela tarde ensolarada parecia debochar de sua tristeza.

— Engula as lágrimas, criança, e tente sorrir.

— Para você é tão simples. Nunca foi obrigada a se casar.

— Sou a filha caçula de oito irmãs. Meu pai não tinha muito a oferecer quando chegou a minha vez. Não nasci afortunada como a senhorita. Deveria perceber a sorte que tem.

— Ah, sou muito sortuda. — Cassie revirou os olhos em deboche.

— Cassandra Christine Evans, está atrasada! — gritou seu pai do andar de baixo do grande casarão.

A jovem engoliu em seco e olhou para o quarto. Iria sentir falta daquele lugar como jamais imaginou que sentiria.

— Não se preocupe. Os homens sabem o que fazer. — Elizabeth a envolveu pelos ombros e a empurrou na direção do corredor.

Cassie levou alguns segundos para compreender o que a sua preceptora se referia. Talvez, ao olhar pra cama, tenha passado alguma ideia proveniente dos seus pensamentos para Elizabeth, que não condizia com a verdade. Porém, pensar nisso, fez com que a jovem tremesse de pavor. Só de imaginar aquele sujeito cheirando a charuto e poeira em cima dela, seu estômago se revirava em asco. Que um raio caísse em sua cabeça e a livrasse daquele fatídico destino.

Desceu as escadas e encontrou seu pai de pé, próximo ao hall. Desviou o olhar assim que ele a encarou, mexendo na saia como se os aros a agoniassem, o que não a incomodava tanto perto da ideia do seu casamento em si.

— O senhor Jones irá cuidar-lhe bem quando eu me for.

Cassie encarou o pai, após manter o olhar longe por tantos minutos. As rugas em sua testa e olhos revelavam a idade já avançada do homem.

— Temo que meu futuro marido não demorará muito a juntar-se a você, meu estimado pai.

— Não diga tolices, ele é um homem bem mais jovem do que eu.

— Uma década, se eu for generosa.

— Cale-se, Cassandra! Uma mulher geniosa não é bem vista pelo marido, tampouco pela sociedade que nos cerca. Agora vamos, antes que o reverendo e seu marido percam a paciência.

Cassie fechou os olhos por alguns segundos e puxou o ar o máximo que conseguiu, inflando seus pulmões. Já que não lhe restava escapatória, precisava de todo o fôlego possível. O pai lhe deu o braço e Cassie aceitou a contragosto. Aquele era o pior pesadelo de todos, pois não adiantava abrir os olhos para lhe dar um fim.

Caminhou com o pai até a carruagem que os esperava na frente do casarão, alguns quilômetros da pequena cidade e de sua igreja. Encarou a casa e observou a forma como o sol reluzia na madeira que compunha a construção onde passara toda a sua vida. Ergueu os olhos e fitou uma janela no segundo andar, seu quarto, com vista para o estábulo e a pequena cerca onde ficavam presos os cavalos... Suspirou e levou a mão ao peito. Sentiria saudades da vida que teve naquela rústica construção com dois andares e uma grande varanda, ainda que, após a morte de seu pai voltasse a viver ali com o marido, nada seria como antes. Ao sentar-se e ajeitar a saia, Cassie se deu conta de que a única coisa que a salvaria era um milagre, algo que não acreditava que poderia acontecer.

James fez um sinal para o cocheiro, que moveu as rédeas, fazendo os cavalos começarem a andar na direção da pequena e tortuosa estrada.

Não havia para onde fugir, não encontraria qualquer esconderijo, era o fim...

Ouviu um relinchar dos cavalos e a carruagem parou de forma abrupta.

— O que está acontecendo? — James tateou a cintura em busca do revólver preso no seu coldre.

Ouviu tiros e o coração de Cassie bateu apertado. *Quem seriam?*

— Foras da lei! — James arregalou os olhos ao botar a cabeça para fora e

logo entrou outra vez, pálido.

— O que querem?

— Provavelmente, nos roubar.

Cassie ouviu um impacto no teto da carruagem e toda a estrutura estremeceu. Seu coração disparou ainda mais no peito. Sentiu falta de ar. Havia pedido para morrer e algum sádico decidira atender sua súplica.

Alguém enfiou o braço para dentro da carruagem e a segurou pelos ombros. Tentou lutar, porém, o sujeito era forte demais.

— Solte-me!

James apontou seu revólver e atirou contra a mão que adentrou na carruagem, porém, conseguiu errar, mesmo atirando à queima-roupa. Sua mira já não era a mesma há muito tempo, bem como seu equilíbrio em um veículo que balançava como o lombo de um búfalo.

Cassie foi puxada para fora num tranco e sentiu seus pés balançarem no ar. Por alguns segundos, imaginou que cairia e seria atropelada pelas rodas da carruagem, porém, seu corpo girou e ela foi parar em cima da carruagem, cara a cara com o fora da lei. Os olhos negros dele lhe prenderam, assim como as mãos grandes e firmes que seguravam seus braços. O coração dela disparou ainda mais e sentiu-se um tanto febril. Por alguns minutos, se esqueceu de que estava em cima de uma carruagem trepidando em pedregulhos e sem o menor equilíbrio.

Antes que ela pudesse abrir os lábios para proferir qualquer som, o sujeito a segurou pela cintura e saltou com ela para um cavalo em movimento, como se Cassie fosse uma boneca de pano. O corpo dela chicoteou no ar até parar sentada diante do fora da lei sobre pelo e couro. Estava assustada demais para poder gritar e mal percebeu que os cavalos se afastavam da carruagem onde estavam há pouco.

Seu destino e seu casamento se afastavam a galopes furiosos, regidos por um grupo de homens desconhecidos.



Cassie abriu os olhos devagar, sua cabeça girava assim como seu

estômago, no momento em que foi colocada sobre a cama dentro de uma tenda feita de couro. Estava tremendo. Não sabia quem era aquele homem, tampouco o que pretendia fazer com ela. A fama dos fora da lei os precedia, eram o grande terror do oeste.

Seu raptor ajoelhou-se à sua frente para fitá-la e estendeu-lhe um cantil cheio de água.

— Deve estar com sede.

Ela segurou o cantil entre os dedos trêmulos, porém, ao invés de beber, apenas encarou o homem. O rosto dele estava parcialmente coberto pela sombra do chapéu preto, mas Cassie podia ver os olhos cor-de-ônix, o queixo quadrado e a pele morena bronzeada pelo sol. Não enxergar o rosto do sujeito com clareza a arrepiava. Esperava que aquele dia fosse o pior de sua vida, mas não previra cair nas mãos de um fora da lei. Achava que nada poderia ser pior do que o seu marido... Contudo, seria o destino capaz de mostrar-lhe o contrário?

— Onde estou e quem é você? O que quer comigo? — Ela começou a recuar até encostar as costas nas peles que formavam a tenda. Olhou em volta e percebeu que o homem bloqueava a única saída.

— Sou Drake Knight, e você está no acampamento do meu bando.

— Foras da lei?

— Depende do ponto de vista. — Ele deu de ombros ao se sentar no chão. — Beba a água, não quero que fique com sede.

Cassie sentiu os lábios secos então atendeu à ordem. Seus dedos vacilaram e o cantil quase escorregou por eles. Tomou duas boas goladas da água e se sentiu confortável com isso, não podia negar que estava sedenta.

— Obrigada. — Devolveu o cantil a ele. — O que eu estou fazendo aqui? Não deveria ter feito isso comigo. Leve-me embora! — Ela o encarou com firmeza. Ainda que as feições do homem fossem amistosas, Cassie estava morrendo de medo.

— Não irá embora, senhorita! Não posso permitir que se case com Isaac Jones. — A voz de Drake assumiu um certo tom de frieza que fez um calafrio varrer o corpo de Cassie.

— Desculpe-me, mas não acredito que tenha tido todo esse trabalho para me livrar de um casamento por ser um homem generoso. — Engoliu em seco quando o pior lhe passou pela mente. Havia uma escassez de mulheres naquela

região. Enquanto os homens cavalgaram em direção às regiões mais inóspitas e cavavam o solo em busca de ouro, poucas mulheres rumaram para o oeste, excetuando as prostitutas dos saloons. Cassie temeu ter sido almejada daquela forma.

— Não sou um homem generoso, senhorita.

— Imagino que não, já que me tomou a força.

— A situação exigiu uma medida desesperada e peço desculpas por isso.
— Ele se levantou. — Descanse, verei se encontro algo que substitua esse vestido.

Cassie o observou sair, reparando nos movimentos da calça justa que modelava as pernas bem torneadas e um pouco tortas, por andar muito a cavalo sem usar celas.

Ajeitou-se na cama, olhando para a pequena e abafada tenda. O sol da tarde ainda incidia sobre o couro, fazendo-a assar de calor. Quis sair, porém achou mais adequado permanecer ali dentro, não sabia o que lhe custaria caso o desobedecesse. Estava amedrontada, por mais que em seu ímpeto pensasse em fugir. Aqueles foras da lei poderiam ser cruéis com a rebeldia dela.

Cassandra desejara com todas as suas forças poder escapar daquele terrível casamento, porém nunca imaginara que seria naquelas circunstâncias.
Fora raptada!

— Olá. — Uma mulher entrou na tenda com um vestido nos braços. — Drake me pediu para trazer algo que você pudesse vestir.

Cassie pegou a peça e a segurou em suas mãos. Não possuía o tecido fino e a costura sofisticada das roupas importadas da Inglaterra que seu pai lhe presenteava, porém, parecia mais confortável do que o volumoso vestido de noiva.

— Obrigada.

— Estarei lá fora, caso precise de mim.

— Qual o seu nome? — Cassie abriu um meio sorriso.

— Anelise, mas pode me chamar de Anne, como todos fazem.

— Obrigada pelo vestido, Anne. Tem alguma comida? Estou faminta.

— Troque de roupa e me encontre lá fora. Verei o que posso lhe oferecer.

— Eu posso sair? — Cassie sorriu como se essa trivialidade fosse uma

dádiva.

— Sim. Não é uma prisioneira aqui, senhorita Evans. Não lhe desejamos mal algum. Drake queria apenas evitar o casamento.

— Por quê?

— Ele lhe dirá. Tem seus motivos. Agora troque-se, aguarde-o lá fora.
— Sem se delongar, Anelise deixou a tenda.

Cassie tocou seu vestido de noiva. Estava livre daquele pavoroso casamento ao menos por hora, e o espanto do rapto aos poucos foi sendo substituído por uma estranha sensação de gratidão. Independente dos motivos pelos quais aquele homem decidira raptá-la a instantes do altar, isso havia sido benéfico para ela.

Trocou-se, deixando de lado o volumoso vestido de noiva e as luvas. Isso fez com que sentisse menos calor. Então saiu da tenda, encontrando Anne mexendo um caldeirão de ferro sobre uma fogueira, e perto dos cavalos estava seu salvador e mais quatro homens.

— Que ótimo que meu vestido lhe serviu.

— Sim, muito obrigada. — Cassie passou as mãos pela saia florida num tom rosa-claro.

— Aqui está. — Anne serviu a sopa em uma pequena tigela de metal e estendeu para Cassie. — É uma sopa de raposa. Foi o que os rapazes conseguiram caçar.

Cassandra olhou para a comida, o cheiro parecia delicioso. Entretanto, ficou esperando.

— O que foi? — Anne arqueou as sobrancelhas.

— Não tem nenhum talher.

— Não, aqui comemos com as mãos.

Aquilo foi estranho diante de todos os costumes e a etiqueta que Elizabeth havia ensinado a Cassie desde que ela era uma menina. Porém, diante da fome, não faria desfeita. Sentou-se em uma pedra próxima à fogueira e pegou um pedaço de carne com a ponta dos dedos delicados. Enquanto comia, Cassie observou Drake conversando com os outros homens de seu bando. Ele removeu o chapéu, revelando densos cabelos negros como a noite, que caíam sobre seus ombros. Drake era um homem truculento, tinha ombros largos assim como seus

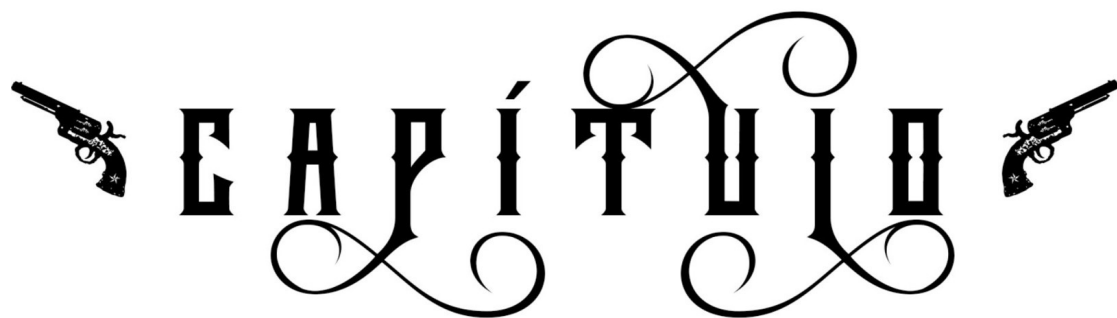
quadris, mas Cassie não via ameaça diante disso. O sentimento que lhe provocava era diferente.

— O que fará com ela, chefe?

— Iremos mantê-la aqui até que eu tenha um bom plano. — Drake olhou para a jovem que o encarava.

— Isaac Jones virá atrás dela com os seus homens.

— Estou contando com isso.



CAPÍTULO

Dois

O homem bateu com toda sua fúria sobre o altar da igreja, fazendo com que toda a estrutura de madeira trepidasse.

— Onde ela está?!

James se encolheu diante do olhar de fúria do seu futuro genro. Não considerava Isaac Jones como um filho, porém, desde que o homem de ascendência holandesa havia chegado àquelas terras, ele havia se mostrado um grande aliado e diante das circunstâncias, achava ser o melhor homem para gerir a mina quando morresse. Para isso, o casamento com Cassandra era imprescindível, porém, não contava que sua única filha fosse roubada pouco antes de entrar na igreja.

— Aquele maldito bandoleiro nos surpreendeu no meio da estrada e a levou! — James colocou as mãos dentro dos bolsos e cerrou os dentes, intensificando ainda mais a sua fúria.

— Qual bandoleiro?

— O maldito ladrão do Drake Knight e seu bando!

— O que iriam querer com a sua filha?

— Cavalheiros, por favor, abaxem a voz, estamos na casa de Deus — pediu o reverendo.

— Não sei o que queriam com Cassandra, porém estou contando com sua ajuda, xerife, para encontrar a minha filha

Mas Isaac sabia. Nada mais justificaria o evidente ataque de Drake se não fosse por ele ter algum plano em mente.

— Aquele maldito fora da lei irá me pagar.

Os convidados não entenderam o motivo da confusão quando foram expulsos da igreja. Onde estava a noiva e o que aconteceria com o casamento? Todos queriam saber, porém, ninguém obteve resposta alguma.

— Xerife, e o casamento? Onde está a noiva? — Um enxerido se atreveu a perguntar e foi fitado como se estivesse encarando o próprio demônio.

— Vá embora! Tire todos daqui!

— Mas, senhor... — O pobre homem assustado se encolheu.

— Agora!

O sujeito engoliu em seco e caminhou até os convidados.

— O casamento foi cancelado, por hora. Saíam, todos vocês!

Os convidados se levantaram em meio a murmurinhos e o reverendo balançou a cabeça em negativa, bastante irritado com toda a algazarra que tomou conta de sua igreja.

Isaac encarou James com fúria, raivoso com o vexame de ser deixado no altar por sua jovem noiva. Ainda que a culpa não fosse do homem, ele tinha a necessidade de descontar a sua fúria em alguém até que pudesse finalmente tirar a vida de Drake Knight, como deveria ter feito há vinte anos.



Cassie se abraçou quando sentiu o vento gelado adentrar pelas frestas da tenda e tocar a pele nua de seus braços. Olhou para a fenda que a levaria para fora. Seu primeiro impulso era sair correndo. Iria fugir para bem longe, correr enquanto houvesse ar em seus pulmões, livrar-se de tudo e finalmente ser livre. Porém, a sua vida lhe parecera um pouco mais preciosa do que nos últimos dias. Poderia correr, mas para onde iria? Não sabia caçar, nem cuidar de si mesma, sem contar os perigos com os quais poderia se deparar. Todo o território do Oeste era uma terra sem lei, outros bandoleiros e nativos poderiam ser mais hostis.

Tinha três opções naquele momento: conseguir regressar à propriedade de seu pai e casar-se com Isaac; correr sem rumo para um destino talvez pior; ou permanecer ali. Talvez não fosse sua melhor opção, mas sua cautela a levou a pensar que poderia dar uma chance à hospitalidade que lhe era oferecida.

Tomou um susto quando Drake entrou como se sua preocupação em se manter aquecida houvesse a impedido de ouvir os passos do homem. Ela deu um pulinho e se encolheu.

Drake riu.

— Não precisa ficar com medo de mim. Não lhe farei nenhum mal. —

Ele se sentou na cama ao lado dela. — Trouxe algumas peles para que se proteja do frio.

— Obrigada! — Cassandra ergueu a cabeça para encará-lo.

Dessa vez, Drake estava sem o chapéu e a jovem pôde observá-lo sob a pouca luz do crepúsculo. Os olhos negros eram tão profundos e intensos. Os lábios eram finos e ressecados, e ela sentiu um calafrio quando Drake passou a língua por eles para umedecê-los. O fora da lei se curvou em sua direção, tirou uma mecha de cabelo que atravessava o rosto de Cassie e a colocou atrás da orelha. A moça sentiu seu coração saltar a galopes.

— Vai... Vai...

— O quê? — Drake tombou na direção dela, esperando ouvir o que a moça tinha a dizer.

— Vai me molestar?

Ele se levantou como se tivesse tomado um choque e arregalou os olhos.

— Por Deus, não! Já disse que não lhe farei mal algum. Enquanto estiver sob meus cuidados, não sofrerá.

— Ah! — Cassie desviou o olhar.

Drake ficou extremamente surpreso com o desapontamento da moça. Foi como se ela não tivesse ficado contente com a resposta que lhe dera.

— Não é isso que homens como você fazem? — Voltou a encará-lo.

— Homens como eu? Não sei que tipo de homem pensa que sou, senhorita Cassandra, mas tenho meus princípios. Dentre eles, está não me deitar com uma mulher contra a vontade dela.

— Cassie. Prefiro que me chame de Cassie.

Drake franziu o cenho e a observou de esgueiro.

— Tudo bem, Cassie. Cubra-se com as peles, as noites costumam ser geladas.

Ela o observou sair da tenda, deixando-a sozinha outra vez. Cassie mordeu os lábios, arrependida pela pergunta que fizera a ele. A verdade é que Drake era o primeiro homem bonito de verdade que via em anos, depois que um entregador batera em sua porta com uma carta para o seu pai. Diante da cama de Isaac Jones, ser tomada por Drake Knight parecia mais agradável. O homem era bonito e despertava em Cassie desejos que seu marido jamais despertaria. Pegou-

se surpresa ao lamentar que ele não estivesse disposto a tomá-la. Logo um temido bandoleiro. Drake era um ladrão procurado e com recompensas por sua cabeça, Cassie jamais imaginou que, depois de tudo, ele viesse lhe dizer que tinha princípios. Ou será que ela não era atraente o bastante?

Drake saiu da tenda balançando a cabeça, confuso. Sabia da imagem que tinham dele desde que se tornara um famoso fora da lei, porém nunca havia violentado mulher alguma para que Cassandra pensasse isso dele. Era uma mulher bonita, não podia negar. A mistura exótica da beleza indígena e inglesa, com seus melhores elementos, mexia com a cabeça de qualquer homem, mesmo assim, deitar-se com ela a força era impensável.

Imaginou que a fala tivesse vindo diante do medo do ocorrido. A pobre mulher era só uma vítima e não tinha culpa alguma sobre a situação toda, porém, Drake não podia permitir que Cassandra se casasse com Isaac Jones. Enquanto não tivesse uma solução mais efetiva para tirar a fortuna que a moça herdaria das mãos do maldito, ele teria que mantê-la sob sua custódia.

Foi para o perímetro, aquela era a sua noite de fazer vigília. Já era perseguido por Isaac, e considerando que estava com a noiva dele, sabia que o homem viria como um demônio em seu encalço e esperava ter a chance de poder matá-lo.

Cassie se encolheu debaixo da pele de urso, se protegendo do frio que sibilava por dentro da tenda.

Se achou uma tola, sua estúpida pergunta certamente havia afastado o homem logo no momento em que não queria ficar sozinha. Drake se mostrara um homem mais gentil do que pensara que seria um salteador. Queria conversar com ele, saber mais sobre o tal sujeito, mas sua pergunta inapropriada pareceu ofendê-lo.

Por impulso, se levantou e saiu da tenda a procura dele. Enrolada na pele para se proteger da brisa fria da noite, que já havia tomado a capina onde estavam, percebeu que poderia sair dali correndo se quisesse, talvez demorassem ao menos uma hora para notar sua fuga, já que ninguém a vigiava, mas não quis. Drake era o primeiro homem que se lembrava de ser gentil com ela.

Não foi difícil encontrá-lo. O homem estava sentado sobre um velho tronco caído, rodando o revólver entre os dedos. Até que ele atirou contra um galho e Cassie pulou de susto.

— Deveria estar dormindo, senhorita.

Ela abriu os lábios, surpresa por ele ter notado a sua presença, mas não proferiu som algum.

— Não estou com sono. — Caminhou até Drake e se sentou ao seu lado no tronco. — Não tem ninguém me vigiando, eu poderia ter fugido.

— Sim, poderia. — Ele se virou para Cassie com o rosto encoberto pelas sombras da noite. — Mas não sabe onde está, e tampouco como voltar para casa. Se fugisse, apenas se perderia. Não sei se os animais que encontraria pelo caminho lhe seriam gentis. Considerando que apenas quero evitar seu casamento, posso apostar que não chegaria viva até o Isaac.

Cassie engoliu em seco.

— Não pretendia fugir.

— Imagino que não. Seria tolice chamar a minha atenção e depois sair correndo.

— É sério. — Ela riu. — Queria lhe agradecer.

— Agradecer-me? — Drake arregalou os olhos. Aquela era uma das frases mais improváveis que imaginou que ouviria na vida. — Eu a trouxe contra a sua vontade, não imaginei que ficaria grata por isso.

— Digamos que eu não queria me casar com o xerife.

— Por que não?

Drake se aproximou, ficando lado a lado de Cassie e ela pode jurar estar sentindo a respiração quente e a proximidade da mão dele. Estranhou seu coração acelerar novamente. Era essa a reação que um homem charmoso poderia provocar em uma mulher?

— Ele é um homem ruim e tem mais do que o dobro da minha idade.

— Ao menos não sou o único a achar ele um homem ruim, pois sei que ele é um grande amigo de seu pai.

— Acho que *aliado* seria uma palavra mais coerente.

— Tem razão. — Drake riu. Uma risada que aqueceu ainda mais o coração de Cassie.

Ela pensou em Elizabeth e no quanto a sua preceptora estaria horrorizada com a proximidade de uma dama solteira e um homem. *Conversando sozinhos sob a lua, que despautério!* Diante da situação, Cassie não se importou com os bons modos de uma moça britânica. *De que tudo isso lhe valera? Um terrível*

casamento com o xerife da cidade?

— Por que não quer que eu me case com ele?

— Já disse, não quero que o poder e a influência daquele homem se tornem ainda maiores. Ele já é terrível, imagine detentor de todo o seu dinheiro?

Cassie apenas assentiu com um movimento de cabeça, porém, não estava satisfeita. Havia algo mais pessoal na motivação de Drake e gostaria de descobrir o que era.

— Vai passar a noite aqui?

— Sim. — Ele voltou a olhar para frente. — Os outros homens estão descansando, você deveria fazer o mesmo, senho... Cassie.

Os olhos dela brilharam diante da pronúncia de seu apelido pelos lábios dele.

— Posso ficar aqui?

— Aqui é mais frio do que dentro da tenda.

— Tenho a pele que me deu, para que possa me aquecer. — Ela apontou para a manta que lhe envolvia os ombros.

Drake ficou em silêncio por alguns minutos, não entendia onde ela pretendia chegar com aquela conversa. Esperava que ela fosse uma coelha assustada dentro da tenda, mas ao invés disso, ela vinha lhe agradecer por tê-la roubado do altar. Não fazia o menor sentido.

A mão de Cassie estava tão próxima da sua sobre o tronco, que Drake desejou poder tocá-la, mas conteve seu próprio impulso. Falou que não faria nada contra a moça e estava ali, cogitando tocá-la. Ouvira sobre a beleza de Cassandra Evans, mas achou exagerados os boatos, talvez não fossem...

— Deve ir dormir.

— Não posso ficar?

Ela pretendia dar o troco enlouquecendo-o? Geniosa!

— A madrugada é ainda mais gelada.

Cassie percebeu que ele estava a evitando e isso a deixou inquieta. Talvez devesse mesmo voltar para o interior da tenda, porém seu âmagio queria permanecer ao lado dele. Algo naquele homem estranho a incitava e atraía. A beleza dele era indiscutível, mas seria apenas isso? Ou talvez o visse como um

salvador por tê-la tirado daquele pesadelo?

— Por que se tornou um bandoleiro? — Cassie estendeu a mão e tocou a dele, quente e áspera.

Drake se afastou como se houvesse tomado um choque e puxou a mão para si. Seu coração acelerou e suas pupilas se dilataram ainda mais. Uma gota de suor frio brotou em sua testa e escorreu até o queixo. Sentiu-se um menino. Assustar-se com o toque de uma mulher era, no mínimo, lamentável. Porém, o que lhe havia assustado fora o desejo que o simples toque provocou em seu âmago. Talvez o fato de não se deitar com uma mulher há algum tempo tivesse alterado o seu juízo.

— Durma, senhorita Cassandra. Não serei gentil da próxima vez.

O tom ríspido na voz dele a assustou e Cassie se levantou dando passos cambaleantes na direção da tenda. Talvez tivesse cometido um erro, talvez se aproximar do seu raptor poderia não ser como imaginava. Ele era bonito, mas não passava de um mero desconhecido. Talvez ainda fosse a sombra do casamento a impulsionando a tomar atitudes impensadas.

Cassie fechou os olhos e se aconchegou sob a pele, tentando dormir. Não queria correr o risco de que ele a devolvesse para o noivo apenas por ter se irritado com ela.

CAPÍTULO

Três

Cassie acordou com o som dos tiros e quase saltou da cama improvisada com o pulo de susto.

Esgueirou-se para fora da tenda a fim de ver o que estava acontecendo e viu os homens de Drake atirando contra garrafas de uísque vazias. Um deles estava sentado sobre um caixote de madeira, onde imaginou estarem as garrafas cheias.

Ela se aproximou de Anne, que preparava a refeição com pães e leite.

— Onde conseguiram tanto uísque?

— Eles roubaram uma comitiva na semana passada, que ia para Sacramento.

— Roubaram? — Cassie engoliu em seco.

— E como mais imaginou que conseguiriam? — Anne deu de ombros e estendeu uma caneca com leite para a prisioneira. — É leite de búfala, um pouco forte, mas ajuda a nos manter em pé ao longo do dia.

— Obrigada. — Cassie deu um meio sorriso ao se sentar diante de Anne em uma pedra ao redor da pequena fogueira.

Tomou o leite em uma única golada e percebeu o quanto estava faminta. Estendeu a caneca para Anne, que a serviu com mais um pouco.

— Porque é a única mulher com esse bando? — Cassie mordeu a língua, sua inquietante curiosidade poderia colocá-la ainda mais em perigo.

— Quando meus pais foram assassinados em seu rancho, meu irmão, Thomas — ela apontou com o queixo para o homem que estava sentado sobre o caixote de uísque —, quis se juntar a Drake e ao seu bando. Eu não tive outra escolha a não ser segui-los. Isso já faz alguns anos e os rapazes gostam da minha companhia.

— Imagino que sim, você é muito gentil.

— Obrigada, senhorita.

— Se houver algo em que eu possa lhe ajudar...

— Não há necessidade, viro-me bem com o serviço sozinha.

— Peço por mim mesma. O tempo custa a passar quando se está sentada olhando para o nada.

Anne riu.

— Certo. Pode me ajudar a lavar a roupa dos homens no riacho mais tarde. Sempre deixam tudo cheio de poeira e terra.

— Obrigada!

— Não agradeça até começar.

— Tudo bem. — Cassie mordeu a língua.

Olhou em volta e procurou Drake com o olhar, porém não o encontrou. Pensou em perguntar a Anne sobre ele, mas não lhe pareceu adequado. Depois da forma como bandoleiro a afastara na noite anterior, deveria estar evitando-a.



Isaac entrou no *saloon* empurrando as portinholas com as duas mãos e fazendo-as balançarem em movimento pendular, levando minutos para parar. Encarou as mesas redondas de madeira e as cadeiras vazias dispostas ao redor de uma forma desordeira, largadas de qualquer jeito pelos frequentadores do local. Os homens que jogavam cartas em um canto se encolheram ao ver a estrela dourada brilhar no peito do homem. O xerife era a lei, por mais que muitas vezes ele não estivesse correto, ele poderia fazer o que bem entendesse.

Ele sentou diante do balcão e deu um tapa sobre a estrutura de madeira, fazendo com que o *barman* olhasse para ele.

— Xerife, bom dia!

— Nem tão bom assim. — Isaac torceu os lábios e cuspiu no chão o pedaço de fumo que mastigava. — Quero um charuto e uma boa dose de rum.

O *barman* se virou para pegar o que lhe fora solicitado e agradeceu por não precisar ficar encarando o homem furioso. Todos na cidade estavam evitando falar sobre o casamento do xerife, ao menos diante dele. Deixado no altar pela noiva era um grande vexame. A maioria não sabia que Cassie fora sequestrada por bandoleiros.

— Olá, xerife. — Uma mulher se aproximou dele exibindo um decote provocativo e correu os dedos pelos ombros do homem.

— Serena. — Ele bebericou o rum antes de encarar a mulher.

— Lamento o que lhe aconteceu. Ser deixado no altar.

— Eu não fui deixado no altar! — O xerife arremessou o copo, que acertou a parede atrás da prostituta e assustou os homens que estavam sentados na mesa mais próxima, jogando poker. — Aquele maldito do Drake Knight a levou.

— Drake? — Serena ficou boquiaberta. — Há muito tempo não ouvia esse nome.

— Imaginei que esse maldito estivesse morto, mas pelo visto, não.

— Venha comigo. — Serena puxou o homem pelo colarinho da camisa. — É por conta da casa, posso fazê-lo relaxar um pouco.

Isaac abriu um sorriso malicioso e escorregou a mão até um dos seios da mulher sem qualquer pudor. Depois de todo o estresse, não lhe faria mal um pouco de distração e Serena, apesar de estar na casa dos seus trinta anos, ainda era uma mulher muito bonita para uma prostituta.

Ela manteve o sorriso mesmo diante da repugnância que lhe despertou o olhar faminto do homem que a tomara como se fosse um animal. Diante daquela vida, não cabia a Serena muitas escolhas.

— Posso sair em busca desse maldito mais tarde. — Ele se levantou e a seguiu por uma escada até o andar superior, onde ficavam os quartos em que Serena e as outras mulheres entretinham os clientes.



Tinha mãos delicadas, afinal, Cassie fora criada como uma *lady* inglesa e nunca fizera tarefas domésticas antes. Anne percebeu isso pela forma como era desajeitada ao lavar uma camisa.

— Pode deixar aí, se quiser.

— Não! Eu vou conseguir. — Cassie enfiou a camisa dentro do riacho e a peça quase foi levada pela correnteza. — Tudo bem, talvez eu não consiga. — Torceu os lábios, irritada.

— Não se preocupe, tudo é uma questão de prática.

— Enquanto está aqui, eu posso me banhar nas águas do rio? — Cassie sentia que o suor já impregnava sua pele. Não seria como os demorados banhos de banheira, mas a refrescaria.

— Poderia sim. Acho que todos os homens estão longe. — Anne deu de ombros, sem saber ao certo e voltou a prestar atenção na roupa que lavava.

Cassie se levantou, despiu-se do vestido e o colocou sobre a grama, entrando dentro da água gelada do riacho.

Drake parou de alimentar os cavalos e caminhou na direção das mulheres para ter certeza de que estava tudo bem. Aproximou-se a tempo de ver as costas nuas de Cassie, que entrava dentro do riacho. Se perdeu traçando as curvas dela com o olhar. Temeu que mantê-la ali acabaria sendo a sua perdição. Não a tomaria à força, mas isso não significava que não queria tê-la. O membro, que ficara duro apenas de observá-la, deixava claro seus anseios.

Desviou o olhar. Ela estava tomando banho e não devia espiar uma dama daquela forma. Deu alguns passos para trás e voltou para junto do bando, a fim de garantir que ninguém mais a visse naquele estado.

— Está tudo bem, Drake? Parece que viu um fantasma — perguntou Thomas, o irmão de Anne, ao dar um trago em seu charuto que só deixava os poucos dentes que restavam em sua boca ainda mais amarelados.

— Fiquem longe do riacho.

— Por quê? — Os homens estranharam a ordem.

— Apenas fiquem longe. — Drake não deu uma resposta mais clara porque sabia que isso só instigaria os homens a irem até lá e não queria que o banho de Cassie se tornasse um show.

— Podíamos trazer mais mulheres para o bando. Elas melhoram a vista e o cheiro do lugar. — Urdir, um homem truculento e barbudo comentou.

— Sabe que esse não é um lugar para mulheres.

— Não as menospreze, Drake.

— Cassie não ficará aqui por muito tempo. Só preciso matar o Isaac antes de devolvê-la ao pai.

— Ou ele matar você. — Thomas bufou.

— Ele teve sua chance de me matar e não o fez, vou garantir que se

arrependa disso.

Os homens sentiam o amargor na fala de Drake quando ele se lembrava da raiva que possuía do atual xerife. A rixa antiga entre os dois não fora apagada com o passar dos anos.

— Já estamos aqui há uma semana. — Drake mudou de assunto. — Precisamos pensar em outro lugar para irmos. Se ficarmos parados, acabaremos nos tornando alvos fáceis para *rangers*^[1] ou os caçadores de recompensa.

— Quanto será que está valendo a sua cabeça, agora que roubou a noiva do xerife?

— Imagino que devam estar pagando o meu peso em ouro.

— Não seja tão exibido. — Urdir gargalhou. — Se for isso, eu mesmo o entrego.

Drake apenas balançou a cabeça em negativa.



James supervisionou a colagem dos novos cartazes pela cidade com o rosto de Drake Knight estampado. Estavam oferecendo dois quilos de ouro pela captura do fora da lei. Recompensa que ele mesmo pagaria para ter sua filha de volta.

Nunca fora um pai muito amoroso, porém, ao seu modo, se preocupava com a segurança de Cassandra e se perguntava como ela estaria à mercê de criminosos. Certamente, sentia-se desesperada e assustada. Imaginou que deveria ter adiantado o casamento, já era um homem velho, e sob a custódia do xerife, sua única filha estaria em segurança. Sabia o quanto aquelas terras eram perigosas, principalmente para uma jovem donzela.

— Os *rangers* estão atrás de Drake e do restante do bando. Logo Cassandra estará de volta.

James tomou um susto assim que percebeu a aproximação de Isaac e se virou para encarar o homem que segurava a aba de seu chapéu de tom areia.

— Por que será que a levaram? — James massageava as têmporas. O homem estava desolado em busca de respostas. — Quando será que farão o

pedido de resgate?

— Pedido de resgate?

— Sim. Imagino que levaram a minha filha esperando ganhar alguma recompensa para que eu pudesse tê-la de volta.

— Imagino que façam o pedido em breve. — Isaac colocou as mãos dentro dos bolsos da calça. Não pensava que Drake levara Cassandra a fim de pedir um resgate por ela. Isso não era do perfil daquele frangote. Sabia que o sequestro de sua noiva fora exclusivamente para atingi-lo, porém, James desconhecia o passado que envolvia o xerife e o bandoleiro e não achava prudente contar. A verdade poderia fazer com que perdesse a confiança do dono da mina e a herança que viria do casamento com Cassandra.

James secou as mãos suadas em seu casaco. Estava aflito e voltar para casa e se deparar com a agonia de Elizabeth só pioraria seus nervos. Por que esses malditos tinham que levar a sua filha? Poderiam ter roubado a carruagem, ouro ou outros pertences, mas não sua única filha.

— Xerife Jones, estou contando que dedique todos os seus esforços para encontrar Cassandra.

— Assim o farei, James.

— Preciso ir até a mina inspecionar o serviço, mas peça que me avisem se tiverem qualquer novidade sobre o paradeiro de minha filha.

— Eu o mantereii informado.

— Obrigado.

James deu as costas e Isaac o observou se afastar. O xerife faria tudo ao seu alcance para trazer Cassandra de volta porque ela era a sua certeza de que teria total controle sobre a região.

CAPÍTULO

Quatro

E stavam todos reunidos ao redor da fogueira enquanto Urdir contava uma história sobre uma tentativa de roubar uma manada de búfalos que havia dado errado. Cassie observava as fagulhas que escapavam da madeira em brasas e se contorcia com as mãos na barriga. Nunca rira tanto na vida. Com o céu estrelado sob suas cabeças, num dia de lua cheia em que ela podia ver os rostos sendo revelados pela chama do fogo, a jovem dama se perguntava se havia se divertido tanto em algum outro momento da vida. Talvez quando ainda era uma menina e pregava peças em Elizabeth, mas nunca rira tanto quanto das confusões em que Urdir se metera e da forma como ele contava. *Quem riria de ser pisoteado por búfalos?*

Ela tomou mais um gole da sopa que sujava seus dedos e voltou a prestar atenção. Até se arriscou com um gole ou dois de uísque e foi o suficiente para deixá-la um tanto zozza. Toda a sua etiqueta e costumes pareciam terem sido deixados para trás dentro da carruagem e Cassie nunca se sentira tão livre.

— Aceita um pouco mais? — Anne se ofereceu para servir Cassie.

— Sim, por favor.

Drake observou a mulher entre seus homens, ela sorria e interagiu com eles. Feliz de um modo que ele não imaginou que uma mulher que fora sequestrada ficaria. Aceitou que ela havia falado a verdade quando o agradecera por tê-la salvo do casamento indesejado e isso o fez sorrir. Drake não gostava de ser visto como um vilão, por mais que todas as situações em que se metera nos últimos anos o levava a essa fama. Porém, depois do que havia lhe acontecido, ninguém o recriaria.

Urdir acabou a história e abriu a boca em meio a um bocejo, fazendo com que todos o imitassem. Já era tarde da noite e nem haviam se dado conta. Dias como aquele faziam com que se lembrasse de como era bom estarem juntos.

O olhar dele e o de Cassie se cruzaram e ela não desviou, permaneceu encarando-o por longos minutos. Era mais desafiadora do que uma jovem dama rica e mimada deveria ser. Talvez houvesse mais do espírito nativo e indomável de sua mãe nela do que a aparência indicava. Foi ele quem desviou o rosto e se levantou, sendo acompanhado pelos outros homens.

— Urdir, essa noite é a sua vez de fazer a vigília. — Ordenou com a voz firme enquanto caminhava até sua tenda.

Cassie o observou enquanto a luz das labaredas que serpenteavam sobre a fogueira permitira. Suspirou quando ele desapareceu nas sombras.

— Anne, o Drake tem alguma mulher?

— Está me perguntando se ele é casado?

— Sim... — Cassie olhou para a fogueira sentindo suas bochechas arderem tanto quanto a brasa.

— Não. Drake não é um homem casado. Não são muitas mulheres que querem se casar com um fora da lei.

— Entendo.

— Por que está tão interessada nisso?

— Não é por nada. Apenas me parece o tipo de homem que teria uma família.

— Acho que ele está mais preocupado em sua vingança contra o seu noivo.

— O que o xerife fez a ele?

— Matou a família dele.

Cassie engoliu em seco e arregalou os olhos.

Ao perceber que ela estava surpresa demais com o que acabara de ouvir, Anelise continuou.

— O pai de Drake era o antigo xerife há quinze anos. Isaac assumiu o posto quando o assassinou e a toda a sua família. Drake tinha dez anos, só sobreviveu porque Isaac não o viu, mas seu irmão mais velho não teve a mesma sorte.

Cassie estava boquiaberta, imaginava que seu futuro marido era um monstro, mas nunca ao ponto de matar uma família toda por poder. Entendeu a raiva de Drake, quem não se sentiria assim diante de toda aquela situação?

— Vou dormir. — Anelise se levantou. — Sugiro que faça o mesmo.

— Sim. Obrigada. — Cassie fez o mesmo e caminhou até a sua pequena tenda.

Deitou sob o calor das peles e ficou pensando sobre o que Anne lhe revelara durante a breve conversa e no quanto aquilo tudo era triste, e que ela desejava poder abraçar Drake. Falar com ele que sentia muito.

Tentou dormir, contudo não conseguiu. As peles pareciam fazê-la suar excessivamente e as empurrou para o canto, virando-se para o outro lado. Após alguns minutos inquieta, levantou-se. Não deveria, Elizabeth a esganaria se soubesse o que a jovem pretendia fazer, mas não se importou. Agira por puro impulso, mas fizera o que seu coração desejava.

Cassie esgueirou-se para fora da tenda e se deparou com a fogueira apagada. Urdir estava sentado ao longe, assobiando e chutando algumas pedras, nem reparou na dama indo até a tenda do líder e entrando de supetão.

Drake abriu os olhos ao ouvir o som dos passos e passou a mão em sua arma, apontando-a para a entrada da tenda.

— Acalme-se! — Cassie ergueu as mãos com o susto. — Sou a Cassie.

— O que está fazendo aqui, senhorita? Eu poderia ter-lhe acertado com uma bala.

— Desculpa por tê-lo assustado, não foi minha intenção.

— Tudo bem. — Drake se levantou e soltou a arma. — O que está fazendo aqui? Deveria estar dormindo.

— Anelise me contou sobre o que aconteceu com a sua família. Eu sinto muito.

— Mulheres e a sua falta de habilidade em manter a língua dentro da boca. — Drake respirou fundo. — Ela não deveria ter-lhe contado sobre isso.

— Eu sou um tanto insistente.

— Percebi. — Ele bufou. — Não imagino que seja tola o bastante para pensar que seu noivo era um santo.

— Não. Mas confesso que não pensava que ele pudesse ser um homem tão cruel.

— Minha família não foi a única dizimada por ele. — Drake deu de ombros, sem querer render o assunto.

— Como se isso amenizasse a sua dor. — Cassie se sentou ao lado dele. — Eu perdi a minha mãe e, por mais que nunca a tenha conhecido, às vezes eu sinto muito a falta dela.

Drake apenas grunhiu, sem dizer palavra alguma. Queria que seu olhar furioso fosse o bastante para fazer Cassie ir embora, no entanto, a noite mal permitia que ela visse os seus olhos, quanto mais se assustasse com eles.

A proximidade dos dois o fez começar a ofegar.

— Precisa ir para a sua tenda, Cassie...

— Por quê? — A curiosidade dela fez com que tombasse o rosto ainda mais na direção dele.

Inferno!, Drake praguejou em pensamentos ao puxá-la pela nuca e trazê-la até os seus lábios. No princípio, Cassie se assustou, mas depois abriu os lábios com a pressão da língua dele e deixou que explorasse o interior da sua boca.

Ele escorregou a mão da nuca até a cintura, trazendo-a para mais perto, colando-a em seu peito. Cassie sentiu um calor subir do meio das suas pernas e se alastrar por todo o seu corpo como fogo em grama seca. Apoiou as duas mãos sobre os ombros dele e deixou que o bandoleiro intensificasse o beijo, ensinando a ela como dar o próximo passo, com Cassie respondendo muito bem a cada investida.

Drake perdeu o juízo, subiu com a mão livre pela lateral do corpo de Cassie e apertou o seio cujo mamilo espetava o tecido fino do vestido, fazendo-a estremecer. Ela deu um pulinho em seus braços e isso bastou para que Drake recobrasse um pinga de razão e se afastasse.

— Vá para sua tenda, Cassie.

— Mas... — Ela ainda estava entorpecida pelo beijo arrebatador.

— Agora!

Ela se assustou e saiu cambaleando para fora da tenda. Não entendia o que havia feito de errado para que Drake a expulsasse daquela forma. Num instante, se beijavam despertando nela sensações que nunca havia sentido, e no seguinte, ele estava todo furioso e rosnava como um lobo.

Assim que ela saiu da tenda, Drake deixou que o peso do seu corpo o fizesse deitar outra vez. Massageou as têmporas e bufou. *O que estava fazendo? Beijá-la era um erro, desejá-la era outro maior ainda.* Disse a Cassie que não a tocaria, mas havia quebrado a promessa e sabia que faria de novo caso ela continuasse a se aproximar. Drake poderia ter escrúpulos, mas também tinha instintos que o instigavam para a bela mulher.

Tinha sequestrado Cassie para evitar o casamento, não para torná-la sua

amante. Era de bom tom preservar a virtude da jovem dama para que ela encontrasse um casamento no futuro com outra pessoa que não fosse Isaac Jones.

Sentiu o membro ainda rígido dentro da calça. Seriam dias difíceis enquanto ela ainda permanecesse ali.

Cassie ofegava com o calor que o beijo lhe despertara quando entrou em sua tenda. A surpresa também era um sentimento que a sobrepujava. Não compreendia o motivo dele tê-la afastado, se o beijo estava tão bom.

Ela nunca fora beijada antes e ficou contente pelos primeiros lábios que a tocaram não foram os asquerosos de Isaac Jones. Queria voltar até a tenda de Drake e beijá-lo de novo. Não estava pronta para aquela abrupta separação. Porém, sabia que não era prudente voltar até lá depois da fúria com a qual ele a havia expulsado.



CAPÍTULO



Cinco

Cassie acordou com os raios de sol adentrando pelas frestas da tenda e ouviu o som das pessoas se movimentando. Saltou da cama e saiu para ver o que estava acontecendo fora da tenda. Viu Drake e os homens desmontarem o acampamento e Anne recolher as coisas, colocando-as próximas aos cavalos.

— O que está acontecendo?

— Vamos para outro lugar. — Anne mal olhou para ela enquanto carregava o caldeirão e outros utensílios.

Cassie pegou alguns para que não caíssem.

— Por quê?

— Não é seguro que fiquemos no mesmo local por muito tempo. Não queremos que os *rangers* ou os caçadores de recompensa nos encontrem.

— Em que posso ajudar?

— Verifique se não tem nada ficando para trás.

Cassie assentiu e no momento em que ela virou, seu olhar cruzou com o de Drake. Ele tentou desviar rápido, entretanto aqueles profundos olhos azuis, repletos de confusão o enlaçaram. Desejou beijá-la de novo e isso lhe pareceu um grande perigo. Seus anseios por Cassie certamente não cessariam com a troca de alguns beijos, ao contrário, só inflamariam.

Drake finalmente conseguiu sair daquele olhar aprisionador e foi desmontar a tenda onde Cassie dormia.

— O que aconteceu com ele? — Anelise perguntou para Cassandra.

— Eu não sei. — Cassie realmente gostaria de saber o que acontecera para que o homem reagisse daquela forma.

Cassandra ajudou como pôde, mesmo que não soubesse com exatidão onde ficavam as coisas. Ficar parada lhe dava uma desculpa para pensar e isso a enlouqueceria.

— Essa é, sem dúvidas, a prisioneira mais solicita que já tivemos — debochou Thomas ao parar ao lado de Drake.

— Ela não é uma prisioneira.

— Não? Imaginei que esse fosse o nome que damos a alguém que fica em algum lugar contra a sua vontade.

Thomas tinha razão e Drake começou a pensar em outras alternativas, um local em que pudesse deixar Cassie em segurança até que sua situação com Isaac fosse solucionada.

— Vamos terminar de pegar as coisas e partir. — Drake se afastou, deixando claro que não queria delongar o assunto por muito mais tempo.

Após o acampamento ser desmontado, os bandoleiros subiram em seus cavalos e Drake ajudou Cassie a sentar à sua frente, com os braços dele a envolvendo de uma forma que ela ficasse firme e protegida. Sentiu um calafrio com o calor do corpo tão próximo e odiou não estarem cara a cara.

Drake ergueu as rédeas e o cavalo negro começou a se mover, e logo o trotar do animal se mesclou com as palpitações do coração de Cassie. Ela desfrutou do contato durante a viagem, por mais que esse fosse meramente objetivo, enquanto Drake movia o cavalo.

A viagem durou horas e Cassie não fazia ideia para qual local estavam indo, porém, sentia-se estranhamente segura na companhia daquele bando.

O sol castigava a sua pele e o suor escorria pelo seu rosto. Drake percebeu, tirou o seu chapéu e colocou sobre a cabeça dela.

— Obrigada! — Cassie virou para ele e sorriu.

Drake apenas assentiu com um movimento de cabeça e não disse nada.

No fim da tarde, pararam às margens de outro riacho.

— Vamos ficar por aqui. — Drake desceu do cavalo e o amarrou em uma árvore, para depois ajudar Cassie a descer.

— Obrigada.

Ele odiou a forma como desejava beijá-la toda vez que Cassandra sorria. Manter uma distância segura parecia ser seu maior desafio.

— Urdir, vá caçar. Vou pegar lenha. O restante de vocês, montem o acampamento — ordenou Drake.

Cassie o observou se afastar. Queria ir com ele, mas se conteve. Certamente seria recriminada por seus impulsos.

— O que está acontecendo entre você e o Drake?

— Nada. — Ela balançou a cabeça em negativa enquanto tirava uma pilha de peles sob o lombo do cavalo.

— Evitam olhar um para o outro.

— Não há nada. — Cassie suspirou. Queria dizer que havia, adoraria dizer que Anne estava certa, mas não podia.

Anne parou de insistir, por mais que o clima e a tensão que pairava entre os dois indicavam que havia algo acontecendo.

Drake saiu para encontrar madeira para a fogueira que os aqueceria a noite. Na verdade, era uma desculpa para ficar o mais longe possível de Cassie. Havia algum tempo desde a última vez que dormira com uma mulher e imaginava que fossem os instintos bagunçando a sua cabeça. Tinha esperança que, ao se ocupar com algo, teria sua paz de volta.

Passou as mãos pelos cabelos a procura de seu chapéu e lembrou-se de que ele ainda estava com Cassie. *Cassie...* A indecorosa informalidade com a qual a tratava não estava ajudando em nada as coisas entre eles. Deveria tratá-la por senhorita Evans, por mais que o impulso fosse outro. Ela não era uma das mulheres que ele encontrava no saloon e que poderia se divertir durante a noite. Era uma inocente pega no fogo cruzado entre ele e Isaac. Odiava tê-la arrastado para isso, tirá-la do conforto da vida repleta de regalias que seu pai lhe provia.

Esperava encontrar logo um jeito de se livrar do maldito e devolver Cassandra intacta para o seu mundo. Para isso, precisava sobreviver a crescente tentação de tocá-la.

— Parece que viu um fantasma, Drake.

O fora da lei quase tomou um susto ao ouvir a voz do amigo que surgira do nada atrás dele, porém Drake apenas se curvou e pegou um fino galho seco do chão.

— O que está fazendo aqui, Thomas?

— Vim ver se precisava de ajuda, já montamos o acampamento, e como ainda não havia voltado...

Drake não conteve o arregalar de olhos ao perceber que tanto tempo se passara e ele não fizera nada além de pensar em sua situação com a senhorita Evans.

— Desde quando preciso de ajuda para pegar um punhado de madeira seca?

— Desde o momento que ainda não pegou nenhuma.

— Peguei sim. — Drake balançou o graveto e deu de ombros.

— Que seja! Apenas pare de demorar. Estamos famintos e Anne precisa da fogueira para preparar nossa sopa.

— Já estou indo.

Drake se virou sentindo o suor escorrer por sua pele devido ao sol quente que ainda ardia sobre sua cabeça. O chapéu estava fazendo falta. Esforçou-se ao máximo para se concentrar e pegar a madeira, não queria que a sua estranha atitude chamasse a atenção dos homens.

Ao retornar, soltou os galhos no centro do acampamento e bateu a poeira dos braços com as mãos. Percebeu que ela estava sentada próximo a ele, sobre um caixote, porém, evitou encará-la. Até que o som de Anne deixando algo cair fizesse com que seus olhares se cruzassem.

Drake sentiu um aperto no peito e um impulso para titubear para trás, fora como se tivesse tomado um coice que o acertara com toda a violência e roubara-lhe o ar. Parecia que, quanto mais tentava afastar-se dela, mais seu corpo o impulsionava na direção da moça. Não poderia ter sequestrado uma mulher desprovida de beleza e com um comportamento menos angelical?

Cassie percebeu a forma como os olhos dele se arregalaram ante a sua presença. Percebeu que havia algo acontecendo ali, mesmo não sabendo dizer ao certo o que era. Quis se aproximar de Drake, porém, a forma como a sua expressão se fechou a fez recuar. Perguntou-se o que fizera de errado para deparar-se com tal reação por parte do homem, mas nada lhe dera uma resposta convincente.

— Obrigada pela lenha, Drake. — Anne apareceu entre eles e o fora da lei respirou aliviado.

Ele assentiu com um movimento de cabeça e começou a andar para longe outra vez, até que Cassie correu e o segurou pelo pulso. Drake sentiu o coração vir a boca e sua pulsação parar. Por impulso, ele puxou o braço, assustando Cassie.

— Desculpe. — Ela se encolheu. — Só queria lhe devolver o chapéu. Muito obrigada, mas agora, imagino que precise mais dele do que eu.

— Obrigado. — Drake manteve a expressão fechada.

Ao ver que ela continuava de olhos arregalados e lábios semicerrados,

Drake respirou fundo e se aproximou dela.

— Não queria ser rude.

— Tudo bem. — Ela engoliu em seco e desviou o olhar.

Drake respirou fundo e ergueu o queixo dela, fazendo-a voltar a encará-lo. Cassie sentiu o toque dos dedos ásperos roubarem-lhe o fôlego. O encarou e jurou poder se perder na vastidão daqueles olhos tão escuros. Ela havia se perdido naquele caminho sem que se desse conta. Sentia-se melhor perto daquele estranho do que com qualquer outra pessoa com quem estivera na vida. O silêncio pairou sobre eles como uma manta que cobria um leito. Aqueles que estavam em volta deles desapareceram sob o olhar concentrado.

Ele escorregou o polegar pelos lábios da moça, sentindo a maciez em contraste com a sua pele agredida pelo sol e pela areia. Desejou curvar-se sobre ela e tomar os lábios outra vez. Mas um choque de bom senso o fez se afastar.

Raspou a garganta seca com a saliva e virou-se de costas para não mais encará-la.

— Talvez seja melhor encontrarmos outro lugar para você até que a situação com o xerife seja resolvida.

— Como assim, outro lugar? Não pretende me devolver a ele, ou pretende? — Cassie ficou horrorizada. A ideia a fez cambalear alguns passos para trás, como se tivesse tomado um enorme susto. Depois de tudo, Drake não poderia ser cruel o bastante para entregá-la nos braços de seu pesadelo quando imaginou que poderia viver um sonho com ele.

— Não lhe devolverei a Isaac. Não posso permitir que se casem. Porém, pode haver um lugar melhor do que aqui. A família da sua mãe é nativa. Talvez possa ficar com eles até que tudo se resolva e possa voltar para casa.

Cassie o encarou e balançou a cabeça em negativa. Não podia abandoná-la assim. Reprimiu uma lágrima, mas sabia que não iria suprimir as próximas que ardiam em seus olhos. A aflição bloqueava sua garganta e as palavras arranhavam seu peito. Deu as costas para Drake e saiu correndo, sem se preocupar para onde iria.

A meio caminho dali, Cassie libertou as lágrimas e deixou que vertessem de seu rosto. Não poderia esperar muito daquele homem, ele era um bandoleiro, um fora da lei procurado. Se iludira em almejar que ele fosse a sua salvação, que a livrasse de seus pesadelos e lhe proporcionasse uma vida nova, quicá emocionante. *Fora tola*. Drake deixara claro que impedir o casamento nada tinha

a ver com Cassandra, e sim com seu noivo.

Parou de correr ao chegar a uma pedra, suas pernas doíam e não tinha mais ar em seus pulmões para continuar correndo. Ainda era capaz de ver a fumaça da fogueira e sabia que não estava longe o bastante para não ser recapturada, entretanto, não tinha medo disso. Ao ser sincera consigo, não sabia para onde ir, só havia montanhas e uma vegetação rasteira por quilômetros. Iria voltar, apenas precisava ficar longe de Drake por alguns instantes.

Passou as mãos suadas na superfície áspera e porosa da pedra e abraçou os próprios joelhos enquanto suas lágrimas molhavam o chão seco sob seus pés.

— Senhorita Evans. — Drake pigarreou e Cassie ergueu a cabeça para encará-lo.

Sentiu o corpo estremecer e as pernas vacilarem. Por sorte, estava agachada e tinha apoio para se manter estável. A forma como ele a encarava era como se fosse capaz de enxergar além de sua alma. Mas a forma como ele se referiu a ela a fez encarar a situação com um pouco de sobriedade.

— Senhorita Evans?

— Ainda é senhorita, não? — Ele colocou as mãos dentro dos bolsos e permaneceu a encarando.

— Sim, mas não me tratava com essa formalidade.

— Desculpe-me por isso. Mas é como eu deveria tratar-lhe.

Ela cerrou os dentes e suas lágrimas se intensificaram ainda mais. Drake não resistiu, agachou-se diante dela e colocou uma mecha do cabelo preto atrás da orelha para ver melhor seu rosto.

— Não queria lhe causar sofrimento algum, peço desculpas por isso.

— Então por que só me afasta? — Ela passou as costas das mãos pelo rosto, jogando as lágrimas longe e o encarou com fúria. Sua tristeza ruiu em raiva e o olhar fuzilou Drake de uma forma que o fez recuar.

— Eu não quero que isso se torne ainda mais difícil para você.

— Já se perguntou em algum momento o que eu quero?

O fora da lei arregalou os olhos, não esperava tal tipo de questionamento.

— Aposto que não. — Cassie tomou força e ficou de pé.

Estava farta de todos acharem que podiam decidir por ela, que sempre

sabiam o que era mais importante para ela quando sequer perguntavam a sua opinião. A brisa do vento que soprou no fim de tarde fez seus cabelos lisos e escorridos flutuarem ao seu redor, tornando ainda mais imponente sua posição.

— Tem razão. — Drake abaixou a cabeça, derrotado. — O que quer, senhorita? Prometo fazer o melhor para que sua estadia conosco seja minimamente confortável.

— Quero que me beije.

Drake arregalou os olhos.

— Desculpe? — Fingiu não ter ouvido em alto e bom tom.

— Quero que me beije, Drake. A não ser que não deseje isso. — O olhar firme, carregado de uma atitude e valentia que uma jovem dama rica não costumava ter, o desafiou. Talvez existisse mais da nativa em Cassie do que sua aparência, como ele já suspeitava.

A parte racional de Drake quis proferir qualquer outro questionamento, no entanto, essa foi suprimida quase de imediato por seus instintos. Ele segurou Cassie pela cintura, colocando uma mão de cada lado e a puxou para si, pressionando-a contra seu peito quente e firme. O desejo a congelou e o peso dos lábios a derreteu. As pupilas se dilataram com a excitação, tingindo de negro o azul dos olhos de Cassie e ela sentiu as pernas vacilarem outra vez quando o saqueador curvou o rosto e tocou seus lábios, atendendo ao pedido que ela havia feito. O sol já se pora e dado lugar ao crepúsculo, entretanto, a dama ainda estava suando. Talvez todo esse calor se devesse aos braços quentes como brasas, que a envolviam com extrema força, porém, sem a machucar.

Drake pressionou sua rigidez contra Cassie, no momento em que sua língua abriu passagem por entre os lábios delicados e começou a explorar a boca sem pudor algum. A barba roçou no pescoço dela quando o fora da lei começou a escorregar com beijos por ele, e a dama estremeceu inteira.

A pele de Cassie era tão macia, suave e doce como mel, e Drake se viu diante de um abismo onde não havia outra escapatória, a não ser se atirar e aceitar o derradeiro destino que lhe esperava. Libertou suas mãos e deixou que vagassem, explorando cada traço, cada curva. Escorregando da cintura até as nádegas, depois tomando o caminho de volta e subindo até afofarem os seios, cujos mamilos eriçados marcavam o tecido do vestido. *Inferno!* Como queria tocá-la, e assim o fez. Desabotoou o vestido o suficiente para alargar o decote e beijar a altura dos seios.

Cassie se retorceu, arqueou o corpo e jogou a cabeça para trás permitindo que ele prosseguisse com o que pretendia fazer. Não fazia ideia do quanto estava desejando-o até aquele momento. Odiou a ideia de ser condenada a um casamento sem poder experimentar aquilo nos braços de um homem tão bonito e viril como Drake Knight.

Ele estava ardendo de desejo por Cassie, e toda a muralha que tentou constituir ao seu redor para afastá-la caiu por terra no momento em que seus lábios tocaram o mamilo do seio, que havia deixado a mostra. Sentiu o gosto explodir na sua boca como se tivesse provando do próprio céu. Seu membro se agitou dentro da calça, mostrando quem estava no controle da situação, contudo, não havia sobriedade em Drake para que se importasse.

Escorregou mais o vestido pelos ombros de Cassie, ela fechou os olhos e mordeu os lábios, perdida na inebriante onda de sensações que a tomavam. O que havia começado com um beijo, a levava por um caminho sem volta pela mais profunda luxúria. A cada carícia e toque da língua provocante dele, seu corpo ansiava por mais e, instintivamente, ela abria as pernas. Quando ele desceu com as mãos e apertou de maneira dolorida as suas nádegas, Cassie soltou um gemido de prazer.

Drake foi tomado por uma lufada de sanidade e se afastou como se houvesse sido atingido por um raio, e sem seus braços sustentando Cassie, a dama caiu sentada sob um pequeno arbusto.

Ela arregalou os olhos, confusa demais para compreender como as coisas haviam terminado. Ainda entorpecida pela névoa que lhe tomara de assalto, Cassie moveu os lábios, sem conseguir proferir palavra alguma nos primeiros minutos.

— Isso foi um erro! — Drake balançou a cabeça em negativa, massageando as têmporas, na esperança que seu desejo e seu membro diminuíssem.

— Não, não foi. — Cassie permaneceu sentada, não tinha certeza se suas pernas a sustentariam de pé e não quis arriscar.

— Vista-se, por favor. — Os seios ainda a mostra, tão redondos, macios e saborosos, estavam tentando o autocontrole dele.

— Por que está fazendo isso? — Cassie ajeitou o vestido a contragosto.

— Não entende? Se continuássemos, não paráramos apenas em um beijo e eu seria o responsável por desgracar por completo a sua vida.

— Não desgraçou ...

— É muito ingênua. — Drake balançou a cabeça em negativa ao passar as mãos pelos cabelos. — Não tem ideia do que está falando.

— É a minha vida, bandoleiro. Sei o que estou fazendo com ela. — Furiosa, ela se colocou de pé.

— Vamos voltar. — Drake pegou o chapéu que havia caído ao chão em meio ao beijo e respirou fundo.

Cassie passou por ele batendo o ombro no braço do baldoleiro e seguiu pisando duro.

Drake a achou maluca por parecer desejá-lo tanto quanto ele a desejava. Ele não tinha nada a oferecer para que uma rica herdeira como ela se interessasse por ele. Isso estava errado, e não poderia deixar que isso acontecesse novamente.

CAPÍTULO

Seis

O homem tocou na aba do chapéu e o levantou, saudando a dama que passava por ele na rua da pequena cidade. Caminhou, com a espora de suas botas se movendo a cada passo, até a parede do saloon do lado de fora e viu um cartaz de procurado. Puxou o papel com um único tranco e encarou o desenho do sujeito que o xerife queria preso. A fria brisa, que vinha das ásperas montanhas engolidas pela noite, serpenteava por entre seu lenço amarrado no pescoço e por seus cabelos crespos e sujos, na altura dos ombros.

Todos os que passavam pela rua encaravam o estranho forasteiro, até que o dono da barbearia deixou sua lâmina sobre o balcão e foi até o estranho.

— Quem é você?

O forasteiro moveu a cabeça apenas o suficiente para encarar o outro homem de esgueiro.

— Sou River Davis, um caçador de recompensas.

— Foi mandado pelo governo para cá?

— Digamos que sim.

— Está atrás do Drake Knight?

— Você faz perguntas demais, não acha? — River puxou a camisa e exibiu, de forma pouco discreta, a *colt* em seu coldre, fazendo o barbeiro engolir em seco.

— Bom, espero que faça boa passagem em nossa cidade. Se precisar de um corte de cabelo, sabe onde me encontrar.

River apenas moveu os olhos sem falar nada. O barbeiro deu alguns passos cambaleantes para trás, antes de dar uma pequena corrida de volta para o seu estabelecimento.

Assim que o barbeiro se afastou, as portas do saloon se moveram e Isaac passou por elas exibindo a estrela dourada em seu peito estufado. Esforçava-se para manter a pompa enquanto a raiva por Drake o consumia.

— Devo imaginar que é o homem da lei dessa pequena cidade.

— Sim. Sou Isaac Jones. Em que posso ajudá-lo?

— Tenho interesse em trazer à justiça Drake Knight.

— Você o capturou? — Um sorriso surgiu nos lábios do xerife, porém, logo se apagou quando o caçador de recompensas balançou a cabeça em negativa.

— Ainda não, mas pretendo fazê-lo em breve.

— Lhe desejo sorte, pois quero a cabeça desse maldito servida a mim em uma bandeja. — Um trovão de fúria brilhou nos olhos castanhos de Issac.

— Parece ter uma raiva em especial por esse sujeito.

— Sim, tenho. — Assentiu. — Esse maldito bastardo roubou minha noiva no dia do nosso casamento e a mantém sob sua mira.

— Que tragédia!

— Sim. — Isaac respirou pesadamente como se lamentasse o incidente. Talvez lamentasse, mas não por Cassie, e sim pela sua fortuna e o poder que o casamento com ela lhe daria. Teria controle sobre a mina e a vida de praticamente todos que viviam por ali.

— Venha, meu caro. Vamos tomar uma bebida em homenagem a sua chegada. É sempre bom ter alguém para se juntar a mim nessa luta contra os foras da lei.

Isaac abriu as portas do saloon com um empurrão e fez um gesto para que o forasteiro o seguisse.



Drake estava sentado em sua tenda, olhando a paisagem ser engolida pela escuridão da noite através da fenda entreaberta. Era lua nova e a escuridão devorava cada ponto de luz. Ele esfregou uma mão na outra e estalou os dedos. Estava inquieto. Culpou o fato de já estar com Cassie há alguns dias e Isaac não ter vindo ao seu encontro ainda, ou talvez o homem fosse burro demais para chegar até eles. Porém, toda a sua inquietação pouco tinha a ver com Isaac naquela noite.

Ainda estava atormentado pelos beijos que trocara com Cassie. Seu desejo pela moça era inegável, por mais que lutasse contra ele com suas unhas e

dentes.

Ouviu som de passos, imaginou se eram animais ou apenas o som do vento tentando brincar com sua cabeça, até que viu uma sombra esgueirando-se para o interior de sua tenda.

— Quem está aí? — Tateou o chão e pegou sua arma.

— Sou eu, Cassie.

— O que está fazendo aqui? — Levantou-se por impulso e seu corpo se chocou com o dela.

Estremeceu com o impacto do seu peito firme contra os seios macios. Mordeu os lábios e jogou as mãos para trás, contendo sua própria vontade de tocá-la.

— Não quero mais que outras pessoas decidam por mim.

— O que está dizendo? — As palavras dele vacilaram, pois Drake sabia o que em específico ela se referia, e esperou que a pergunta a fizesse retomar o juízo.

— A minha virtude que tanto quer preservar, teria sido tirada pelo asqueroso xerife dias atrás, se você não tivesse me livrado dele. E se terei que passar o resto da minha vida com outro homem como aquele, quero que me permita ser livre com você pelo tempo que eu puder.

As sombras da noite não permitiam que Drake enxergasse o rosto de Cassie, mas ele sabia que se estivesse a encarando sob a luz, o olhar firme dela o faria tremer. Admitiu a si mesmo que aquela mulher o surpreendia.

— Cassie...

— Se disser que não me deseja, eu irei embora. Mas, pela forma como me beijou...

— Eu desejo — confessou ao colocar as mãos sobre os braços de Cassie. Ela estava arrepiada e isso o excitou. — Estou lutando contra todos os meus impulsos para afastá-la.

— Então não se afaste mais.

Drake baixou a cabeça e seus lábios roçaram os de Cassie. Ela vibrou de felicidade quando o arrebatador beijo a enlaçou outra vez. Solto um gemido de alegria quando os braços firmes como aço se fecharam ao redor do seu corpo e a pressionaram contra o peito largo. Ela sentiu as pernas vacilarem outra vez e o

calor se acender entre elas.

O forro da lei abriu o vestido pouco a pouco, botão a botão, e Cassie se retorceu com um calafrio quando ele beijou o ombro que acabara de deixar exposto.

Ela é tão macia, Drake pensou enquanto beijava com gentileza o ombro, antes que o desejo fizesse dele refém. Seus dedos compridos escorregaram pela pele das costas de Cassie enquanto ele terminava de tirar o vestido. O vestido veio ao chão e ela se encolheu com a brisa da noite que trocou seu corpo exposto, porém, os braços de Drake a envolveram outra vez, num cálido e provocativo abraço. Ele pressionou o membro contra ela, o calor subiu e Cassie jurou estar suando.

Ela ergueu as mãos trêmulas, porém curiosas, retirou o lenço em volta do pescoço do homem e começou a abrir-lhe a camisa, até que Drake fosse obrigado a soltar Cassie para que a peça escorregasse por seus braços e fosse parar no chão.

Ele a pegou no colo e a levou até a sua cama improvisada, deitando-a sobre as peles que lhe serviam de cobertor. Cassie arfou com o peso do corpo dele sobre o seu. A ansiedade e o desejo a faziam tremer mais do que nunca. Ela se preocupou menos quando Drake tomou seus lábios outra vez e Cassie abriu a boca, cedendo passagem à língua provocante, enquanto ele se ajeitava entre suas pernas. Gemeu ao sentir a pressão do tecido da calça contra a sua região tão sensível e molhada.

Drake continuou a beijando, se apoiando com uma mão, e com a outra abrindo sua calça e a removendo. Nu, ele passou o pênis entre as pernas de Cassie, sem penetração, fazendo-a gemer, alucinada. Naquele ponto, ele era incapaz de refrear seus desejos.

Perdida nas carícias das mãos dele, que tocavam de maneira impudica o seu corpo, Cassie apenas se ateu ao que estava acontecendo quando ele colocou a mão entre os corpos e pressionou o pulsante membro contra ela. Cassandra gritou e cravou as unhas nos ombros de Drake, ao sentir a dor aguda onde ele tentava entrar com tanto afinco.

— Dói?

— Sim... dói muito.

— Desculpe-me, nunca estive com uma virgem antes. Podemos parar, não precisa fazer isso. — Ele odiaria parar, mas por ela, estava disposto.

— Não. — Ela o enlaçou com as pernas. — Apenas beije-me e continue.

Drake assentiu. Escorregou as mãos pelas coxas, vendo-a revirar os olhos de prazer e tomou os seus lábios, beijando-a com ferocidade, usando a língua, os dentes, enquanto, com as mãos, abria as pernas de Cassie e enfiava seu pênis pouco a pouco. Era tão estreito que ele incapaz de conter os próprios gemidos. Encontrou uma barreira e precisou fazer força. Cassie o abraçou enquanto uma lágrima brotava de seus olhos. Acariciou-a, permanecendo imóvel por alguns segundos, apenas desfrutando do calor e da pressão da estreita passagem.

Cassie foi se acostumando com a estranha presença em seu corpo e, com as carícias gentis de Drake, aos poucos a dor foi se dissipando.

Ele começou a se mover, tentou permanecer no ritmo lento, por mais que seu ímpeto o impulsionasse a se mover com afinco. Precisou lutar muito para não se perder no próprio prazer e machucá-la ainda mais. Porém, sua nobre atitude foi abaixo quando Cassie moveu seu quadril contra o dele, o incitando a continuar, e a sua fome por ela tomou conta de toda a sua bondade e decoro. Apoiou as mãos ao redor dela onde podia mover a cintura, escorregando para fora apenas para investir contra a umidade outra vez.

Alguns minutos após os movimentos dele terem se iniciado, Cassie começou a ser envolvida pelo prazer. Podia senti-lo a cada vez que a penetrava, e isso não causava mais desconforto e sim uma sensação prazerosa que só crescia. Movia seu corpo contra o dele, esperando por mais.

Drake saiu de cima dela e Cassie a encarou com os olhos suplicantes.

— Já acabou?

— Ainda não. — Ele sorriu diante da pergunta e deitou-se atrás dela, virando-a de lado.

Beijou-a na nuca, a segurou pela cintura e escorregou para dentro dela outra vez. Cassie soltou um gemido alto e puxou o braço de Drake para que ele a envolvesse. Ele jogou o longo cabelo liso para o lado e mordiscou o pescoço enquanto se movia contra ela, sentindo sua pele estalar contra a de Cassie. O prazer que Drake sentia era indescritível, estivera com outras mulheres antes, em sua maioria prostitutas, mas nenhuma o fez se sentir daquela forma. *Tão bem, tão vivo...* começou a passar as mãos pelos seios dela, se movendo mais rápido, na busca incessante pelo prazer.

As carícias, os beijos. Cassie se perdeu em meio ao turbilhão de sensações que a arrebataram depois que a dor se foi. Quando Drake escorregou

devagar e investiu de novo, ela sentiu toda a prazerosa tensão, que crescia onde se uniam, se espalhar pelo corpo em milhares de fragmentos, no momento em que Drake a apertava com força, ficando rígido e despejava sua semente nela.

Ele a acariciou e beijou.

— Como está se sentindo?

— Dolorida, mas bem.

— Nas próximas vezes será melhor. Eu lhe prometo.

Próximas vezes? Cassie não conteve o sorriso que tomou conta do seu rosto. Então ele estava disposto a repetir e isso a deixou muito feliz.

Drake a abraçou contra o seu peito e fechou os olhos.



Cassie acordou com a luz do sol se esgueirando para dentro da tenda. Ela se moveu e sentiu a região entre as pernas arder um pouco, isso a lembrou do momento que vivera nos braços de Drake na noite anterior, o que a deixou feliz. O homem ainda a envolvia em seus braços e dormia profundamente.

Ela escorregou para fora do emaranhado da forma mais sutil que pôde, com o intuito de não o acordar. Havia sangue e sêmen entre suas pernas e sentiu que precisava desesperadamente de um banho. Recolheu o vestido, um tanto empoeirado do chão, e ficou grata pela tenda de Drake ser voltada para o rio e servir para protegê-la do olhar dos outros no acampamento.

Drake se moveu para o lado e percebeu que seus braços estavam vazios. Arregalou os olhos, assustado com medo de que tudo o que jurava ter vivido ser um mero sonho. Porém, estava nu, suas roupas jogadas ao chão. Jamais dormira desse jeito.

Levantou-se pegando suas roupas, vestiu-se e saiu da tenda.

Sorriu ao vê-la de costas, se banhando. A água do riacho escorrendo na bela pele avermelhada. *Por Deus! Como uma mulher poderia ser tão bonita?* Desenhou as curvas de Cassie com o olhar, se lembrando de como fora bom estar com ela na noite anterior. Precisou se conter para não pular no riacho.

Cassandra percebeu a presença de Drake e se virou para ele, passando as

mãos pelos cabelos molhados. Ele fitou os seios arredondados de mamilos marrons e desejou poder beijá-los outra vez. Sentiu seu membro ficar duro dentro das calças e mordeu os lábios, contendo-se para ser apenas um observador. Ela sorriu, saindo da água e caminhou em sua direção. As curvas sendo reveladas a cada passo, até ele poder ver o amontoado de fios negros entre as pernas. O fora da lei molhou os lábios em um gesto involuntário, deliciando-se com a visão. Lamentou quando ela se curvou na sua frente e pegou o vestido, cobrindo-se.

— Dormiu bem? — Ele pigarreou, limpando a garganta.

— Sim. — Cassie sorriu. — Estou com fome.

— Eu também. — Ele girou o chapéu entre os dedos e o colocou na cabeça. — Vou caçar algo para comermos.

— Tem alguns peixes no riacho, talvez consiga pegar algum.

— Sim.

A situação entre eles ficou um tanto estranha. Queriam se aproximar um do outro, mas não sabiam se isso era o certo.

— Cassie! — Anne chamou pela dama e Drake respirou aliviado, aceitando a deixa para se afastar. — Onde você estava?

Cassandra se virou para a outra mulher e deu seu melhor sorriso.

— Onde eu estava? Aqui. — Fez-se de desentendida. Não lhe pareceu prudente compartilhar com os demais membros do bando o que ela e Drake fizeram na noite passada.

— Acordei e não a encontrei na tenda.

— Vim tomar um banho. Precisava me lavar um pouco.

— Com Drake a observando?

— Ele estava me observando? — Cassie arregalou os olhos e colocou a mão sobre a boca, fingindo surpresa.

— Sim. Estavam conversando, achei que tinha percebido.

— Não. Imaginei que ele houvesse se aproximado apenas depois que me vesti.

— Você é muito ingênua, Cassandra. — Anne suspirou. — Tenha cuidado, os homens sempre se aproveitam disso.

— Obrigada pelo aviso. — Cassie dirigiu a ela um meio sorriso.

— Venha! Ajude-me a encher os cantis. — A moça puxou Cassie pela mão e saiu arrastando-a.

Pegaram os cantis que ainda estavam amarrados aos cavalos e encheram com água do riacho. Foi tempo suficiente para que Drake voltasse com alguns peixes e Anne fosse prepará-los.

Drake ficou de pé ao lado de uma das tendas com os braços cruzados. Baixou o chapéu o suficiente para que a sombra cobrisse seu olhar, que tanto buscava por Cassandra. Queria poder beijá-la mais e se revirou com isso. Não poderia deixar o que havia acontecido mexer com a sua cabeça, mas estava mexendo. Não estava em seus planos deitar-se com a noiva de Isaac, tampouco ficar tão interessado por ela. Isso era sinal que a situação estava fugindo de seu controle, e isso era terrível...

— Drake, vem comer! — chamou Anne, resgatando-o de seus pensamentos. — Thomas, chama os outros e vem também.

— Certo, irmã.

Drake se aproximou e sentou diante de Cassie. Seus olhares se cruzaram e a dama sorriu. Ele pegou um pedaço do peixe e começou a comer como se não houvesse notado.

A tensão entre eles era forte. Precisavam se conter muito para não ignorar tudo e se jogarem nos braços um do outro.

— Drake, precisamos ir atrás de suprimentos.

O fora da lei agradeceu ao amigo por tê-lo chamado e ter uma desculpa para desviar a atenção de Cassie.

— Sim, vamos! — Drake se levantou.

— Agora? — Thomas olhou de esgueiro.

— Agora. — Drake fez um gesto com a mão e foi seguido pelos outros.



CAPÍTULO



Sete

River desceu do seu cavalo ao lado de uma fogueira apagada. Não havia mais brasas, apenas cinzas e alguns tocos de madeira que não queimaram por completo. Sinal que fora apagada há pelo menos doze horas. Os donos daquela fogueira já haviam partido a tempo e deixado apenas os rastros de um acampamento. O caçador de recompensas revirou a fogueira e encontrou alguns ossos, que deveriam pertencer a animais diferentes: coelhos, raposa, talvez até uma cobra. Sinal que haviam estado ali por dias. Não tinha certeza se esse era o acampamento de Drake Knight e seus homens, porém, seja lá quem esteve ali, ficara por vários dias.

River olhou em volta, a procura de outros rastros daqueles que deixaram o acampamento.



Elizabeth deu uma batida tímida na porta, o que fez com que James erguesse a cabeça de alguns papéis e ajeitasse os óculos de leitura sobre os olhos, antes de encarar a dama.

— O que foi, mulher?

— Eu lhe trouxe um pouco de chá, senhor. Imagino que ainda esteja abalado com o que aconteceu com a menina Cassandra.

— O xerife irá encontrá-la.

— Tenho fé que sim. — Ela se aproximou e deixou a bandeja sobre o móvel de madeira escura onde o homem se debruçava.

— O casamento ainda irá acontecer?

— Sim, irá! Foi apenas um contratempo.

— Por que quer tanto que esse homem se case com a menina? Às vezes parece que...

— Não discuta assuntos que não lhe dizem respeito, Elizabeth. Lembre-

se que, mesmo sendo inglesa, você é uma criada aqui.

A preceptora engoliu em seco e cerrou os lábios.

— Desculpe-me, senhor. Não irei voltar a incomodá-lo. — Elizabeth fez uma breve vênia e deixou o escritório o mais rápido que suas pernas pesadas e já cansadas lhe permitiram.



Drake puxou as rédeas do cavalo e fez com que o animal parasse. O restante do bando parou logo atrás dele.

— O que foi?

— Estou pensando em irmos atrás de algum búfalo selvagem ao invés de saquearmos algum armazém.

— Por que caçar, se podemos simplesmente tomar? — Urdir torceu os lábios.

— Porque é melhor não chamarmos atenção. Saques deixam pistas sobre o nosso paradeiro. Já estão atrás de nós por termos sequestrado a Cassandra.

Urdir deu de ombros, porém, não disse mais nada.

— Por falar nela, poucas vezes eu vi uma mulher tão bela. Bem que poderíamos nos divertir um pouco, antes de devolvê-la ao pai.

— Não ouse tocá-la. — Drake rosnou e o seu cavalo relinchou.

— Por que não, por acaso ela é sua? — perguntou Thomas em tom de deboche.

Drake ficou em silêncio. Queria dizer que sim. Se tivesse de boca aberta, talvez a palavra tivesse escapado por seus lábios, mas a conteve. Cassie não era sua. Tê-la em seus braços na noite passada não significava muita coisa, no entanto, foi inevitável o ciúme que o atingiu, somado a um sentimento de posse que deveria ser inexistente.

— Deixe-a, prometi que não lhe faríamos nenhum mal. Sou um homem de promessas.

— Temos nossas necessidades.

— Matem-nas com prostitutas. — A rispidez no tom de voz de Drake fez com que os homens de seu bando recuassem.

Não achou prudente contar a eles que havia deflorado a prisioneira. O fato de ter se deitado com ela poderia incitar os homens e isso o levaria a loucura.

— Depois que isso acabar, prometo deixá-los por uma semana num *saloon*.

— Sabe que contaremos com isso — afirmou Thomas.

— Então parem de reclamar e vamos atrás dos búfalos. — Drake soltou as rédeas e tocou a barriga do cavalo com a espora para que animal se movesse, saindo em disparada pela pradaria e sendo seguido pelo restante do bando.

O sol da tarde já castigava e os chapéus impediam de queimar o rosto dos homens. Drake pulava no lombo do animal e sua mente voava longe. Não podia deixar que sua atração por Cassandra o fizesse esquecer dos motivos pelos quais queria impedir o casamento dela com Isaac. Aquele maldito homem, pelo qual nutria toda a sua fúria, não poderia ficar ainda mais poderoso com as posses que Cassandra herdaria.

Se lembrava como se fosse ontem quando ele lhe tomara tudo.

Era uma noite chuvosa quando Drake estava do lado de fora do rancho da sua família, tirando leite de búfala, quando Isaac e seus homens desceram de seus cavalos na estrada diante do casebre e entraram abrindo a porta com um chute.

Drake, que na época estava com pouco mais de dez anos, primeiramente ficou paralisado com o susto. E suas pernas o impediram de correr ao auxílio da família. O som dos tiros, três, um para cada membro de sua família, puderam ser ouvidos como os trovões que rasgavam o silêncio dos céus. O balde com leite caiu de suas mãos, escorrendo pelo chão e sujando o curral. Drake era apenas um garoto, nada poderia ter feito e a sua covardia lhe salvara a vida, pois quando finalmente conseguiu correr com as botas sujas de leite e barro, os assassinos de sua família já haviam ido embora.

Caminhou com o som da tempestade invadindo a casa,

com os cabelos escuros molhados de água da chuva e encontrou o pai, Joshua, o xerife, caído na sala, com a mão sobre o coldre. O pobre homem nem tivera tempo de sacar sua arma e fora pego de surpresa.

O irmão mais velho de Drake fora atingido depois, no meio do corredor para onde tentara correr, e por último, Drake encontrou sua mãe debruçada sobre a mesa da cozinha com um tiro no meio das costas.

Sozinho e aterrorizado na noite mais sombria de sua vida, Drake Knight jurou que se vingaria do maldito Isaac Jones.

— Drake, cuidado, idiota!

O fora da lei abriu os olhos e puxou as rédeas do cavalo antes que batesse com o rosto nos galhos de uma árvore, que surgira praticamente do nada. Não era comum árvores naquela pradaria. Deveria ser o destino pregando peças nele outra vez.

— Está dormindo, chefe? — Urdir começou a rir.

— Não estou. — Drake balançou a cabeça em negativa.

— Ainda nem está bêbado. — Urdir estava gargalhando junto com Thomas e os outros.

— Concentrem-se em encontrar os búfalos e parem de me perturbar.

— Tudo bem. — Urdir olhou de esgueiro, desaforado. — Irei deixá-lo dar com a cara em outra árvore da próxima vez.

Drake disparou com o cavalo na frente dos membros de seu bando, os ignorando. Estavam certos, o bandoleiro estava disperso, porém, não admitiria isso a eles.

Drake olhou para o horizonte e viu o início de uma manada de búfalos surgir diante de seus olhos. Pegou a corda presa à sela de seu cavalo e se preparou para tentar capturar um deles. Com um animal daquele porte, teriam a refeição dos próximos dias garantida.

Fez um laço na corda e começou a girar sob sua cabeça, pronto para tentar acertar o animal.

— Cerquem a manada. — Olhou para os membros do bando, fitando

cada um deles, que assentiram com um movimento de cabeça.

Drake jogou o laço, porém esse passou longe de um dos búfalos e caiu no chão. O fora da lei bufou enquanto puxava a corda de volta e tentava outra vez. Quando conseguiu, puxou com força e vacilou sobre o lombo do cavalo, por pouco a força do búfalo não o derrubou. Estava usando toda a sua habilidade para tentar domar o animal quando ouviu o som de um tiro. O animal tombou para o lado e seu peso fez com que o solo da pradaria reverberasse como um grande tambor, assustando os demais búfalos da manada.

O fora da lei olhou para trás e viu Thomas guardar sua arma em seu coldre.

— Eu estava no controle da situação aqui.

— Sabemos que sim. Todavia, ninguém quer ficar aqui até de noite. Ainda precisamos abrir e limpar antes que Anne possa transformar em algo digerível.

— Então vamos começar. — Drake pulou do lombo de seu cavalo e pegou facas afiadas em uma bolsa.

— O couro desse é meu — contestou Urdir. — Noite passada, eu senti frio.

Drake não conteve o sorriso que surgiu em seus lábios quando se lembrou de como fora cálida sua noite anterior.

— Você está bem, Drake? — Thomas se colocou ao lado do amigo.

— Por que eu não estaria? — Arqueou as sobrancelhas.

— Parece que nem está aqui.

— Então o que está vendo? Um fantasma?

— Não seja sarcástico.

— Vamos levar logo esse animal ou vão ficar de conversa? — Drake se agachou e começou a cortar o búfalo abatido.

Thomas e os outros o rodearam para ajudá-lo.



Cassie observou o sol baixar além do horizonte e tocar a linha das montanhas bem a leste. Ela e Anne haviam ficado sozinhas o dia todo e não ter o que fazer, em boa parte do tempo, estava a entediando. Por fim, pegara algumas camisas de Drake e começara a concertar rasgos e buracos.

— Está fazendo isso para agradá-lo? — Anne sentou ao seu lado, fazendo com que Cassandra voltasse sua atenção para a mulher.

— Não, apenas quero que o tempo passe. — Cassie voltou a passar a agulha pelo tecido, remendando o rasgo.

— O que há entre vocês dois? — insistiu Anne.

Cassie suspirou e voltou a encará-la.

— Precisa haver? Isso lhe incomoda?

Anelise curvou o corpo um pouco para trás, surpresa e atingida com a rapidez das perguntas.

— Há algo entre você e o Drake? — Cassie devolveu o questionamento.

— Não. — Anne engoliu em seco. — Drake é como um irmão para mim.

— Então ele é um homem livre?

— Sim...

— Fico contente com isso. — Cassie sorriu, abaixou o olhar e voltou a se concentrar na costura.

Anne se deu por vencida e parou de insistir nas perguntas, por hora. Cassandra ficou aliviada, era bom saber que Drake não estava preso a mulher alguma, mas não sabia se era prudente contar a Anne sobre o que havia acontecido com Drake, pois não saberia explicar o que havia entre os dois.

O sol já baixara quase por completo quando o bando retornou ao acampamento. Cassie se surpreendeu ao ver Drake todo sujo de sangue seco e não conseguiu se conter. Correu até ele e segurou o rosto másculo entre os dedos. O coração disparou, trotando contra o seu peito e as mãos suadas se sujaram com as gotas de sangue no rosto quadrado do homem.

— Você se machucou?

O rosto de Drake se iluminou com um grande sorriso quando ele viu a preocupação que a dominava.

— Eu estou bem. Esse sangue não é meu. É do nosso jantar. — Segurou

as mãos dela e as escorregou pelo seu rosto, removendo-as com delicadeza.

Ele não conseguiu conter a chama que o incendiou, inflada pelo toque cálido de Cassandra. Porém, afastou-se antes que sua excitação pudesse ser notada pelos outros membros do grupo e respirou fundo, na esperança que a sua calça não revelasse nada.

— Quero alguns pedaços macios — Anne começou a ordenar. — Salguem o resto para que não apodreça rápido.

Drake se afastou e foi com os outros pegar as partes do animal que trouxeram consigo. Não pode negar o quanto lhe fizera bem a calorosa recepção de Cassie. Queria que a situação fosse outra e pudesse tomar aquela mulher como sua para sempre.

Cassandra pegou um caldeirão e se pôs a ajudar Anelise, enquanto essa ajeitava o fogo na fogueira. Não conseguia evitar olhar pra Drake, ele a atraía de uma forma tão intensa que era como se sempre estivessem ligados. Suou frio quando o viu tirar a camisa, os músculos se movendo à medida que ele mexia os braços. Sentiu calor enquanto traçava cada curva com o olhar. Torcia para que a brisa que chegava com a noite soprasse entre suas pernas e aliviasse um pouco sua ânsia. Drake entrou no riacho ainda usando as calças e Cassie lamentou por isso. Queria ver mais do corpo dele enquanto a luz natural lhe permitisse.

Anne torceu o nariz ao olhar para Cassandra. Estava óbvio que algo acontecia entre a dama rica e o chefe do bando, caso contrário ela não teria corrido tão desesperada ao encontro do homem quando ele chegou ensanguentado. Ficou com raiva por estarem omitindo isso dela.

O jantar foi servido não muito tempo depois. Cassie estava ao lado da fogueira e se disponibilizou a encher as pequenas tigelas com a sopa feita do búfalo recém-abatido.

— Obrigado. — Urdir fez uma breve reverência com a cabeça ao pegar a tigela das mãos delicadas.

— Por nada.

O sorriso gentil alegrou o homem truculento.

— Sabe que não precisa fazer isso.

Cassie se assustou quando Drake parou atrás dela. Virou-se e o fitou de pé, com as mãos cruzadas atrás das costas, a lua crescente emoldurada por seu ombro esquerdo. Os cabelos escuros do homem ainda escorriam a água do banho

recente.

— Gosto de me sentir útil. — Ela encheu outra tigela e entregou a ele.

Quando os dedos se tocaram, Drake sentiu como se um raio houvesse o atingido e o partido em dois. Ele fora tolo em acreditar que deitar-se com Cassie por uma noite seria o suficiente para saciar todos os desejos que o atormentavam. Tocar a pele macia, provar dos lábios e do corpo dela, apenas fez com que seu ímpeto ansiasse desesperadamente por mais.

— Obrigado. — Engoliu em seco e afastou-se com as mãos balançando, trêmulas pela força que Drake precisava fazer para não a aconchegar em seus braços diante de todos.

O fora da lei imaginava que nada mais o impulsionaria, a não ser seu desejo por vingança. Nada mais importava em sua vida do que fazer Isaac Jones pagar por toda a dor que lhe causara, nada... Até se deparar com Cassie, que não estava apenas mexendo com seus desejos, mas também com a sua cabeça.

Molhou os dedos na sopa e pegou um pedaço da carne, começando a mastigar enquanto lutava para manter o foco de sua atenção em outro lugar que não fosse nos profundos olhos azuis de Cassandra. Estava se perdendo, e não fazia ideia de como evitar aquele desfiladeiro.

— Vamos jogar cartas? — Urdir balançou um baralho.

— Já perdeu toda a sua parte do último saque para mim. Por que seria um tolo em insistir no erro? — Thomas ficou diante do homem e deu nele um tapa na cabeça.

— Ei! — Urdir rosnou. — Estou disposto a recuperar tudo e com juro.

— Não façam isso, rapazes. Sempre discutem depois de um jogo de poker — pediu Anne, nada contente com a iniciativa.

— Por que não joga conosco, irmãzinha?

— Sabe que não gosto desse tipo de jogo, Thomas.

— Ah, vamos lá, Anne! Pode ser divertido. — Urdir bateu no chão ao seu lado para que Anne se sentasse ali.

Drake ficou grato pela desordem que tirou a atenção de todos sobre ele e até arriscou em se juntar ao jogo. Tudo o que precisava era um pouco de distração.



CAPÍTULO



Oito

A madrugada já havia avançado quando Drake se afastou para passar a noite em vigília. Após muitas doses de uísque e rum, Thomas e os outros estavam impossibilitados de enxergar os próprios pés, quanto mais verem a aproximação de qualquer ameaça. Girando a arma entre os dedos, o fora da lei se sentou sobre uma pedra, observando a lua crescente no céu repleto de estrelas.

Estava ansioso em meio a disputa constante entre a sua racionalidade e o seu desejo. Torcia ferozmente para que Cassie viesse até ele, porém, sabia o quanto isso era estúpido e errado, mas não bastava para deixar de querê-la.

Ouviu o som de passos delicados e virou-se.

— Cassie?

— Drake. — Escutá-la sussurrar seu nome era como uma música para os seus ouvidos.

— Não deveria estar aqui.

— Quer que eu volte para a minha tenda? Pensei que depois de ontem...
— Ela sentiu um aperto e sua garganta se fechou em desconforto.

— Não. Não quero que volte, por mais que eu devesse. — Drake estendeu a mão e puxou-a pela cintura, trazendo-a até o seu colo e dando fim ao suplício que era mantê-la longe.

Cassie vibrou com o peso das mãos em seu corpo e estremeceu com a forma nada delicada em que ele a sentou. Suas pernas vacilaram e ela deixou-se esmorecer nos braços tão firmes.

— Desejo cada parte do seu corpo bem junto ao meu. — Drake se surpreendeu com a rouquidão da própria voz, suprimida pela enlouquecedora necessidade de tomar Cassie mais uma vez.

— Então me tome por mais essa noite. — Ela nunca esteve tão segura diante de algo quanto da necessidade de se entregar ao fora da lei.

Drake a beijou no ombro e Cassie fechou os olhos, estremeçando com o calafrio. Ele puxou a manga, pendendo-a para o lado e fazendo-a escorregar pelo contorno do ombro. Roçou seus lábios ásperos na pele exposta e a fez gemer em

delírio. Na noite anterior, havia cedido a necessidade e pensou que não faria mal nenhum degustar um pouco mais antes de afundar no desejo. Tinham o restante da noite para isso. Mesmo que as estrelas tivessem os assistindo, os demais membros do bando estavam bêbados além da conta para acordarem a tempo de ver algo.

Os dedos que tocavam a pele dos ombros de Cassie, sem pressa, provocavam nela pequenos calafrios. Ele fechou os lábios ao redor da ombro e sugou, deixando uma esfera vermelha na pele de tom indígena. Cassie jogou a cabeça para trás, apoiando-a sobre o ombro de Drake. A lua ficou embaçada diante de seus olhos, retorcidos pelas sensações provocadas com a carícia. Ele mordeu-a no pescoço enquanto ia abrindo o vestido, deixando-a pouco a pouco exposta ao vento da noite. Puxou o vestido até deixar os seios nus para suas mãos agarrarem, como se quisessem protegê-los do frio. Os mamilos se eriçaram e ela se retorceu, dando-se conta de que mal tinha espaço para se mexer, estando enredada pelos braços firmes e largos de Drake. Ele apertou os seios e o corpo de Cassie respondeu em êxtase. O fora da lei tomou o pescoço com vorazes carícias, galgando cada parte com seus lábios e dentes.

Céus! Cassie se chocou diante das sensações que a tomavam. O roce úmido dos lábios em sua orelha e o raspar dos dentes no lóbulo. O calor e o frio dos beijos, somado a pressão das mãos que, sem pudor algum, desbravavam seus seios, estavam prestes a levá-la à loucura. Jamais imaginou que seria um bandoleiro, um fora da lei a fazê-la provar do elixir mais puro de prazer. Ela arqueou, incentivando em silêncio para que ele continuasse. Drake beliscou os mamilos com os polegares e Cassie gemeu.

Ele a levantou de seu colo e ela mordeu os lábios e soltou um rosnado em protesto. Não queria que ele parasse, se recusava a deixar que parasse. Porém, ele apenas a moveu para que pudesse se levantar e sentá-la na pedra onde estava. A parte consciente dos pensamentos de Drake riu da forma como Cassie não podia deixar que parasse, mas ele se lembrou que também não conseguiria.

Pegou a barra da saia de Cassie e começou a escorregá-la para cima, sentindo a pele da canela até as coxas e fazendo-a arfar no processo. Cassie gemeu alto quando o vento tocou suas coxas molhadas pelo próprio néctar. Assistiu Drake ajoelhar-se entre as suas pernas, enquanto a lua permitia que visse seus olhos tão sombrios. Como um felino, ele se curvou, com as mãos segurando firme o interior das coxas de Cassie, marcando-a com a pressão de seus dedos.

Cassandra jogou a cabeça para trás e mordeu com força os lábios, para

conter o grito ao senti-lo soprar ar quente contra a região tão excitada e sensível. Por instinto, apoiou as mãos na pedra e elevou os quadris, aproximando-os mais dos lábios de Drake. Por mais que Cassie ainda fosse inexperiente naquele jogo, seu corpo tinha resposta a cada um dos estímulos.

Drake beijou-a como se fosse um ato delicado, quicá sutil, para depois, com a língua, contornar a borda dos lábios umedecidos. Cassie gemeu alto, não estava preparada para a potência do prazer que aquele toque impróprio lhe proporcionaria. A pressão, o calor e também o frio a faziam se remexer sobre a pedra, elevando o corpo, clamando por mais. Drake fechou os lábios ao redor do clitóris intumescido e chupou. Ela reagiu, agarrando-o pelos cabelos e pressionando a cabeça contra as suas pernas, obrigando-o a continuar.

Cassie ofegava ao sentir cada deslizar sutil da língua e dos lábios dele. Sem qualquer comedimento, ele explorava as linhas e texturas de seu sexo. Cassie elevou o corpo ao sentir que ele introduzia um dedo sem deixar de perturbá-la com a língua. As estrelas no céu nunca pareceram tão sem foco. Sentiu seus músculos o abraçarem enquanto Drake mantinha sua tarefa com afinco. Os gemidos de Cassie cresciam à medida que a onda em seu interior ia tomando força e as brasas finalmente explodiram. Arqueou as costas, entregando-se ao deleite. Era como se as sensações fossem capazes de arrastá-la, e Drake continuava a extrair e introduzir o dedo em meio ao jogo com a língua.

— Drake! — Chamou por ele enquanto ofegava, suspirava e gemia.

Contente por tê-la deixado em êxtase, ele subiu com a língua, primeiro até o umbigo, depois até a altura dos seios, onde contornou a auréola marrom antes de render com seus lábios o mamilo. Cassie ainda estava fora de si, perdida nas sensações que o ápice do prazer proporcionara ao seu corpo. Enquanto retomava a consciência, viu Drake se levantar apenas o suficiente para retirar as calças. Com uma mão, ele agarrou-a pela cintura e com a outra, esfregou o membro inchado contra a umidade de Cassie. Ela reagiu, expressando o quanto o queria ali. Ele se esfregou, sem forçar a entrada e ela gemeu quase em súplica. Aquela era a forma mais deliciosa de enlouquecê-la.

— Não me faça implorar. — Ela o encarou com os olhos revirados enquanto molhava os lábios com a língua.

— Eu adoraria. — Drake esboçou um sorriso sombrio, como se estivesse disposto a testá-la.

Cassie manteve seu olhar enquanto soltava a pedra e o puxava pela cintura, não deixando a Drake outra escapatória que não fosse inundar-se nela.

Ele apoiou uma das mãos na pedra e com a outra, enlaçou os cabelos de Cassandra. Roubou com sua boca o gemido de prazer de Cassie enquanto a penetrava com mais afinco.

Dessa vez não houve dor, apenas um pequeno incômodo que passou durante a segunda estocada. Estava tão sedenta por Drake que cada parte de si já havia se preparado. O ladeou com as pernas, impedindo-o de ousar deixá-la e voltou a apoiar suas mãos na pedra, para que pudesse erguer os quadris, incitando-o a ir tão fundo quanto possível. Drake mordeu o lábio inferior da dama deliciando-se com o gritinho e com a fricção de seu corpo ao dela. Os mamilos que esfregavam em seu peito só aumentavam o prazer de ambos. Jogou a cabeça dela para o lado, puxando-a pelos cabelos e mordeu-a na orelha no mesmo instante em que deslizava para fora e investia outra vez.

Ele a pegou sem sair dela e a deitou no chão. Beijou-a como um animal esfomeado enquanto se movia numa busca cada vez mais cega pelo próprio prazer. Os gemidos de Cassie só o incitavam a prosseguir. Ela se surpreendeu com a capacidade de chegar ao ápice outra vez no instante em que Drake caiu sobre ela com todos os músculos contraídos e ofegantes.

Ele a beijou com carinho e a acariciou no rosto, antes de rolar para o lado.

— Não estou mais dolorida. — Rolou para cima dele.

— Isso me deixa feliz.

— Eu estou feliz. — Solto o peso do corpo, espremendo os seios ainda nus contra o peito dele. — Não imaginei que pudesse compartilhar momentos assim como alguém. Foi melhor do que ontem e tenho certeza que ainda tende a melhorar.

— Cassie, nunca tive a intenção de torná-la minha amante. — Refez o contorno do rosto delicado com as pontas dos dedos.

— Não precisamos dar um título para isso. Não há necessidade alguma.

— Você é delicada e fina demais para alguém como eu.

— Não estou pedindo para que me torne sua esposa, Drake Knight. Apenas quero esses momentos para guardá-los comigo quando for obrigada a me casar com outro homem como Isaac. Duvido que ele me toque como você ou que me faça sentir como eu sinto quando estou em seus braços.

— Irei lhe proteger dele.

— Mas não pode me proteger de todos.

Drake queria dizer que sim, porém, não podia. O que estava acontecendo entre ele e Cassandra era fadado a um triste fim com o qual ele não poderia lutar.

Cassie se levantou e arrumou o vestido.

— Onde está indo?

— Voltar para a minha tenda.

Ele torceu os lábios, mas não emitiu nenhum som de protesto.

— Drake.

— Sim?

— Eu gostaria de aprender a atirar, você me ensina?

Ele ficou um tanto surpreso com o pedido inusitado, mas não viu mal algum em atendê-lo.

— Sim. Posso lhe ensinar.

— Obrigada. — Ela sorriu e foi embora, deixando-o estarecido no chão, ainda inebriado.



CAPÍTULO



Nove

Isaac bateu com força a porta da cela e fez com que os seus dois capangas se encolhessem com o susto perante a fúria do homem.

— Onde está Drake Knight e a minha noiva?!

— Não sabemos, xerife. Drake e seu bando dificilmente deixam rastros.

— Alguma notícia do caçador de recompensas?

— Também não.

— Droga. — Isaac soltou o peso do corpo sobre sua cadeira em meio a um suspiro. Não podia acreditar que a situação escapara por entre seus dedos daquela forma.

Deveria ter matado aquele maldito junto com o pai. Deveria tê-lo caçado sob cada pedaço de grama daquele rancho e metido uma bala bem no meio da cabeça dele quando ainda era jovem demais para lhe causar qualquer problema. Agora, aquele maldito não só lhe dava muitas dores de cabeça, como tivera o despautério de roubar sua noiva.

— E se ele tiver matado a sua noiva, senhor? — Um dos homens arriscou a fala e logo se arrependeu diante do olhar furioso que o xerife lhe dirigiu.

— Ele não matou Cassandra. — Isaac esperava que não, pois precisava da mulher para receber sem qualquer contestação a herança dela. Além disso, sabia, por mais que não admitisse, que Drake era um homem melhor do que ele, por mais que, além da aparência, estivessem em lados opostos da lei. Drake jamais machucaria um inocente.

— Vamos encontrá-lo e matá-lo, senhor.

Isaac baixou o chapéu e tocou a arma sobre a mesa da delegacia.

— Para o bem de todos, é melhor que sim, Roland.



Passaram dias sem nenhuma pista de Cassandra e isso já estava começando a deixar Elizabeth abatida. A relação entre as duas não era das melhores, muitas vezes porque o espírito nativo, que vivia na menina e sempre fazia com que ela discordasse da mulher mais velha. Porém, Elizabeth era o mais perto de uma mãe que Cassandra pode encontrar durante sua vida. Se existia alguém que amava a menina de coração, mesmo com todas as suas limitações, era aquela velha mulher.

— Parece que irá começar um rio nessa casa de tanto choro, senhorita Smith. — James passou por ela, sentada aos pés da escada com as mãos sobre a cabeça e seguiu rumo a porta do casarão. — Vou para a mina, tenho assuntos importantes para resolver com os mineradores.

— Parece que você não se importa.

James parou com o chapéu a meio caminho da sua cabeça e voltou a encarar a mulher.

— Eu me importo! Estamos falando da única filha que tive.

— Mas age como não se importasse.

— Minhas lágrimas não a trarão de volta.

— Mas seu esforço trará.

— Um velho como eu nada pode fazer. Ofereci uma fortuna pela cabeça do maldito que a levou. O que posso fazer é esperar que a encontrem. Tenho fé em deus que o noivo dela a trará para casa.

— Pobre menina. — Elizabeth engasgava com as próprias lágrimas. — Deve estar tão aterrorizada nas mãos de um bárbaro. Será que ele ao menos a alimenta? Deve estar magra e pálida a essa hora.

— Pare de pensar no pior. Isso em nada nos ajuda. — James botou o chapéu e saiu porta afora.

Elizabeth apoiou a testa sobre os joelhos e voltou a chorar. *Pobre criança...*



— Bom dia! — Cassie despertou com um sorriso no rosto que brilhava

mais do que o próprio sol. Abraçou Anne pelos ombros e colocou-se ao lado da moça.

Anelise largou o que estava fazendo e encarou o céu que brilhava dentro dos olhos azuis de Cassandra.

— Parece que a noite que teve nos braços de Drake lhe fizera muito bem.

— Eu não... — Cassandra se empalideceu com o comentário.

— Guarde suas desculpas. Eu a vi quando deixou sua tenda e ele a despiu, tomando seu corpo.

As bochechas de Cassandra arderam como fogo em brasas e ela escondeu o rosto entre as mãos.

— Anne...

— Já que não me contava a verdade, precisei ver por mim mesma. Sabia que não estava ficando maluca, havia um fogo queimando entre vocês dois. O tipo de fogo que só é cessado com o coito.

Cassie estava de olhos e lábios abertos. Não sabia o que fazer ou dizer. Não poderia negar algo que Anelise vira e que realmente havia acontecido.

— Desculpe-me. Tive medo e vergonha de lhe contar. — Cassie ainda olhava para o chão sob seus pés, incapaz de encará-la.

— Foi ele quem...

— Não! Drake não me forçou a nada, eu quis desde o primeiro momento e não me arrependo por um único instante.

— Não imaginei que uma moça fina como você pudesse se interessar em alguém como ele.

— Drake é um homem muito bonito.

— Sim. Isso não posso negar, mas não tem posses, além das terras debaixo das unhas e é um fugitivo da lei.

— É muito injusto que ele tenha passado por tudo isso.

— A vida nem sempre é justa. — Anne voltou a esticar o couro sobre a trave de madeira, para que secasse bem.

— Desculpe por não ter contado sobre o que aconteceu entre mim e ele.

— Age como se não pudesse confiar em mim. Somos as duas únicas

mulheres nesse lugar, temos que apoiar uma a outra.

Cassie sorriu.

— Obrigada.

— Acho que são um casal, um tanto improvável, mas desde que estejam felizes, eu estarei feliz também.

— Não somos um casal. — Cassandra suspirou ao olhar para o horizonte, onde o sol se erguia majestoso.

— Se é o que diz. — Anne deu de ombros. — Drake é um bom homem e é como um irmão para mim. Não há mal algum em se apaixonar por ele.

Por sorte, ou peça do destino, Cassie não teve tempo para pensar, tampouco absorver o que Anne dissera, porque um barulho interrompeu a conversa delas.

— Bom dia, minha amada irmã. Bom dia, senhorita Evans. — Thomas cambaleou para perto delas.

— Ainda está bêbado, meu irmão?

— Não.

— Pois está parecendo.

— Confesso que possa ter tomado um gole de rum ou dois quando assumi o posto de Drake na aurora.

— E como acha que pode nos manter em segurança assim? — Drake surgiu atrás dele, fazendo com que o homem desse um pulo de susto.

— Estamos seguros, chefe. — Thomas estufou o peito e deu dois tapinhas em si.

— Idiota. — Drake balançou a cabeça em negativo ao colocar as mãos sobre a lateral de uma das tendas.

Cassie sorriu quando seus olhos encontraram os dele e Drake sorriu de volta. Anne, que assistia a cena, soltou um suspiro.

— Bom dia! — sussurrou com uma voz doce e aveludada, que foi como uma carícia ao pé do ouvido de Cassie.

— Bom dia! Conseguiu dormir bem?

— O suficiente. — Drake passou a língua pelos lábios, contendo o

impulso e o anseio de beijá-la.

— O que está acontecendo aqui? — Thomas parou entre os dois.

Por mais que Drake e Cassie estivessem contendo o impulso de se atirar um nos braços do outro, não estavam sendo exatamente discretos.

— Nada. — Drake deu de ombros.

— Cassandra e Drake estão juntos — confessou Anne.

Cassie rosnou para ela. Sentiu como se Anelise houvesse quebrado a confiança que depositara nela há poucos instantes.

— Como assim? Dormiu com ela? — Thomas olhou para Drake com fúria.

— Sim — confessou em meio a um longo suspiro.

— Bastardo. — Thomas o empurrou e saiu pisando duro.

Drake foi atrás do amigo.

— Por que contou?

— Achei que todos merecessem saber. — Anelise deu de ombros e Cassie teve vontade de esgana-la. — Não há razão para esconderem, ninguém aqui irá julgá-los.

— Não foi a reação que seu irmão teve.

— Ele está mais chateado por não saber o que estava acontecendo do que pelo o que está acontecendo entre você e o Drake.

Cassie se sentou sobre uma pedra e escondeu o rosto entre as mãos. Estava tão envergonhada por sua situação ter chegado ao conhecimento de todos, que não queria que ninguém olhasse para ela.

Drake seguiu o amigo por vários metros, até conseguir segurá-lo pelos ombros e fazer com que Thomas se virasse para ele.

— Não há motivos para toda essa raiva.

— Não? — Thomas arregalou os olhos e mostrou os dentes. — Achei que nós dois fossemos amigos.

— E somos. Pare de agir dessa forma, não é uma criança.

— Pediu para que ficássemos longe dela para que a tornasse sua prostituta particular.

— Ela não é minha prostituta! — Drake rosnou.

— Então Anne mentiu quando disse que está se deitando com ela?

— Não. — Drake baixou a cabeça. — Eu não quis que isso acontecesse, apenas aconteceu.

— Entra na tenda dela e se diverte, enquanto nós não vemos mulheres há meses por causa dessa sua maldita vingança.

— Não. O que aconteceu entre mim e Cassie não estava previsto, mas não foi contra a vontade dela. Se precisa tanto de uma mulher, vá até a próxima cidade e faça com quantas for necessário até seu pênis cair, mas ainda sou o chefe aqui e a minha ordem de se manterem longe de Cassandra permanece.

— Irá fazer dela sua esposa?

Drake foi surpreendido por aquela pergunta e cruzou os braços em postura defensiva, demorando mais do que deveria para responder à pergunta.

— Não. — Ergueu a cabeça e encarou Thomas com o olhar furioso.

— Então por que se importa se nos aproximamos dela ou não?

— Por que ela é especial para mim — confessou, sem ter coragem de olhar para o amigo. Porém, aquela simples frase que tanto o assustava, pareceu ter tirado um peso de suas costas ao ser pronunciada.

Thomas balançou a cabeça em negativa, mas entendeu o que Drake quis dizer.

— Certo. Divirta-se com ela o quanto quiser, mas eu e os outros iremos procurar um bordel essa tarde.

— Fiquem à vontade. — Drake deu de ombros.

— Seja lá o que sente por ela, não esqueça dos motivos pelos quais estamos aqui.

Drake não disse nada e deu as costas, para que Thomas não tivesse a chance de delongar o assunto. Agora, todos do bando saberiam de seu envolvimento com Cassandra e teriam que aceitar isso, pois independente da forma como que ele os tratava, ele ainda era o líder ali.



River chegou junto ao curso do riacho no momento em que o sol fazia a sua sombra mais curta. O calor e a sede o perturbavam mais do que os dias que se passaram sem um rastro de Drake e seu bando. Era um bom rastreador, um dos poucos caçadores de recompensas licenciado pelo governo. Não era à toa que sua fama o precedia. Não seria daquela vez que ia falhar ao cumprir sua missão.

Ajoelhou-se na margem e tomou água com as mãos em concha, bebendo da correnteza. Tirou o chapéu e molhou o rosto, livrando-se do suor que impregnava os seus cabelos.

Respirou fundo.

— Onde você está, maldito?

CAPÍTULO

Dez

Cassie estava sentada em uma pedra, observando a pradaria que seguia até a linha das montanhas. O coração, ainda inquieto, revirava-se no peito como se não tivesse espaço para bater. Seu maior medo não era o que os membros do bando poderiam pensar dela, tampouco a sociedade. Ser uma meretriz feliz era melhor do que uma dama bem casada com a sentença de uma vida infeliz.

Torceu os dedos na barra de seu vestido, sentindo a angústia que queria sair pela boca. Teve medo de Drake decidir levá-la ao povo de sua mãe e afastar-se em definitivo. Embora parecesse assustador, o que ela poderia esperar daquela situação? Drake Knight era um bandoleiro, um fora da lei procurado, e ela uma descendente de nativos, mas criada como uma dama inglesa. Aprendera a sempre portar luvas e a beber chá.

Olhou para as mãos nuas e riu. Ao menos das luvas ela havia abdicado.

— Cassie?

Prendeu a respiração ao ouvir a voz de Drake. Virou-se tão lenta quanto possível e o viu de pé, parado com o sol sobre seus ombros e os braços cruzados.

— Sim.

— Contou para Anne sobre nós.

Ela balançou a cabeça em negativa, sacudindo os longos cabelos negros.

— Ela nos viu ontem.

Drake quase gargalhou ao se dar conta de quanto aquilo era óbvio. Da forma com que ele e Cassandra estavam se comportando, qualquer um com olhos perceberia a existência de algo entre eles.

— Sinto muito pela reação do Thomas.

— Tudo bem. — Ela abriu um delicado sorriso. — Imagino que ele tenha se sentido traído.

— Traído? Não há motivos para tal, Thomas não é a minha esposa.

Cassandra riu.

— Mas me parece o seu melhor amigo. Confiamos em nossos amigos.

— O que sabe sobre amigos, senhorita Evans?

— Não muito, já que não fui agraciada com eles. Todavia, parecem uma grande dádiva.

— É muito otimista a forma como vê as coisas. — Ele se agachou e sentou ao lado dela sobre a pedra.

— Acho que ver as coisas com bons olhos torna a vida mais feliz.

— Nem tanto.

— Estou apavorada. — Escorregou seu olhar até as botas do cowboy.

— Por qual motivo? — Drake a puxou pelo queixo e a fez voltar a encará-lo.

— Que não queria mais se envolver comigo.

— E por que acha que não?

— Bem... Depois da reação de Thomas....

— Ele nada tem a ver com o que acontece entre nós dois, Cassandra.

— Não?

— Por qual motivo teria? O que acontece diz respeito apenas a mim e a você.

— Como ficaremos? — Raspou a garganta com uma saliva que parecia arranhar. O suor frio entre os dedos de suas mãos se tornou ainda mais intenso com toda a aflição que a corroía.

— Como quer ficar?

— Quero continuar tudo isso. — Encarou Drake com o olhar firme e cheio de convicções.

— Então permaneceremos juntos enquanto estiver sob minha proteção.

O sorriso que surgiu nos lábios de Cassandra brilhou mais do que o próprio sol.

— Isso a deixa feliz? — Ele acariciou o rosto dela com o polegar, fazendo-a fechar os olhos e se deleitar com o carinho.

— Sim. — Cassandra assentiu.

Drake a puxou pela nuca e a beijou com carinho.

— Fico contente que, em meio a tudo o que lhe ocorreu e o que eu lhe infligi, possa fazê-la feliz.

— Não me infligiu nada, Drake. Livrou-me de um terrível casamento com um homem que nunca desejei, e ainda me proporcionou momentos que jamais esquecerei. — Beijou-o outra vez.

— Cassie, haverá um momento em que precisará voltar para casa e o que há entre nós terá um fim.

— Eu sei, porém, não quero pensar nisso agora.

— Tem toda a razão. — Drake se levantou e estendeu a mão para ela.

Cassie arqueou as sobrancelhas, confusa com a reação dele.

— O que foi?

— Pediu-me para lhe ensinar a usar uma arma. Ainda quer isso?

— Sim! — Saltou da pedra, ficando de pé. — Quero muito que me ensine. Odeio me sentir desprotegida diante de tudo e todos.

— Mas eu estou aqui para protegê-la, Cassie.

— Até quando? O próximo mês, se eu tiver sorte?

Drake mordeu os lábios, pensar na possibilidade de ter que se afastar dela era muito menos agradável do que ele estava disposto a admitir. Por mais que todo o seu íntimo quisesse tê-la para sempre, sabia que isso era impossível. Não podia se apaixonar por ela... precisava se lembrar de que aquele envolvimento era tão passageiro, quanto todos os demais que tivera ao longo da vida.

Cassie se curvou e Drake estremeceu, imaginando que ela lhe tocaria em algum lugar impróprio, mas ela escorregou os dedos delicados pelo seu coldre e pegou seu revólver.

— Acho que vou precisar disso. — Aprumou o corpo.

Drake suspirou, pensando o quanto seria difícil manter o treinamento dela em apenas um treinamento.

— Vamos encontrar as garrafas de rum que o Thomas bebeu ontem para que possa atirar nelas.

Cassie assentiu enquanto girava a arma entre seus dedos. Seu pai sequer havia a deixado tocar em uma, quanto mais ter em sua posse. Quase todos na cidade andavam armados, com exceção dela e de Elizabeth, e ela sempre se

achou um alvo fácil.

— Essa é minha. — Drake tomou das mãos dela e Cassandra fez bico. — Vou conseguir uma para você. Tenho outras nos meus pertences.

— Tudo bem. — Ela continuou o encarando de esgueiro e Drake sorriu.

— Tenho uma afeição particular pela minha arma, ela já me salvou de diversas situações.

— É bonita!

— Era do meu pai.

— O que aconteceu com ele? — A dama não conseguiu conter a própria curiosidade. — Era um fora da lei, como você?

Drake apenas balançou a cabeça em negativa.

— Meu pai era um homem bom e justo. Admirado por inúmeras pessoas. Era um herói.

— Lamento o que aconteceu com ele... — Cassie baixou o rosto e fitou o chão.

— Seu noivo o matou.

Ela sentiu como se as palavras ríspidas de Drake a tivessem acertado como um coice, fazendo-a titubear para trás com o fôlego roubado de seus pulmões. As pernas tremeram diante do olhar que transmitira de uma única vez, toda a raiva que o fora da lei havia alimentado durante aqueles quinze anos.

Havia se perguntado diversas vezes as razões do ódio de Drake por Isaac Jones. Mas em nenhuma de suas conjecturas chegara a imaginar tal barbárie.

— Eu sinto muito. — Mal conseguiu pronunciar aquele punhado de palavras.

— Isso não faz diferença alguma agora. — O tom de Drake ficou ainda mais ríspido e sombrio, deixando claro que ele não gostava de falar sobre aquele assunto.

— Seu pai era o antigo xerife? Corriam boatos em Oclaw que Isaac havia o matado.

— Não são apenas boatos. Fui o único a sobreviver naquela noite, pois, por uma estranha piada do destino, eu não estava em casa com a minha família.

Cassie amargurou aquelas palavras em seu âmago, não sabia o que dizer,

nada poderia tornar menos doloroso tudo o que Drake havia passado. Teve vontade de abraçá-lo e o fez, surpreendendo o homem, que apenas a aninhou junto ao seu peito. Abaixou a cabeça, afundando o nariz nos cabelos escuros e sentindo o cheiro delicado. Ficaram assim por alguns segundos, sob o silêncio harmônico e melodioso da natureza e o farfalhar dos utensílios que Anne lavava no riacho.

Drake sentiu os olhos arderem e segurou as lágrimas, elas de nada lhe valiam agora. Beijou a testa de Cassie e se afastou com um revirar estranho no coração.

— Ainda quer aprender a atirar?

— Sim, quero. — Passou as costas das mãos pelos olhos, se assegurando que não havia nada ali.

— Recolha algumas garrafas. Vou pegar a arma e algumas balas para você.

Cassie não se perdeu em gracejos, tampouco retomou o assunto que decerto era desagradável para Drake. Se os momentos que passaria ao lado do homem eram finitos, deveria gastá-los em coisas que os fizesse felizes.

Encontrou as garrafas jogadas em meio a terra revirada e as cinzas da fogueira. As garrafas que encontrara condiziam mais a um pequeno exército do que a meia dúzia de homens. Isso explicava o estado lastimável de Thomas pela manhã. Diante da quantidade de álcool que deveria estar correndo nas veias do homem, a dama se surpreendeu por ele estar apenas trocando as pernas.

Colocou as garrafas debaixo do braço, puxando a saia do vestido que ficara presa embaixo de uma pedra. Ao voltar para o campo aberto, encontrou Drake de pé, colocando as balas no tambor do revólver. Andou devagar para não o surpreender e aproximou-se atenta a cada um dos movimentos dele, na esperança de que pudesse tirar algum proveito.

— Não tenha medo, não irei acertar-lhe.

— Não tenho medo disso. — Cassie agilizou os passos e postou-se ao lado do homem.

— Então, do que tem medo? — Drake baixou a arma e virou o corpo para encará-la.

— Não tenho medo. — Estufou o peito ao perceber que não estavam falando mais sobre atirar.

— Todos temos medo de alguma coisa.

— E quais são os seus? — Cassie virou o jogo, fazendo com que Drake arregalasse os olhos escuros ao ser pego de surpresa. A jovem era mais astuta do que ele poderia prever.

— Tenho medo de encontrar meu pai na outra vida sem tê-lo vingado.

— Acho que seu pai não lhe julgaria por isso. — Cassie estendeu a mão num ato involuntário e tocou o ombro de Drake.

— Existem coisas que são questão de honra.

— Para mim, parece simples. Pode apenas matar Isaac e garantir que ele seja banido de uma vez por todas para a parte mais profunda do inferno.

— Se matá-lo a sangue frio, será vingança e não justiça. Isso não me fará um homem melhor do que ele.

— É muito melhor do que pensa, Drake Knight.

Drake ergueu a arma, virou-se para o lado e atirou, fazendo Cassie pular de susto com o coração que veio parar no céu de sua boca.

— Esqueça isso! Tome! — Ele entregou a arma nas mãos de Cassie e pegou as garrafas, formando com elas uma pequena fila ao longo da linha do horizonte.

Ela sentiu um calafrio quando Drake se colocou atrás dela e roçou seu peito firme nas costas da dama. Talvez fosse mais difícil se concentrar para aprender do que poderia imaginar.

— Segure assim. — Ele ergueu os braços de Cassie, escorregando as mãos dos ombros até o pulso.

Os pelos de Cassandra se eriçaram pelo caminho, porém, ela tentou se manter inatingível pela excitação que qualquer roçar de Drake lhe causava.

— Faça um V entre o polegar e o indicador, dessa forma. — Ele ia mostrando-a pouco a pouco. — Seus dedos precisam se encaixar o mais alto possível antes da alça da mira.

— Alça da mira? — Cassie girou a cabeça ao máximo, na tentativa de olhar para ele.

— Sim. Essa parte saliente como um espinho, logo acima do cabo. Ela serve para que você consiga mirar no alvo tendo ela como referência.

— Sim. — Cassandra olhou para frente, tentando enxergar as garrafas em relação a referência que Drake havia lhe passado.

— Coloque o indicador sobre o gatilho. Não deixe folga, porém não pressione se não tiver certeza que quer atirar. Com a outra mão, você irá firmar a arma, envolvendo o restante do cabo e deixando os dois polegares apontados para frente.

— Mas para que eu preciso segurar com as duas mãos? Vejo a maioria atirando com uma mão só.

— As duas mãos servem para dar maior estabilidade quando você for atirar. As armas sempre dão um coice quando são disparadas; com as duas mãos, terá certeza de que a arma não trepidará demais, atrapalhando a direção da bala, nem irá se machucar com o ricochete.

— Onde aprendeu tanto sobre essas coisas?

— Meu pai me ensinou. E meu avô a ele. Meu avô lutou durante a guerra de independência a favor das colônias, apesar de ser inglês de nascença. Quando ele chegou aos Estados Unidos, tinha apenas poucos anos de vida e sempre reconheceu essas terras como o seu lar.

— Agora posso atirar? — Cassie semicerrou os olhos ao mirar na garrafa a vários metros.

— Tenha calma. Se não agir com cautela, acabará se marchando. — Drake colocou a mão nas costas de Cassie, no meio da cintura, pouco acima das nádegas e empurrou o corpo dela um pouco para frente. — Mantenha a postura sempre ereta ou poderá machucar as costas.

— Obrigada.

— Agora, use a alça da mira e tente colocar uma das garrafas entre ela. — Drake desceu as mãos pelos braços de Cassandra até ajeitar a maneira como ela segurava a arma. — Concentre-se bem e atire.

Cassie apertou o dedo no gatilho e bateu contra o peito de Drake com a força devido ao coice dado pela arma, porém, ele não reclamou nem um pouco de ter aquele corpo tão macio roçando no seu.

— Parabéns! — Ele a felicitou assim que a garrafa se fragmentou em milhares de pedaços diante dos seus olhos.

— Obrigada! Com a sua ajuda foi fácil. — Cassie soltou uma das mãos da arma e colocou uma mecha do próprio cabelo atrás da orelha.

— Foi bem impressionante, na verdade, pois não é fácil acertar o alvo, ainda mais na primeira tentativa. Agora, tente de novo. Dessa vez sem a minha ajuda. — Drake se afastou e Cassie emitiu um involuntário resmungo de protesto. Gostava da forma como o calor dele a envolvia e a embalava.

Segurou a arma novamente, lembrando-se de cada passo que deveria tomar para que o tiro fosse dado da forma certa. Olhou a mira e disparou. Dessa vez, mais preparada para o coice, firmou os pés no chão e não foi arremessada para trás.

— Acho que posso ser boa nisso. — Soprou o cano do revólver em meio a um sorriso debochado.

Drake balançou a cabeça em negativa.

— Não fique convencida, ainda tem muito a aprender. E eu ainda tenho para me ensinar.

— Por hora, sim. — Drake sacou sua arma e, com um rápido movimento, acertou as três garrafas que ainda estavam de pé.

— Convencido!

Ele apenas piscou, imitando o sorriso de Cassie.

— Onde estão os outros? — Ao longe, ela podia ver o acampamento vazio.

— Permiti que fossem a Sacramento à procura de mulheres.

— Prostitutas?

— Acredito que sim. Estão um pouco furiosos com o fato de eu ter você.

— Não sou uma prostituta! — Cerrou os dentes e apontou a arma na direção de Drake.

— Disse isso a eles. — Ergueu os braços em sinal de rendição.

Cassie torceu os lábios, porém, abaixou a arma.

— Acho que vou pegar isso de volta antes que acabe me tornando seu alvo. — Ele estendeu a mão, mas Cassie bateu nela.

— Essa ficará comigo.

— Certo.

— Se todos foram para Sacramento, nós dois estamos sozinhos...

— Não. Anne ainda está no acampamento.

— Imagino que ela não seja tão minha amiga quanto diz. – Cassie torceu os lábios.

— Por quê? Queria estar sozinha comigo? — Ele abriu um sorriso malicioso enquanto pendia a cabeça para o lado.

— Apenas para ter a garantia de que não seríamos espionados essa noite.

— Posso mandar Anne procurar por ouro sob os arbustos e só retornar quando tivesse o suficiente para comprarmos um cavalo.

— Você não seria tão cruel.

— Posso ser muito cruel.

— Deixe-a.

— Certo.

— Agora, precisa arrumar mais três garrafas para mim já que, com a sua exibição, quebrou as minhas.

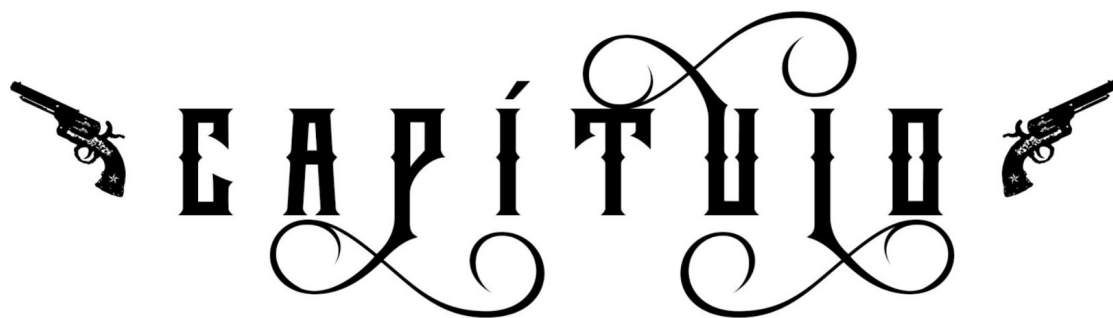
— Achei que não fosse...

— Mais três garrafas, por favor.

— Está brincando? — Drake cerrou os dentes.

— Pareço? — Cassie deu um tiro no chão perto de onde Drake havia quebrado uma das garrafas.

Ele bufou ao sair a procura de mais algumas.



CAPÍTULO

Onze

Drake observou Cassandra ajoelhada ao lado de Anelise, enquanto, juntas, preparavam o jantar na fogueira recém-acesa. Ela era tão valente, ao mesmo tempo que parecia ter sido desenhada, tamanha a delicadeza de seus traços. Sentiu-se um homem afortunado por poder desfrutar não só da companhia dela, como do calor de seu corpo enquanto a situação com Isaac não se resolvia.

Um pensamento egoísta o acometeu. Poderia postergar a situação para mantê-la sob seu domínio por um ano, talvez dois, depois riu ao perceber como o seu desejo poderia suprimir a necessidade de justiça contra Isaac. Contudo, isso não era justo com Cassie, diante de toda a situação era ela a mais prejudicada, arrancada de todo o conforto que a fortuna de seu pai poderia lhe proporcionar.

— Vai ficar aí, apenas nos encarando? — questionou Cassie.

— O que quer que eu faça?

— Me sirva um pouco de rum?

— Rum? — Ele arqueou as sobrancelhas, surpreso com o pedido. — Por que quer tomar rum?

— Por que apenas pude tomar vinho. Uma dama da sociedade inglesa não pode sequer sentir o gosto do rum? — Ela revirou o rosto em uma careta, fazendo com que Drake e Anne rissem.

— Está mostrando suas garras, senhorita Evans?

— Vai ou não me servir o rum?

— Sim, como desejar. — Drake fez uma breve reverência em um tom sarcástico e foi buscar a bebida.

— Ele faz de tudo para lhe agradar — comentou Anelise assim que o homem saiu de vista.

— Não é para tanto. — Cassie deu de ombros.

— Drake nunca aceitou ordens de ninguém, mas aceita as suas como um animal adestrado. É isso o que amor faz com as pessoas. — Annie gargalhou.

— Não há amor.

— Não?

Aquele questionamento deixou Cassie pensativa. Ela se serviu em uma tigela e saiu até a pedra mais próxima onde pudesse se sentar. Não havia amor ali, não poderia haver. O que acontecia entre ela e Drake era apenas uma situação confortável para ambos e não poderia passar disso, jamais, ou seria terrível para os dois.

— Aqui está o seu rum. — Drake entregou para Cassie um pequeno cantil e ela só percebeu a presença do homem quando ele roçou os dedos nos seus.

— Obrigada! — Balançou a cabeça, trazendo seus pensamentos de volta.

— Estava sonhando acordada? — Ele tomou o rum das mãos dela e deu uma boa golada.

— Não, apenas pensativa. — Cassie imitou o movimento e começou a tossir quase de imediato quando a bebida desceu como brasa, queimando a sua garganta.

— É forte. — Drake gargalhou enquanto Cassandra batia contra o próprio peito tentando parar de tossir.

— Um pouco. — Devolveu o cantil a ele.

— Não quer mais?

— Acho que foi o suficiente para uma primeira experiência.

Drake encarou os profundos olhos azuis e passou o polegar sobre a lateral da boca de Cassie, limpando uma gota da bebida que havia escorrido ali. A moça fechou os olhos e beijou-lhe a ponta dos dedos, esquecendo-se da proximidade de Anelise.

— Acho que vou me deitar. — Anne se levantou.

— Mas nem terminou de comer. — Cassie apontou para a tigela dela.

— Estou com pouca fome. Tenham uma boa noite. — A moça levantou-se e foi para a tenda onde dormia junto ao irmão.

— Mas...

— Deixe-a, Anelise quer nos dar um pouco de privacidade. Não era isso que queria, ficar sozinha comigo? — Drake pressionou os lábios contra o pescoço de Cassie, fazendo com que cada pelo de seu corpo se eriçasse, assim como seus mamilos.

— Sim, mas não queria expulsá-la.

— Anelise não está chateada, não se preocupe. Porque não vamos para a tenda também? Ao ar livre, ontem, foi um tanto arriscado.

— Mas não irá comer? A sopa está deliciosa.

Drake precisou se conter para não falar para Cassie que deliciosas eram as curvas dela.

— Posso me alimentar depois. Não estou com fome agora.

Antes que a dama pudesse proferir qualquer protesto, o fora da lei a puxou pela mão e trouxe até o seu peito. Ela estremeceu ao senti-lo colar sua pele na dela. Sangue e calor correram com violência por suas veias em meio ao martelar do coração. A oscilação indiscreta de seu fôlego delatava toda a necessidade que sentia por ele, não havia como negar com palavras o que seu corpo deixava tão explícito.

Drake escorregou as mãos pelas nádegas dela e parou o braço atrás das dobras dos joelhos, tomando-a em seus braços, aninhando-a em seu colo. Cassie pôde apoiar a cabeça no peito dele e perceber que o coração do homem estava em batidas frenéticas, assim como o seu.

O fora da lei a levou para dentro de sua tenda e a deitou sobre suas peles. O filete de luz da lua que entrava pela abertura era suficiente apenas para revelar os contornos do corpo dela, porém, ele não achou mal nisso, podia *vê-la* com as mãos.

Drake ficou de joelhos, subiu as saias do vestido e afastou as pernas da dama até que pudesse se encaixar. Cassie o segurou pela gola da camisa e o trouxe para si, requisitando os lábios do bandoleiro em um beijo voraz. Sua língua encontrou o caminho para a dele enquanto seus lábios se tocavam, se retorciam e se pressionavam. Passaram o dia todo desejando aquele beijo e não o contiveram em um segundo sequer. Enredou os dedos pelos cabelos de Drake, enrolando-os e puxando-os. A familiar sensação de desejo, pulsante e latente entre suas pernas se acendeu como uma pira e se alastrou como fogo em feno por cada parte da pele sensível da dama.

Drake enfiou a mão dentro das saias de Cassandra e apalpou-a na bunda, fazendo-a arquear o corpo contra o dele e gemer em meio ao beijo.

Ela o afastou, empurrando-o com a mão no peito apenas para tomar fôlego. Enquanto isso, foi abrindo a camisa de Drake. Cada botão fora da casa estava mais perto de despi-lo. Tomado por toda a ânsia, Drake puxou a camisa

pelos braços e a jogou no chão de terra da tenda. Depois, Cassie se sentou sobre as peles, ajudando-o a remover seu vestido que logo se somou as calças e a camisa do fora da lei na pilha de roupas. Como um animal esfomeado, Drake agarrou os seios dela e a fez gemer. Contornou o mamilo erigido com a ponta da língua, molhando-o com sua saliva. Cassie se arrepiou ainda mais quando a brisa da noite tocou a região umedecida que ficara ainda mais sensível. Ela jogou a cabeça para trás, aceitando as sensações que a tomavam com tamanha violência.

Ela sentia o membro rígido e pulsante roçar em suas coxas, fazendo-a querer esfregar uma contra a outra. A necessidade era arrebatadora. Seus dedos encostaram nele por acidente, contudo Cassandra não reteve o impulso de tocá-lo quando Drake gemeu ante a proximidade. Drake sentiu a potência do seu desejo quando os dedos delicados tocaram seu membro e o acariciaram em toda a sua extensão. Massageou os ombros de Cassie, incitando-a a continuar. A curiosidade virginal, somada ao prazer, o enlouqueceu.

— Toque-me — sussurrou em súplica.

Cassie continuou com os movimentos ao ver o prazer que reverberava nos olhos dele. Sentiu com a ponta dos dedos a diferença de textura entre a glândula e o restante do membro de Drake, e isso estimulou a sua curiosidade.

— Eu posso? — Curvou-se na direção do pênis.

— Eu adoraria. — Seu interior vibrou com a expectativa. Não esperava tal atitude de Cassie, sequer teria a ousadia de pedir. Era algo que ela provavelmente acharia profano e devasso demais. Porém, quando a dama tocou-o com os lábios de forma tão curiosa e provocativa, ele não conteve os próprios gemidos.

Passou as mãos pelos cabelos dela, segurando-os para trás para que não fossem nenhum empecilho quando a umidade provocante da boca o envolveu. Ela deslizou até a base e tentou imitar os movimentos que Drake fazia quando estava em seu interior. A habilidade instintiva e inocente da língua dela deixou Drake nas nuvens. Era a forma de tormento mais deliciosa do mundo quando Cassie percorria-o vagarosamente com a língua, antes de acolhê-lo entre os lábios outra vez. Quando sentiu que, se ela continuasse, o jogo entre eles terminaria cedo demais, Drake a puxou pelos ombros e a forçou a parar.

— Cavalgue-me, Cassie. — A voz estava rouca e carregada de tensão.

A dama arregalou os olhos, pega de surpresa pela ordem. Ficou um tanto confusa, porém, compreendeu quando ele a ajudou a unir os corpos. Drake foi

deslizando para o seu interior, com as mãos firmes sobre a cintura dela e Cassie estremecia de prazer. Seu corpo úmido e pronto, moldou-se ao dele com facilidade.

Segurou nos ombros dele e beijou-o quando Drake movimentou seus quadris instigando-a a começar a fricção. Cassie gostou da surpresa ao perceber que, sentada sobre ele, ela poderia tomar o controle do ato, ritmar a velocidade e medir o quanto ele podia adentrá-la. Passou as unhas pelos ombros dele e Drake pressionou as mãos sobre seus seios, elevando o estímulo e o prazer que ela sentia. Apertava os mamilos até que esticou a cabeça para envolvê-los com a boca outra vez, sugando-os como se fosse capaz de sorver algo deles. O prazer os governava acima de qualquer outra lei. Cediam a cada estímulo e bebiam do desejo um do outro.

Cassandra o puxou pelos cabelos e o fez beijá-la enquanto o ritmo com que se movia sobre os quadris dele se tornava ainda maior, frenético e incessante. O beijo em meio ao sexo tinha um sabor diferente, concedia a eles ainda mais estímulo.

Drake a segurou pela cintura e a girou, deitando-a outra vez sob as peles e se entregou com toda a selvageria e a necessidade que o governava. Cassie cerrou as pernas ao redor da cintura dele, quando o ápice começou a varrer seu corpo e uma parte remota de sua consciência, tomada pelo êxtase, percebeu que ele se juntava a ela.

Eles levaram alguns segundos para recuperar a consciência e Drake ainda ofegava como se tivesse cavalgado durante horas no sol ardente.

— Drake — ela passou o dedo sobre a linha abaixo do pescoço dele, que se movia junto com a respiração descompassada do homem -, já que todos sabem sobre nós, gostaria de dormir em sua tenda.

— Quer passar todas as noites comigo?

— Sim, posso?

— Seria um grande tolo se ousasse dizer que não.

Cassandra abriu um largo sorriso e apoiou a cabeça sobre o peito dele.

— Isso me deixa feliz.

— A mim também.

— Precisa mesmo me devolver ao meu pai?

Drake recuou e arregalou os olhos.

— O que está dizendo?

— Quando tudo isso acabar, quando fizer justiça por sua família, eu não posso continuar aqui? Não posso continuar com você?

— Por que iria querer continuar aqui? Não faz ideia do quanto pode ser frio no inverno. — Riu na tola tentativa de dar um ar descontraído a conversa.

— Eu o terei para me aquecer.

— Não posso lhe oferecer nada do que tinha em sua antiga vida. Vivemos de pequenos saques, sequer tenho direito ao rancho de minha família, pois Isaac o confiscou.

— Estou mais feliz nesse acampamento do que em qualquer outro momento da minha vida. Eu amo...

A fala de Cassie foi interrompida por um grito de horror.

Drake se levantou às pressas, vestindo as calças, e Cassie ajeitou o vestido. Saíram da tenda no susto e se depararam com Anne no centro do acampamento e um desconhecido atrás dela, com a arma apontada contra a sua cabeça. Os olhos dela estavam arregalados e repletos de pavor. Cassandra podia jurar que via lágrimas tomá-los.

O homem misterioso gargalhou e Cassandra deu um passo hesitante para trás. As sombras nos olhos dele eram densas e poderiam apavorar qualquer dama.

— Solte-a! — Drake apontou sua arma contra o sujeito.

— A quem acha que a bala acertará primeiro: sua garota ou a minha cabeça? Se eu fosse você, não apostaria, pois tenho a vaga sensação de que irá perder.

— Quem é e o que faz aqui?

— Ah, quanta indelicadeza a minha. — Ele apertou mais o cano da arma contra a têmpora de Anelise e uma lágrima de pavor escorreu pelos olhos dela. — Ainda não me apresentei. Meu nome é River Davis, sou um caçador de recompensas e estou aqui pela sua cabeça, Drake Knight.

Cassie pensou em correr para ajudá-la, ainda que não tivesse nada o que fazer. Provavelmente, o que só tornaria a situação ainda pior.

— Se quer a mim então solte Anelise. Ela não fez nada, não existe e nenhuma recompensa por ela.

— Sim, solte-me! Sou pobre e inútil. — Anelise soluçava ao se afogar no próprio pavor.

— Quem garante que, se eu a soltar, não tentará me matar?

— Eu lhe dou a minha palavra. — Drake começou a baixar a arma.

— Sinto muito se a palavra de um fora da lei não vale nada para mim.

— Deve estar aqui por minha causa. — Cassandra se esgueirou para frente de Drake se deixando visível ao caçador. — Eu sou Cassandra Evans, filha de James Evans, o dono da mina de ouro em Oothaw. Devem estar oferecendo uma boa quantia pelo meu retorno, se não, eu tenho certeza que meu pai se mostrará bastante generoso quando me ver.

— Cassie! — Drake rosnou nada satisfeito com a proposta que ela havia feito.

— Nada me impede de levar os dois e receber pelos dois. — Um sorriso sombrio surgiu nos lábios do caçador.

— Não pode fazer isso!

— Não está em posição de qualquer questionamento, senhorita Evans. — Ele reparou bem em Cassandra, os lábios inchados e o vestido amassado. Não poderia ter certeza, mas sua mente devassa fez boas suposições. — Para quem foi sequestrada, parece que está muito bem. Inclusive, até os defende.

— Nos deixe em paz!

— Não quer voltar para o seu pai, senhorita? Imagino que ele esteja preocupado com a sua segurança e o seu noivo anseia mais do que tudo voltar a vê-la.

— Não, eles não se importam! — Cassie deu de ombros.

— Não estariam dispostos a pagar meu peso em ouro se não se importassem, disso eu posso lhe garantir.

— Deixe-as em paz e me leve. — Drake colocou a arma no chão e ergueu os braços.

— Drake, não faça isso! — Anne suplicou, ainda que estivesse sob a mira da arma. — Você é muito mais valioso para ele do que eu.

— É por isso que eu imagino que ele não irá fazer objeções quanto a troca.

— Chute a arma para mim, Drake Knight.

O fora da lei fez o que lhe foi pedido e chutou a arma. Assim que o revólver parou junto ao seu pé, o caçador empurrou Anelise para frente, fazendo-a cair de joelhos com as mãos sobre a fogueira que, por sorte, estava apagada.

— Agora, venham até aqui, você e a senhorita Evans.

— Não fará nada com Cassie. — Drake mostrou os dentes.

— Quanto heroísmo para um homem de sua espécie. Pela forma como a defende, estou começando a achar que a presença dela aqui significa muito mais uma fuga do que um sequestro, já que ela é protegida e parece muito à vontade.

— E qual a importância disso para você?

— Nenhuma. — O caçador coçou a cabeça com a mão que não segurava a arma. — Apenas me deixou instigado, para não dizer curioso. Planejaram isso todo o tempo? Imagino que já se conheciam.

— Isso não lhe diz respeito — vociferou Drake. — Poupe meu tempo, não quero gastá-lo com conversas desnecessárias.

— Não imaginei que estivesse tão afoito para ser entregue aos cuidados do xerife. Pelo visto, tem assuntos pendentes para serem solucionados.

O caçador abaixou sua arma e pegou a corda para que pudesse amarrar os pulsos de Drake. Nesse instante, o fora da lei reagiu golpeando-o com uma cotovelada no nariz, que fez com que o homem recuasse alguns passos e erguesse a mão para massagear a área atingida.

— Maldito! — praguejou ao cuspir sangue no chão seco. — Eu deveria ter imaginado que não se entregaria tão fácil.

— Sim, deveria. — Drake tentou deferir outro soco contra o homem, mas ele se esquivou e ergueu a arma.

O fora da lei segurou o caçador pelo pulso e ergueu sua mão para tirar de mira Cassandra e Anelise, garantindo que qualquer tiro acidental teria sido para cima.

— Bastardo!

— Já recebi vários nomes, mas imagino que esse seja o menos adequado, já que meus pais sempre foram um casal feliz.

Eles lutaram pela posse da arma. River tentava golpear Drake com os joelhos, e ele se defendia com as pernas. A arma pendia de um lado para o outro

até que girou para o espaço entre os dois homens. Cassandra assistia a cena em completa agonia, com medo que um tiro fosse disparado a qualquer momento e Drake acabasse por ser atingido.

Ela correu e pegou a arma que ele havia lhe dado ao ponto que o embate continuava. O metal nunca parecera tão escorregadio entre seus dedos aflitos. O coração de Cassandra saltava pela boca, temendo o pior.

Ela ouviu um disparo e tudo ao seu redor ficou estático. Drake e o caçador de recompensas pararam de duelar pela posse da arma e ficaram imóveis. Por um segundo, nem a correnteza do riacho ousou quebrar o frágil silêncio. Então, o fora da lei sentiu suas pernas pesarem e caiu de joelhos. O caçador de recompensas se afastou com as mãos sujas de sangue, o sangue de Drake Knight.

Cassie atirou, atingindo-o no ombro, o que o impulsionou para trás. River saiu cambaleando e o segundo tiro passou de raspão por suas costas. Ele correu com todo o fôlego que lhe restava e tomou a sela de seu cavalo, saindo a galopes. Cassandra continuou a atirar, porém, nenhuma outra bala tocou a pele do maldito, que logo sumiu de vista.

— Drake! — Cassie soltou a arma de suas mãos trêmulas e correu até ele.

Ajoelhou-se atrás dele e o segurou pelos ombros, sentindo todo o corpo que Drake derrubava sobre ela. Não imaginava que ele pudesse ser tão pesado.

— Ele foi baleado. — Anne olhou para o ferimento que Drake cobria com a mão.

— Cassie... — A voz saiu quase inaudível pelos lábios trêmulos dele.

— Fique em silêncio, Drake. Guarde suas forças. Vamos salvar você. Podemos fazer isso não é, Anne?

— Eu espero que sim. — Anelise respirou fundo. — Não é o primeiro tiro que ele ou os outros levaram, mas esse foi feio.

— Só vamos salvá-lo, por favor.

— Deite-o no chão. Vai diminuir o sangramento. Depois pegue alguns lenços.

Cassie ficou estática.

— Agora!

Deitou Drake no chão com todo cuidado, em seguida, correu até as tendas em busca de lenços limpos. Nada a movia mais do que o medo. Não podia perdê-lo, não quando ainda não confessara a ele seus sentimentos mais profundos. O caçador tinha razão, aquilo nunca fora um sequestro, e sim, uma fuga. Cassie sentiu isso no primeiro instante em que encarou os olhos de Drake sobre o teto daquela carruagem, a caminho do casamento com um homem que sempre desprezou. Ele a salvou de um casamento certamente infeliz, e depois disso, deu a Cassie mais direito a suas próprias escolhas e vontades do que tivera por toda a vida antes dele. Deitar-se com o fora da lei foi, acima de tudo, escolha dela e Cassandra jamais se arrependeria dos momentos que compartilhou ao lado dele.

— Aqui está! — Ajoelhou-se ao junto ao corpo cada vez mais pálido de Drake. Seu peito nu estava ensopado com sangue.

— Coloque os lenços sobre o ferimento de Drake e aperte com força. Precisamos conter o sangramento enquanto acendo a fogueira e pego algumas facas. — Anne revirava a lenha ainda em brasas, que havia queimado um pouco a sua mão quando caíra sobre ela, porém, diante de toda a adrenalina dos acontecimentos, Anelise mal se dera conta de que estava ardendo.

Pegou algumas facas e colocou uma sobre o fogo.

— Viu algum ferimento nas costas de Drake?

— Não sei, tem muito sangue.

— Então olhe!

Aflita, Cassie tombou Drake para o lado e viu um ferimento na parte de trás das costas dele, onde também saía sangue.

— Sim, tem outro buraco aqui.

— Isso é bom. — Anelise pareceu aliviada.

— Bom? — Cassandra arregalou os olhos, sem entender como outro ferimento poderia ser benéfico a ele de alguma forma.

— Isso é sinal de que a bala saiu e não precisaremos nos preocupar em tirá-la de dentro do Drake.

Cassie fingiu ter entendido, mas a ruga entre suas sobrancelhas a delatava, mas Anelise não perdeu tempo com isso. Salvar a vida de Drake era mais importante.

— Péssimo dia para o meu irmão e os outros decidirem ir atrás de mulheres por diversão. Se estivessem aqui, isso não teria acontecido. — Ela passou as mãos sujas de sangue no rosto, tirando os fios de cabelo que haviam grudado no suor de sua testa.

— Se preocupe com eles depois.

— Mantenha o Drake de lado e o segure. — Anelise pegou a faca, que já estava ficando avermelhada e a ergueu pelo cabo.

— O que vai fazer?

— Você pergunta demais. — Anne pegou a faca em brasas e a pressionou contra as costas de Drake.

Ele não tinha forças para gritar, então, apenas se contorceu nos braços de Cassandra, demonstrando a dor que estava sentindo. Ela manteve as mãos sobre os ombros do fora da lei na esperança que pudesse transferir para si parte do sofrimento do homem.

Anne fez de novo. Dessa vez, no ferimento da frente e Drake ficou imóvel. Sua respiração lenta e quase imperceptível era a única pista de que estava vivo, porém, isso poderia não permanecer por muito tempo.

— O que aconteceu aqui? — Thomas saltou do cavalo logo que ele e o restante do bando retornou. — Inferno... — Ficou boquiaberto ao enxergar Drake caído. — Ele está morto? — Pensou no pior ao ver os olhos de Cassie inchados de lágrimas.

— Não, ao menos ainda não. — A resposta veio de Anne. — Peça ajuda de Urdir e Daniel para levá-lo para dentro da tenda. Não nos resta muito o que fazer a não ser esperar e rezar para que ele melhore.

Thomas assentiu e foi aos outros que também chegavam e se chocavam com a cena.



CAPÍTULO



Doze

Cassie não saiu do lado de Drake por toda a noite. Necessitava do som da respiração dele para se sentir aliviada, ainda que o fora da lei estivesse inconsciente. Ele havia perdido sangue demais e, segundo Anelise, levaria alguns dias para recuperar a consciência. Queria acreditar nas palavras de Thomas, que Drake era forte como um búfalo e precisaria de mais do que um reles caçador para derrubá-lo. Agarrava-se a essa ideia como Drake se agarrava a vida.

O sol da manhã tocava a sua coxa pelo ângulo que adentrava a tenda. As costas da dama estavam doloridas por permanecer ajoelhada durante toda a noite. Porém, Cassie não ousou se mover dali, era como se sua presença fosse o que mantivesse a alma de Drake ligada ao corpo.

A vida era efêmera. Poderiam morrer há qualquer instante. Cassandra sabia disso muito bem, pois sua mãe falecera ainda muito nova. Até aquele instante, não se preocupara com isso, pois era uma realidade ao qual havia facilmente se adaptado. Porém, a possibilidade de perder Drake sem ter desfrutado de tempo o suficiente com ele a apavorava.

Segurou a mão grande e pesada entre seus dedos e uma lágrima escorreu de seus olhos, molhando a superfície.

— Você não pode me deixar, Drake Knight. Não pode me deixar logo agora. — Balançou a cabeça em negativa, espalhando as lágrimas para todos os cantos.

— Cassie... — Anne entrou sorrateira dentro da tenda, esforçando-se para não assustar a moça.

— Sim. — Cassandra engoliu as lágrimas que lhe perturbavam.

— Você precisa comer alguma coisa. Se não conseguir cuidar de si mesma, como poderá cuidar do Drake?

— Ele precisa de mim. — Manteve suas mãos segurando as do fora da lei.

— Precisa sim, mas precisa de você saudável. Vamos! — Bateu nas costas de Cassie. — Levante-se e vá comer um pouco. Enquanto isso, eu tentarei

fazer com que Drake tome um pouco de caldo.

— Eu posso fazer isso. — Cassandra estendeu as mãos esperando pela tigela.

— Não. Do que adianta ele melhorar se, quando voltar a si, terá que cuidar de você por negligenciar a si própria? Eu posso cuidar dele, fiz isso por um bom tempo e continuarei fazendo. Agora vá, e coma!

Cassandra se levantou assustada com a ordem e saiu da tenda a contragosto. Não queria deixar Drake por um único segundo. Tinha medo que o caçador de recompensas voltasse ou o pior acontecesse, e ela era incapaz de suportar isso.

— Como ele está? — perguntou Thomas assim que viu Cassandra deixar a tenda.

— Ainda desacordado. — Olhou para cima, tentando evitar que qualquer lágrima caísse.

— Não deveríamos ter saído daqui. Tenho certeza que ele vai cortar o meu pau e dar para os búfalos comerem quando acordar.

Em outra situação, Cassie estaria rindo daquilo.

— Precisamos sair daqui — Urdir parou de comer e olhou para Cassandra. — O caçador de recompensas pode voltar com reforços e Drake não vai sobreviver a mais um tiro.

— Não podemos sair! — bradou Cassie. — Ele não tem a menor condição de montar. Só o movimento do cavalo pode matá-lo.

— Então arrumaremos uma carroça — sugeriu Daniel. — Nunca ficamos muito tempo no mesmo lugar, por segurança.

— E para onde vamos agora? — perguntou Thomas. — Era sempre Drake quem escolhia os lugares.

— Tem um lugar. Um lugar para onde Drake queria me levar e me esconder do Isaac, talvez possamos ficar lá por um tempo. Acho que talvez me recebam. — Cassie hesitou, porém, era o único local seguro que lhe vinha à mente.

— Acha? Como acha? — Thomas cruzou os braços.

— Nunca fui lá antes.

— E onde seria?

— No acampamento dos Miwok's, onde a minha mãe nasceu.

— Não sei se é uma boa ideia. — Thomas coçou a barba que lhe tomava o rosto.

— Por que não?

— Os nativos têm sua cota de problemas com os colonos. Não acho que vão entrar nessa briga por nós.

— Por vocês, talvez não, mas por mim. É uma das poucas possibilidades que temos. Ou tem outra ideia melhor? — Cassie deu um passo na direção de Thomas, fazendo-o recuar.

— Não. É um risco que talvez possamos correr. Isso se conseguirmos uma carroça para levar Drake. De preferência coberta, porque são algumas horas daqui até o assentamento dos nativos.

— Vou atrás da carroça. — Daniel ergueu a mão ao se oferecer. — Urdir, você vem comigo?

— Acho melhor eu ficar. Se o caçador voltar e tiver reforços, quanto mais de nós estiverem aqui, melhor, já que o Drake não tem a menor condição de se defender.

— Tem razão. Vou sozinho e espero voltar logo. — Daniel ajeitou o chapéu no alto da cabeça e caminhou até os cavalos.

— Então é isso, depois que o Daniel voltar com a carroça, vamos até os nativos? — Perguntou Thomas, querendo ter a aprovação de todos antes de tomar qualquer decisão.

— Sim, nós vamos. — Apenas Cassandra respondeu.

— Espero não ser recebido com uma flecha bem no meio da testa — resmungou Urdir.

Cassie não disse nada, mas também estava receosa. Não sabia nem quem eram os familiares da mãe dela, tampouco como reagiriam à sua presença e a dos outros refugiados. Torcia pelo melhor, pois precisava desesperadamente disso.

— Aqui. — Thomas encheu uma tigela e entregou a Cassie. — Imagino que esteja com fome.

— Nem sei mais o que é isso.

— Não seja tola. Nosso corpo dificilmente recusa comida. Vamos! Pegue logo, antes que esfrie.

Cassie assentiu. Após a mordida no primeiro pedaço de carne, percebeu o quanto estava faminta. Sentou-se e começou a comer sem modos, fazendo com que Thomas e Urdir rissem.



River puxou o curativo improvisado com os dentes, tentando mantê-lo o mais apertado possível. Ainda sangrava e ele tinha muita dificuldade para se manter sobre o cavalo. Precisava chegar à cidade, porém, naquele ritmo, já começava a achar que morreria antes.

Parou com o cavalo diante da delegacia e seu corpo quase rolou para o chão com a inércia. Estava tão sem forças que desabou sobre o pescoço do animal.

— Xerife! — Um dos homens de Isaac pulou de sua cadeira ao ver o caçador de recompensas pela janela.

— O que foi, homem? — Bufou Isaac ao erguer a cabeça da mesa. Estava com sono e tirava um notável cochilo.

— Aquele não é o forasteiro que saiu atrás do Drake Knight?

Isaac coçou os olhos antes de olhar pela janela. Arregalou os olhos e despertou quase de imediato ao ver que o guarda estava certo, era River Davis, e o homem parecia morto. Ergueu-se de sua cadeira e correu para a entrada da delegacia, onde recuou com a luz do sol se chocando contra as suas pupilas dilatadas. Assim que conseguiu acostumar seus olhos com a iluminação, tocou o pescoço do homem e percebeu que estava febril, mas ainda estava vivo.

— Um de vocês, vá chamar o médico, o restante tire esse homem de cima do cavalo e o coloque sobre a cama da cela. Ele precisa ser socorrido.

Isaac não era o tipo de homem que se apiedava dos moribundos, tampouco prestava auxílio aos necessitados. Contudo isso não o tornava menos perspicaz. Havia uma única explicação para que o caçador de recompensas chegasse naquele estado à cidade. Ele havia se encontrado com Drake Knight, e pelo visto, o fora da lei era quem havia levado a melhor.

O xerife observou enquanto seus homens tiravam River do cavalo e o levavam ao interior da delegacia. Tinha esperanças que o homem não morresse

sem antes lhe falar sobre o ocorrido. Porém, praguejou ao ver sua esperança de tirar Drake do caminho desfalecendo na cela.

O fato de Drake ainda estar vivo e de ter Cassandra em sua posse ia contra os planos de Isaac. Todo o poder que acreditava possuir naquela região ainda estava subjugado ao dinheiro que James Evans possuía.

Por um tempo, Isaac achava que apenas ser o xerife da cidade seria o suficiente para ter poder irrestrito sobre o local e as pessoas. Entretanto, esse pensamento se mostrou errôneo, quando percebeu que todos os habitantes de Oclaw eram mineradores e tinham sua lealdade para com o empregador. Tudo seria solucionado com o casamento, pois além de ganhar uma bela e jovem esposa, ele teria de uma vez por todas o controle total sobre a região. Mas Drake tinha que atrapalhar tudo. *Moleque maldito!* Parecia com uma barata, pronto para sobreviver às situações mais adversas. Ainda que Isaac não o tivesse matado naquela noite, as chances de um menino de dez anos sobreviver sozinho eram escassas. Não só sobreviveu, como fora acolhido por um grupo de bandoleiros e se tornara o líder deles.

Maldito Drake Knight! Isaac meteu as mãos dentro dos bolsos e observou o horizonte, onde começavam a se destacar algumas nuvens de chuva. Não tardaria o céu a escurecer por completo. Lhe pareceu um estranho presságio.



Cassie sentiu uma gota cair sobre sua cabeça antes de entrar sob a proteção da carroça, onde Drake fora deitado pelos demais membros do bando. Ajoelhou-se ao lado dele e ajeitou as peles sobre seu pescoço, fazendo delas um travesseiro.

A pele dele ainda estava muito quente. A febre não cessara nem com os panos úmidos que Cassie colocava sobre sua testa. Drake às vezes balbuciava, movendo a boca em sinal de delírio e isso enchia o coração de Cassandra de esperança, porém, não era um sinal de que ele iria melhorar, era apenas a sua mente entrando pouco a pouco em colapso.

A carruagem começou a se mover e Cassie ajeitou os suprimentos para que eles mantivessem Drake o mais firme possível durante a longa jornada. Não seria fácil, mas a esperança a mantinha firme. Drake havia tirado Cassie de sua

antiga vida, mostrado à ela coisas imagináveis sobre si mesma. Jamais conseguiria voltar a ser como antes.

— Frank, não! — Drake se remexeu em delírio e Cassandra apoiou as mãos sobre o peito dele.

— Acalme-se, eu estou aqui.

— Frank, cuidado!

Quem era Frank e por qual motivo Drake parecia tão preocupado com ele? Cassandra se questionou em pensamentos.

A voz de Drake se tornou um murmúrio inaudível até que ele entrou em sono profundo outra vez.

Cassandra pegou um cantil e ergueu a cabeça dele, forçando algumas gotas de água pelos lábios. Precisava mantê-lo hidratado depois do tanto de sangue que havia perdido ao ser baleado.

— Você vai ficar bem. Você precisa ficar bem. — Beijou-o no alto da cabeça.

Cassandra se assustou com o trovão. E logo as pequenas gotas de chuva se transformaram em algo mais intenso. Estaria muito contente de sentir a água tocar seu corpo se fosse em uma outra ocasião. Porém, naquele instante, suas preocupações se concentraram na possibilidade da água escorrer pelo forro da carroça e molhar o seu interior. Sentiu as rodas começarem a girar com mais velocidade, Daniel deveria ter instigado os cavalos a irem mais rápido, na esperança que se molhassem menos antes de chegar ao destino.

Cassandra pegou o couro de búfalo que usavam para fazer as tendas e cobriu Drake, fazendo com que a água que escorrei para dentro não o molhasse.

Abraçou a si mesma ao sentir frio. Estava arrepiada, mas por um motivo diferente daqueles causados pelos beijos e as carícias de Drake tocando com delicadeza a sua pele. Não era o melhor momento para uma chuva. A complicação da febre de Drake fora um tormento durante toda a viagem.

O chão molhado dificultou a passagem das rodas da carroça e isso tornou o percurso ainda mais longo. Cassie já havia perdido a noção do tempo quando a carroça parou e ela colocou a cabeça para fora. A chuva já havia cessado e esse ao menos era um martírio do qual não precisava mais sofrer. Ela viu uma lança a poucos metros do cavalo que puxava a carroça e outra parou logo ao lado dela.

— Não avancem! — ordenou um nativo à espreita no alto da colina.

Cassie saltou da carroça e caminhou pelo solo barrento pela chuva até se tornar bastante visível aos nativos.

— Sai daí, sua tola! Vão acabar acertando-lhe com uma lança. — Anne sacudiu as mãos, sentada sobre o seu cavalo, na tola tentativa de puxar Cassie para mais perto, porém, a dama estava longe demais.

— Eu sou Cassandra, filha de Yoomee e neta de Kanda, venho em paz e suplico por abrigo para mim e os meus amigos.

— Por que acha que a ajudaríamos? — ecoou uma voz ríspida.

— Era o último lugar que eu tinha para recorrer — confessou, com as gotas de chuva disfarçando as lágrimas em seus olhos.

— Vão embora! Brancos não são bem-vindos aqui. Eles já nos fizeram mal o suficiente.

— Você disse filha de Yoomee? — Um outro homem apareceu ao lado do primeiro. Ele tinha a pele avermelhada, assim como a de Cassie, os lábios e o nariz finos. As rugas no rosto indicavam que ele já não era mais um homem tão jovem. Os longos cabelos negros caiam sobre os ombros, estavam partidos ao meio e haviam duas penas presas a eles. As roupas feitas de pele de animal, cobriam todo o corpo.

— Sim. — Cassandra assentiu. — Yoomee era a minha mãe.

— Sabe falar nosso idioma, menina?

Cassie fez que não.

— Minha mãe morreu no meu parto. Nunca tive a oportunidade de compartilhar dos conhecimentos dela.

— Isso explica porque nunca tive notícias da minha irmã depois de todos esses anos.

— Irmã? — Ela afunilou os olhos para tentar enxergar melhor o homem. — É irmão da minha mãe?

— Sim, eu sou. Yoomee era a minha irmã caçula. Nunca mais a vi depois que um branco a levou. Tem um rosto parecido com o dela.

Cassie não conseguiu evitar o sorriso diante da comparação. Não sabia nada sobre a mãe e cada migalha de informação a fazia vibrar.

— Podem nos oferecer abrigo, por favor? Meu... — Não sabia que nome dar a relação que ela e Drake tinham e isso a revirou por dentro. — Meu amigo

foi baleado por um caçador de recompensas e está muito debilitado. Se ele continuar nessa chuva, não terá mais nenhuma chance de sobreviver.

— Não! — bradou o primeiro que os recebeu com lanças.

— Acalme-se, Awan. Não vê que ela se parece com Yoomee? O rosto é o mesmo da minha irmã.

— Sua irmã tão tinha olhos azuis.

— Deixe-os entrar, sob minha responsabilidade.

— Que a ira de sua mãe caia sobre você, Dasan. — Awan deu de ombros e se afastou.

— Venham, podem passar! — Dasan fez um gesto para que prosseguissem com os cavalos e a carroça.

O nativo desceu da colina e se juntou ao bando, ficando ao lado de Cassie.

— Acho que quando sua mãe nos deixou, ela era ainda mais nova do que você.

— Tinha quinze anos?

— Imagino que sim. Quantos anos você tem?

— Dezoito. — Cassie se abraçou, sentindo a brisa fria lembrá-la de que estava molhada.

— Vamos para o acampamento, lá poderá se aquecer.

— Obrigada. — Cassandra sorriu ao encarar o homem, o seu tio. Ele tinha aparência madura e algumas rugas lhe compunham a feição. Deveria ter quarenta, talvez cinquenta anos. Todavia, ainda demonstrava ter vigor para manusear armas com habilidade.

Assim que Cassie deu mais alguns passos, começou a ver as tendas indígenas em formato cônico, feitas de pele de animais e postes de madeira. Algumas crianças saíam receosas de seus abrigos e vinham se arriscar a brincar nas poças de água feitas pela chuva.

— Um minuto. — Dansan se afastou e Cassie o viu entrar dentro de uma tenda.

— O que ele vai fazer? — Thomas se colocou ao lado dela.

— Eu não sei.

Eles ficaram parados, observando e sendo observados. Cassie sentiu um pouco de desconforto com todos os olhares que lhe eram dirigidos de forma tão penetrante, no entanto, conseguiu sorrir quando duas crianças se aproximaram e começaram a brincar com seu cabelo comprido.

— Olá, gostaram do meu cabelo? — Ela sorriu para elas, porém, as meninas pareciam não entender uma palavra do que Cassandra dizia.

— Senhorita Evans, o Drake precisa sair desse tempo. — Daniel a lembrou de algo que a atormentava, quando Dansan saiu do interior da tenda.

— Podemos colocar Drake em alguma das tendas? Ele está enfermo e essa chuva e o vento... — suplicou com os olhos e os lábios semicerrados.

— Pedirei que os levem até a minha tenda. Mas você, quero que venha comigo.

Cassie olhou para os outros antes de voltar a encarar Dansan e assentiu com um movimento de cabeça.

O nativo se curvou para perto das crianças e disse a elas algo em um idioma não identificável para Cassandra, já que sua preceptora apenas lhe ensinara línguas europeias. Então as duas meninas fizeram um sinal com as mãos, chamando a tribo para segui-las e começaram a caminhar entre as tendas.

— O que quer de mim? — Cassie encarou o tio assim que ficaram a sós.

— Alguém quer lhe conhecer.

Cassandra assentiu.

— Por que fala inglês e o restante da tribo não? — perguntou enquanto caminhava lado a lado com ele até a tenda de onde Dasan havia saído anteriormente.

— Alguns de nós precisamos conseguir nos comunicar com os brancos, nem que seja para mandá-los embora.

Ela riu, porém logo seus lábios se fecharam ao lembrar da tristeza de toda a situação. Sentia muito por tudo, porém percebeu que seus sentimentos quanto a isso eram irrelevantes.

Cassandra passou pela abertura da tenda, empurrando a pele para o lado e encontrou uma mulher de costas, envolta no que pareceu uma névoa mística, talvez visível apenas aos olhos da dama. Sentiu-se estranhamente contente e a angústia foi se dissipando.

— Então, seu nome é Cassandra? — A mulher se virou com certa dificuldade. O peso da idade era exibido em seu semblante.

Ela tinha a curvatura dos olhos e a maçã do rosto iguais aos de Cassie. A não ser pela cor os olhos, as duas mulheres eram iguais e Cassandra reconheceu isso.

— Kanda! — Foi mais uma certeza do que uma pergunta.

— Sim, criança. Sou eu. Confesso que estou agraciada com a sua presença.

Foi a primeira vez que conseguiu sorrir desde o que acontecera a ela. Teve vontade de abraçar a velha senhora, porém, se conteve.

— Também estou feliz por estar aqui. — Seu âmagô sibilava com uma estranha alegria que a contagiava. — Apenas lamento a circunstância.

— Não lamente fatos que trazem mudanças benéficas as nossas vidas, pois sem eles, essas coisas jamais aconteceriam.

— Tem razão. — Cassandra suspirou ao desviar o olhar.

— Dansan me contou sobre o seu amigo. Ele levou um tiro?

Cassie fez que sim.

— Um caçador de recompensas estava atrás dele e em meio a disputa pela arma, Drake acabou sendo atingido.

— Sente-se aqui. — Kanda apontou para um local diante da fogueira que separava as duas. — Conte-me tudo o que aconteceu.

Cassandra jogou os cabelos molhados para trás e obedeceu, desabando sobre a velha senhora todos os seus tormentos e os acontecimentos do último mês. Contou desde o casamento ao rapto, a maneira como a relação dela e de Drake crescia e se solidificava a cada dia, até o infortúnio que o colocara entre a vida e a morte.

— São bem-vindos para ficar conosco, desde que não nos causem problemas.

— Obrigada, vó. — A palavra escapou por entre os lábios de Cassandra e fez com que Kanda sorrisse.

— Terei um tempo para lhe conhecer enquanto seu homem se recupera.

O termo *seu homem* fez com que as bochechas de Cassandra corassem,

mas não perdeu tempo questionando a terminologia, havia assuntos mais importantes a serem tratados.

— Eu irei vê-lo e ajudarei no que for possível.

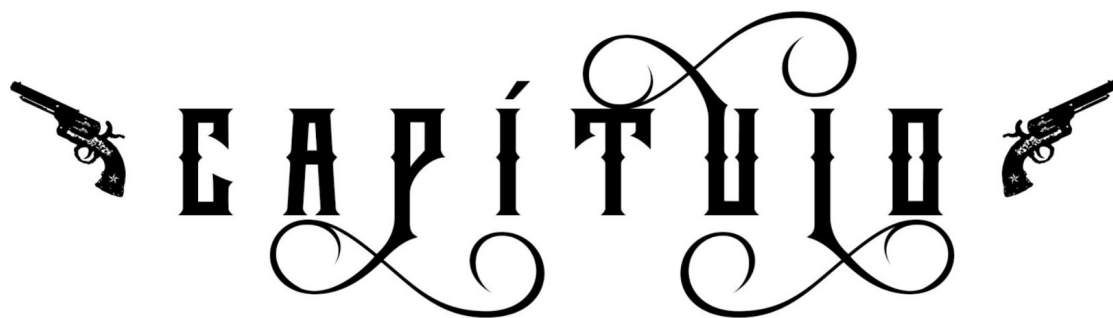
— Desculpe-me, mas em que a senhora poderia ajudar?

— Posso estar velha, minha criança, entretanto, ainda sou uma poderosa xamã. Farei o que estiver ao meu alcance para que ele sobreviva.

— Obrigada!

Cassie se levantou, deu a volta na fogueira que ardia dentro da tenda e abraçou Kanda como tanto quisera fazer desde o primeiro instante em que a viu. O sentimento de família, ainda que não tivessem se conhecido, reacendeu no peito de ambas.

— Oh minha doce Yoomee. É Bom ter parte de você de volta. — Kanda acariciou os cabelos de Cassandra enquanto mantinha o abraço pelo maior tempo possível.



CAPÍTULO

Treze

Cassie ainda podia sentir o cheiro das ervas e as palavras de sua avó ecoarem em sua cabeça quando a velha anciã da tribo se virou para ela.

— Agora a cura cabe a ele. Curar é libertar-se dos medos.

— Obrigada. — Cassie assentiu com uma vênica.

Kanda saiu da tenda e deixou os dois sozinhos. Cassie se ajoelhou ao lado de Drake e colocou a mão direita dele sobre suas coxas, para que pudesse acariciá-la. Ticou o rosto dele em uma carícia e o beijou na testa.

— Fique bem, Drake. Preciso que volte para mim. Eu o amo...



River abriu os olhos e empurrou para longe o homem que se debruçava em cima dele.

— O que está fazendo?!

— Estou trocando seu curativo. — O médico torceu os lábios, irritado com a forma pouco auspiciosa com que fora tratado.

— Onde estou? — Olhou em volta e não reconheceu o quarto, tampouco a cama onde estava deitado. Não se lembrava de estar em uma cama decente há muito anos, a não ser pelos breves momentos em que a compartilhava com as prostitutas.

— Está no racho do xerife. Trouxeram-no para cá

— Por qual motivo?

— Porque eu achei que em uma cela da delegacia era um lugar inviolável para que um homem se recupere de um tiro. Além do fato do xerife parecer muito interessado em sua recuperação.

— Eu já estou bem. — River tentou se levantar, mas a dor latente em seu ombro o fez permanecer imóvel.

— Não está, mas se permanecer em repouso, ficará.

River torceu os lábios.

— Vou avisar ao xerife que você acordou. — O médico caminhou até a porta e deixou o caçador de recompensas sozinho.

A dor latente o fazia se recordar do tiro que levava ali, disparado por aquela maldita. Achava que ela era uma inocente diante disso tudo, que fora sequestrada e estava sendo mantida contra a sua vontade. Porém, ao confrontá-la, percebeu que Cassandra Evans havia sido corrompida pelo fora da lei.

Isaac entrou no quarto e o som da porta sendo empurrada contra a parede fez com que o caçador de recompensas encarasse o homem.

— Imagino que tenho que lhe agradecer pela sua preocupação em salvar a minha vida.

— Tive meus motivos, e entre eles não estava a sua gratidão, River Davis.

— Então o que era? Qual a necessidade de me dar o luxo de repousar em um dos quartos da sua casa e mandar chamar um médico, para que cuidasse do meu ferimento? — O caçador de recompensas já vivera tempo o suficiente para saber que tudo na vida vinha com um preço, e não seria diferente no caso do xerife daquela pequena cidade.

— Quero saber o que aconteceu. Estou certo ao acreditar que encontrou Drake Knight e seu bando? — Isaac cruzou os braços e apoiou o corpo na parede do quarto, fitando o caçador de recompensas como se pudesse ler cada uma de suas expressões faciais.

— Sim, eu os encontrei. Estavam em um acampamento perto de um riacho quase em Sacramento. Quando os encontrei, havia apenas uma mulher, a sua noiva e o fora da lei. Tomei essa mulher como refém e chamei a atenção deles...

— Cassandra, como ela está? — Isaac o interrompeu, curvando-se na direção do homem, curioso.

— Lamento dizer que sua noiva parece muito à vontade na companhia do bandoleiro, inclusive, esse tiro no ombro que quase me matou, devo agradecer a ela.

— Como assim? — O xerife arregalou os olhos. — Cassandra não sabe atirar. Aposto que sequer tenha pego em uma arma em algum outro momento da

vida.

— Imagino que o bastardo do Drake Knight tenha a ensinado, porque me pareceu muito boa enquanto disparava contra mim.

— Por que ele ensinaria uma prisioneira a atirar? Seria estúpido demais dar a ela uma ferramenta e a oportunidade para matá-lo.

River começou a gargalhar, uma risada tão intensa que tomou conta de todo o quarto e deixou Isaac em choque. *Onde diabos aquele maldito poderia estar encontrando graça naquilo?*

— Você parece muito ingênuo diante de toda a situação, xerife. Prostituta talvez, mas prisioneira, eu duvido muito. Ela os defendeu com unhas e dentes quando os ameacei. Além disso, antes de eu chegar, tenho certeza que estava na tenda do bandoleiro, deitando-se com ele.

— Mentira! — Furioso, Isaac deferiu um soco contra parede.

— Por que eu mentiria, Xerife? Não ganharia nada levantando calúnias sobre a sua noiva.

— Cassandra não faria isso.

— Sejam sinceros, o fora da lei era muito mais atraente do que você. Não deve ter sido uma escolha tão difícil para ela.

— Eu salvo a sua vida e ainda ousa me insultar dentro da minha casa? — Os olhos de Isaac queimavam de raiva. Não podia dizer que amava Cassandra, sequer se deu ao luxo disso, ela não passava de um meio para um fim, mas sentiu-se traído.

— Disse-me que queria saber o que aconteceu. Não para que eu lhe poupasse os sentimentos. Mas, se algo lhe agrada, nesse momento, imagino que Drake Knight esteja morto.

— Morto?! Como morto?

— Há mais de um jeito de estar morto que eu desconheça, xerife?

— Entendeu o que eu quis dizer, senhor Davis. — Isaac manteve o tom frio.

— Eu baleei Drake na barriga, poucos homens sobrevivem a esse tipo de ferimento.

— Então, quer dizer que o viu morrer? — Isaac descruzou os braços e caminhou para mais perto do caçador de recompensas, não conseguindo conter

sua própria expectativa diante do fato.

— Não, vi apenas o ferimento e tive que sair correndo ou sua amada noiva teria me matado. — River revirou os olhos.

— Eles devem tê-la manipulado para ficar contra mim. É uma mulher muito ingênua.

— Não foi o que me pareceu.

— Calado! — Isaac se afastou ao bater as mãos nas coxas, com fúria. — Quero saber onde os encontrou, mandarei meus homens até lá. Precisamos trazer Cassandra de volta para casa.

River se manteve deitado enquanto passava as instruções sobre como poderiam achar o bando.



Cassandra estava com a cabeça sobre o peito de Drake, que se movia devagar, quase imperceptível, em uma respiração pausada e lenta. *Ele estava se recuperando... Tinha que estar!* Prometeu a si mesma em pensamentos. Ele não era um homem que cederia tão fácil, não importavam as circunstâncias e a dama estava contando com isso.

— Frank!

Cassandra ergueu a cabeça e o encarou. Ainda de olhos fechados, Drake movia a cabeça de um lado para o outro, inquieto.

— Drake, quem é Frank?

— Eu sinto muito...

— Sente pelo quê?

Não houve resposta, apenas um angustiante silêncio que não era quebrado nem pelo som da sua respiração.

— Drake, por favor, acorde!

Mas ele não acordava. Não importava as intervenções da xamã ou as orações da própria Cassie. Estaria o distinto bandoleiro perdido para sempre?

— Cassandra? — Dansan entrou na tenda. — Algum sinal de melhoria dele?

A dama apenas balançou a cabeça em negativa e apertou a mão de Drake com mais força.

— Mas ele vai ficar bem, não é? — Ela encarou o tio com os olhos brilhantes e suplicantes.

— Esperamos que sim. Porque não vai até às demais mulheres? Imagino que esteja com frio, elas poderão lhe providenciar algumas peles para que se vista.

— Obrigada, mas não quero sair do lado de Drake.

— Não se preocupe com ele, irei ficar aqui.

— Mas se ele acordar e eu não estiver aqui? — Cassandra olhou para o bandoleiro, que ainda jazia adormecido na cama do índio.

— Caso ele acorde, eu a chamarei, não se preocupe.

Cassandra ficou olhando para Drake, não queria sair do lado dele, porém, estava com frio e fome e lembrou-se do que Anne havia lhe dito, precisava estar viva para cuidar da vida de Drake. A fome e o frio que sentia certamente colocavam em jogo sua saúde.

— Por favor, me avise se algo inesperado acontecer.

— Fique tranquila quanto a isso.

Cassandra se levantou sentindo seus joelhos doerem pela posição desconfortável em que ficara. Ao sair da tenda, viu que já estava de noite, a iluminação do local se resumia às estrelas, a lua e a grande fogueira no centro do acampamento.

Não tardou para que encontrasse os demais membros do bando, reunidos em um canto e comendo a refeição que os índios haviam lhes servido.

— Drake está melhorando? — Anne se levantou para encarar a dama.

— Gostaria de dizer que sim, mas está na mesma.

— A febre?

— Baixou.

— Ele vai ficar bom.

Cassandra estava cansada de ouvir todos dizerem aquilo, mas ele não parecia bom de fato. Só ficaria aliviada quando ele abrisse os olhos e voltasse a conversar com ela de maneira sóbria, e não apenas em delírios.

— Está com fome?

Cassandra assentiu com um movimento de cabeça e foi até a fogueira pegar um pouco para ela. Comeu com esforço, ainda que a refeição estivesse saborosa.

Uma garotinha puxou a barra do seu vestido e fez com que Cassie se virasse para encará-la. Ela era pequena, tinha a altura da cintura de Cassie, os cabelos negros estavam divididos em duas tranças e os olhos cor-de-ébanos brilhavam de determinação. A dama se abaixou e sorriu para ela.

— Oi?

A garota sorriu e segurou a mão da Cassandra, puxando-a e fazendo com que ela a seguisse. Passaram por entre outros nativos e seguiram até uma tenda onde estava outra mulher, que arrumava vestidos feitos de pele e penas.

— Cassandra. — A mulher sorriu para ela.

— Fala a minha língua?

— Sim, meu pai me ensinou. Dansan.

— Então é minha prima? — Cassandra sorriu ao perceber que tinha mais familiares do que imaginava.

— Sou filha de Dansan e Yore. Se é a sobrinha dele, então creio que sim. Meu pai me pediu para que lhe providenciasse vestes. — A mulher entregou o vestido para Cassandra.

— Obrigada! Qual o seu nome?

— Taima.

Cassandra começou a tirar seu vestido para colocar o outro.

— Essa menina é a sua filha?

— Sim. Yoluta.

A menina foi até a mãe, que a abraçou pelo ombros.

— É linda!

— Obrigada. — Taima acariciou os cabelos da menina. — Gostaria de

ter conhecido a sua mãe, meu pai falava muito dela.

— Eu também. — Cassandra suspirou. — Infelizmente, ela morreu no meu parto.

— Lamento. Mas um dia terá seus próprios filhos e poderá saber o que é ser mãe.

— Um dia... — Cassie suspirou. Não sabia ao certo se teria uma família, esperava que ao menos não com Isaac... E com Drake entre a vida e a morte...

— É seu esposo o homem baleado? — Taima colocou uma pena no cabelo de Cassie.

— Não. — Ela olhou para baixo, tentando evitar que seu olhar de lamento fosse visto.

— Está tão preocupada que achei que fossem casados.

— É difícil dizer o que há entre nós dois.

— Nunca é tão difícil. Sempre sabemos o que é.

— Talvez. — Cassandra deu de ombros.

— Pretende ficar aqui conosco? — Taima mudou de assunto

— Ainda não sei. Ao menos, até que Drake se recupere. Isso se ele se recuperar. — Cassandra não gostava de pensar no pior, mas ainda era uma possibilidade.

— Confie no poder interior dele, que tudo ficará bem.

Cassie não disse nada, apenas respirou fundo. Esperava de todo o coração que ele lutasse pela vida e vencesse a batalha.



Isaac desceu de seu cavalo e caminhou fazendo barulho com as esporas até parar ao lado do que restava dos destroços de uma fogueira após a chuva. Daquela forma, nem podia ver há quanto tempo o fogo havia se apagado. A chuva também apagara do solo qualquer rastro que os cavalos e a carroça poderiam ter deixado para trás.

O xerife chutou o resto das cinzas, furioso. Aquela pista era inútil, já que não poderia levá-lo ao paradeiro de Drake Night e Cassandra Evans. Odiava pensar na possibilidade do caçador de recompensas estar certo e a moça tivesse se apaixonado pelo bandoleiro. Se isso fosse verdade, só piorava tudo. Ela seria ainda mais hostil com o xerife.

Queria poder matá-la pela sua traição, mas antes do casamento, ele perderia o direito à herança dela.

Pensou na possibilidade do que aconteceria quando James morresse e não tivesse nenhum herdeiro. Sem o dono da mina, a cidade poderia virar um caos, ou talvez Isaac conseguisse tomar posse e ser aceito pelos mineradores.

— Xerife, vamos embora, eles não estão aqui — Disse um de seus homens.

Isaac bateu uma mão contra a outra, se livrando da poeira e encarou o homem, fazendo-o recuar com o olhar furioso.

— Encontrem algum rastro.

— Não, senhor. Mesmo se eles tivessem deixado algum, a chuva já apagou.

— Certo, vamos embora.

Os homens do xerife respiraram aliviados, pois temiam serem mandados em uma busca a esmo sem saberem sequer em qual direção ir.



— Continuamos sem notícias da menina. Devem ter feito o pior com ela — Elizabeth choramingava ao caminhar de um lado para o outro da sala enquanto James fazia anotações no livro de registros da mina.

Ele precisava ser bastante atento com o seu negócio para que não o perdesse para uma grande companhia, como as que já administravam a maioria das minas pelo oeste.

— O pior lhe farei se não parar de andar de um lado para o outro.

Elizabeth parou de uma vez e engoliu em seco.

— Tinha esperança de vê-la de novo.

— Não apenas você, mulher.

— Pobre menina! — A preceptora massageou os cabelos já grisalhos. — Imaginei que o maldito noivo dela servisse ao menos para encontrá-la, mas nem isso ele fez.

— Isaac está fazendo tudo o que pode, Elizabeth.

— Tem certeza? Porque não é o que me pareceu. Ele não se importa com a moça, apenas com a maldita mina de ouro.

— Está falando besteira, mulher! — James jogou as mãos para cima, irritado.

— Diga-me que estou errada. Cassie nunca quis esse casamento. Acho que tudo isso é obra de Satanás, para testar você.

— Cala a boca, mulher! Por tudo que é mais sagrado...! — James colocou a mão sobre o peito ao sentir uma forte pontada.

Ele tombou no encosto com a face revirando em uma careta de dor.

— James! — Elizabeth correu até o senhor e ajoelhou ao lado dele. — O que está acontecendo?

O homem massageava o peito sem fôlego para respirar. Não conseguiu responder a mulher, pois sua voz fora suprimida.

— Senhor...

— Chame o médico...

CAPÍTULO

Quatorze

Nunca sentira suas pálpebras tão pesadas. Levou vários minutos para vencê-las e conseguir abrir os olhos. Sua cabeça pulsava como se houvessem estourado uma manada de búfalos dentro dela.

Ouviu uma respiração e tombou a cabeça para o lado, vendo Cassandra dormindo sentada com a cabeça apoiada no peito. Ela estava vestida com roupas nativas e Drake se perguntou se ainda estava sonhando.

Tentou se levantar, mas não conseguiu. Seu corpo não tinha forças e tudo o que conseguiu foi emitir um chiado.

O barulho despertou Cassie e ela se surpreendeu ao ver Drake de olhos abertos.

— Você acordou! — Ela abriu um largo sorriso e Drake a viu hesitar para não abraçá-lo.

— Onde eu estou? Isso é um sonho?

— Não, Drake. — Cassandra passou os dedos trêmulos pelo rosto coberto pela barba, que não fora feita desde que o homem sofrera o ferimento que o deixara inconsciente. — Não é um sonho.

Os olhos da moça estavam marejados e brilhantes. Ela apertava os lábios para conter as lágrimas.

— Por que está vestida assim? E onde estamos? — Moveu a cabeça o suficiente para olhar em volta e não identificou nada do interior da tenda onde estava.

— Estamos no acampamento dos Miwok, onde a minha mãe nasceu. Essa roupa me foi emprestada porque meu vestido estava muito sujo e as peles são mais quentes do que ele, e foram dias chuvosos.

— Há quanto tempo estamos aqui?

— Quase uma semana.

— Estou todo esse tempo desacordado?

— Sim. Fiquei muito preocupada, tive medo de que nunca mais voltasse para mim.

— Eu não faria isso. — Ele lutou contra a dor para sorrir.

— Estou muito contente com isso.

— A ideia de vir para cá foi sua?

— Sim. Você precisava de um lugar seguro para se recuperar e como não consegui matar o caçador de recompensas, ele deve ter voltado ao nosso acampamento, provavelmente com o Isaac.

— Imagino que sim. Você salvou minha vida, Cassie. Estou apenas surpreso pelos Miwok terem nos dado abrigo. Os nativos não costumam se dar muito bem com os descendentes de imigrantes.

— A família da minha mãe está aqui. Minha avó é a xamã e líder do acampamento. Estão contentes em me ter aqui e eu em conhecê-los.

— Isso é ótimo, Cassie... Aí! — Drake levou a mão ao ferimento que curava aos poucos, mas ainda não era o suficiente para que o fora da lei se arriscasse em movimentos não calculados.

— Fique quieto ou pode acabar piorando isso.

— Fiquei quieto por uma semana. — Drake torceu os lábios em uma careta.

— Mas não foi o suficiente. — Cassandra pegou a mão dele e colocou sobre o peito.

— É tão protetora quanto uma mãe.

— Na falta de uma, você tem a mim.

— Não, Cassie, você não é a minha mãe. — Puxou-a pelo queixo, fazendo-a dar-lhe um breve beijo.

— Então, o que sou para você? — Não era o melhor momento para desafiá-lo com aquela pergunta. Drake mal abria os olhos e ainda estava muito debilitado pelo ferimento e o sangue que havia perdido. Contudo, a pergunta praticamente escapara pelos lábios de Cassandra.

Drake ficou em silêncio por instantes, não sabia o que dizer, nem qual a reação que suas palavras provocariam nela. Não achava que a merecesse, mesmo depois de tudo o que passaram juntos. Os rumos que a sua vida tomara tornaram-no um homem inapto para uma dama como Cassandra Evans.

— Se eu pudesse, a pediria em casamento.

Cassandra sentiu seu peito inflar com uma estranha alegria ao ouvi-lo dizer aquilo, ainda que houvesse o tom de improbabilidade na fala dele. Drake desejava que ela se tornasse sua esposa.

— O que o impede de pedir?

— Cassie... — Drake balançou a cabeça em negativa. Não poderia alimentar uma esperança infundada, não era certo com nenhum deles.

— Por que não, Drake? — Ela o encarou com firmeza, continuando a desafiá-lo.

— Já é noiva do meu pior inimigo e mesmo que eu consiga matá-lo e vingar a minha família, seu pai jamais aceitaria que se casasse com um homem como eu.

— Meu pai já escolheu por mim tempo demais. Além disso, eu não preciso voltar para ele. Pode se vingar de Isaac e iremos para onde você quiser.

— Abriria mão da sua herança por mim? — Ele ficou boquiaberto.

— Já não estou aqui?

A confiança, o olhar e a determinação fizeram com que ele estremecesse. Não esperava tal reação e isso o surpreendeu. Tudo o que desejou dizer era que sim, que fariam aquilo e seriam muito felizes, mas teve receio.

Cassie desejou dizer que o amava e pode sentir a frase escalando por sua garganta, fazendo cócegas, porém, cortou a corda e deixou que voltasse para dentro do coração. Talvez em outro momento.

— Vou pegar algo para você comer. Precisa se alimentar bastante, já que passou muitos dias desacordado e sofríamos para dar-lhe um mero caldo.

— Obrigado.

Cassandra suspirou e deixou a tenda. Drake ficou observando-a sair. Admirava a coragem e a determinação dela. Poucas mulheres na situação em que ela se encontrava reagiriam daquela forma e talvez fosse por isso que a amava... *Ele a amava...* Surpreendeu-se com a forma como tal afirmativa, tão delicada, ecoou como algo natural em sua cabeça.

Deveria ter corrido até ela, beijado-a. Talvez tivesse feito isso se não estivesse tão debilitado pelo ferimento em sua barriga, que doía tanto. Virou-se, tentando ver o estado e percebeu que estava untado com uma pasta de ervas, provavelmente feita pelos nativos.

— Ele acordou — informou Cassandra para Thomas e o restante dos três bandoleiros que flertavam com as índias, que nada entendiam o que os homens falavam.

— Isso é uma benção! — Anne saltou e bateu palmas como se tivesse recebido a melhor notícia de sua vida. Porém, conteve a empolgação quando percebeu que Cassandra não estava assim tão feliz.

— O que foi?

— Nada!

— Cassandra Evans!

— Sou uma tola. — Lágrimas começaram a rolar pelo rosto da dama.

— Por que está dizendo isso? — Anne tinha suas suposições, mas preferia ouvir pelos lábios de Cassandra.

— Ele não se acha bom o suficiente para mim. — Pegou uma tigela entre suas mãos trêmulas e começou a servir a refeição.

— Drake disse isso?

— Sim.

— Ah, querida, não se preocupe. Durante muito tempo, a única preocupação dele era fazer Isaac pagar pelo que lhe fizera. Ainda está surpreso pelo que aconteceu entre vocês dois.

— Surpreso? — Cassie arqueou as sobrancelhas e riu num tom carregado de sarcasmos.

— Sim. Entenda, para ele é difícil.

— O que há de tão difícil em aceitar que podemos levar uma vida juntos, exatamente como temos levado agora? — Ela passou a mão pelo rosto, espantando as lágrimas de seus olhos. — Eu não preciso voltar ao rancho nem assumir a mina do meu pai.

— A vida que levávamos não é fácil, Cassie. Talvez ele apenas esteja tentando poupá-la disso.

— Em algum momento disse que quero ser poupada?

Anne balançou a cabeça em negativa.

— Deixe que ele se recupere. Vai perceber isso com o tempo.

— Espero que sim. — Cassandra suspirou.



O médico se levantou da cama e guardou seus instrumentos em uma pesada bolsa de couro antes de encarar Elizabeth, que observava tudo ansiosa. Esfregava uma mão contra a outra. Suava frio, já havia feito todas as orações que conhecia e acendido velas aos santos. James era um homem bom, ele não poderia morrer sem que a filha voltasse para casa.

— Seu senhor está com um problema no coração. É comum pela idade.
— O médico mexeu nos óculos antes de voltar a olhar o paciente, que repousava na cama.

— E o senhor não pode fazer nada?

— Infelizmente, não. Pode ser que ele melhore ou pode ser que fique ainda pior, apenas o tempo poderá dizer.

— Então o que eu faço? — Elizabeth mordeu os lábios quando seus olhos se encheram com lágrimas de desespero. *O que uma mulher como ela iria fazer numa região tão inóspita e sozinha?* Só de pensar nos oito meses de viagem que levaram a sua vinda da Inglaterra para aquele lugar no fim do mundo, ela estremecia. Não tinha mais idade para passar por esse suplício e voltar à sua terra natal. Sequer haveriam pessoas para recebê-la, caso conseguisse voltar. Estaria condenada a um triste e solitário fim.

— Enquanto ele estiver nessa situação, precisa se manter em repouso e bem alimentado. Não deixe que ele se submeta a situações estressantes.

— Mas a filha dele foi levada por bandoleiros.

— Evite tocar nesse assunto.

— Mas... — Elizabeth pensou em reclamar, porém, acabou silenciando a si mesma.

— Pode levar-me até a porta? — O médico pegou o chapéu, que estava sobre a mesa ao lado da cama e ajeitou-o sobre a cabeça.

— Sim, senhor.

— Obrigado.

Elizabeth seguiu na frente e desceu as escadas, guiando o homem até a saída. Assim que fechou a porta, colocou a mão sobre o peito e respirou fundo. Implorou para que Cassandra voltasse para casa antes da morte do pai.



Cassandra voltou a cabana de Dasan, onde Drake fora instalado desde o momento que chegaram. Viu-o tentando se colocar de pé e correu para evitar que fizesse tamanha besteira.

— Não se levante! Não está em condições — rosnou, empurrando-o de volta a posição deitada.

— Eu já estou me sentindo melhor.

— Não está, não. Não é porque acordou que já está em perfeito estado.

— Cassie...

— Não adianta! — Ela torceu os lábios e empinou o nariz. — Ficaré deitado e bem quieto .

— Tudo bem. — Bufou, derrotado.

Cassie sorriu e deixou a tigela ao lado dele. Pegou algumas peles que estavam sobre a outra cama, onde ela havia dormido nos últimos dias e colocou-as sob a cabeça de Drake, para erguê-la o suficiente para que pudesse alimentá-lo.

Drake aceitou as goladas da sopa que ela lhe dava aos poucos. Estava difícil de engolir e tudo doía, porém, ele fez um grande esforço, queria ficar bom logo. Odiava depender de alguém e, naquela posição, estava sentindo-se muito vulnerável e não lidava bem com isso.

— Cassie... — Segurou a mão dela assim que a sopa havia acabado.

Ela estremeceu com o calafrio que o calor dele provocou em seu corpo. Drake estava quente, mas não febril, e isso a lembrou do calor que sentira na primeira vez que se tocaram.

— Desculpe-me se não lhe disse o que você esperava de mim. — Ergueu a outra mão e colocou uma mecha do cabelo de Cassandra atrás da orelha onde estava uma pena.

— Tudo bem. — Ela deu de ombros. — Eu não me importo.

— Não diga isso. — Ele hesitou diante da mágoa que tomava os olhos dela.

— Então o que quer que eu diga? — Mordeu os lábios, contendo a fúria.

— Eu também...

— Eu também? — Arqueou as sobrancelhas e arregalou os olhos, confusa. — O que quer dizer com isso, Drake Knight?

— Que eu a amo, Cassandra Evans.

Ela abriu um largo sorriso, mas não disse um *eu também*, apenas beijou-o com ternura, lutando para lembrar-se de que ele estava enfermo e não conseguiria tratá-la da costumeira forma arrebatadora.

Para ele, a forma carinhosa e apaixonada com que ela o beijou era a melhor forma de Cassie dizer um *eu também*.

Trocaram carícias por um tempo, até que ela se afastou e o encarou.

— Drake. — A expressão no rosto dela se alterou e ele percebeu que o momento romântico havia chegado ao fim.

— O que foi? — Ele a encarou, tentando desvendar por detrás dos misteriosos olhos azuis de qual assunto se tratava.

— Quem é Frank?

— Frank? — Franziu o cenho.

— Sim. — Ela cruzou os braços e ajustou a postura. — Falou o nome dele várias vezes enquanto delirava. Quem é esse homem?

Drake respirou fundo e a encarou. Não era um assunto sobre o qual gostaria de falar, Frank fazia parte da etapa mais sombria de sua vida. Porém, conhecia Cassie o suficiente para saber que ela não lhe deixaria em paz até obter dele a verdade.

— Se sou um bandoleiro é graças ao Frank. Quando meus pais foram mortos pelo Isaac, eu estava perdido e sozinho. Ele e seu bando me encontraram, faminto e assustado. Poderiam ter feito inúmeras coisas, mas ao contrário, cuidaram de mim. Se eu estou vivo, é graças a ele.

— Então por que parece tão receoso em falar dele?

— Não sei o que Frank viu em mim, ele não era um tipo de homem que

poderia ser classificado como bom. Era o bandoleiro mais procurando em toda a Califórnia. Ele tinha matado um homem para cada ano de vida.

— E o que aconteceu com ele?

— Eu o matei.

Cassie recuou e engoliu em seco com as palavras ríspidas de Drake, que a atingiram como um tiro no peito e o fizera arder. Não esperava dele uma atitude tão fria ou cruel. Drake não era esse tipo de homem, por mais que se esforçasse para parecer.

— Por quê? — perguntou quando o ar voltou aos seus pulmões. — Ele salvou você.

— Como eu disse, ele não era um homem bom.

— O que aconteceu, Drake?

— Havia uns seis anos que eu estava com Frank e seu bando quando aconteceu. Decidiram invadir um rancho na entrada de Sacramento. Nunca concordei com isso, mas também nunca fiz nada para evitar esse tipo de saque a pessoas simples, até aquele dia. Quando entramos na casa, o pai estava na sala, bebendo uísque, e a mãe tricotava. Frank atirou no homem e subiu na mulher, prestes a violentá-la quando um garoto surgiu no corredor e olhou para mim. Foi como ver um reflexo de mim mesmo e de tudo o que havia me acontecido. Eu não poderia decretar o mesmo fim ao garoto.

— Eu sinto muito, Drake! — Cassie limpou as lágrimas com as pontas dos olhos e se curvou para abraça-lo.

— Ai! — Drake se encolheu, lembrando-a de que ainda estava enfermo.

— Desculpe-me. — Cassandra se afastou, envergonhada.

— Pode trazer um pouco de uísque para mim, por favor? Parece que eu não bebo nada há anos.

— Não é a melhor coisa a se tomar agora.

— Tenho certeza que sim.

Ela apenas balançou a cabeça em negativa e se levantou.

CAPÍTULO

Quinze

Cassie abriu os olhos ao sentir o carinho do toque que contornava o seu rosto. Estivera tão preocupada nos últimos dias, que mal se dera conta da própria exaustão. No momento em que Drake dera reais sinais de melhora definitiva, ela acabara por se esvair de uma vez só, perdendo os sentidos em um sono longo e sem sonhos. Fora apenas o toque áspero, porém gentil do fora da lei, que a despertara.

— Drake? Já é de manhã?

— Ainda não. Desculpe tê-la acordado, apenas sentia falta de sentir o quanto a sua pele era macia.

— Tudo bem. — Ela sentou na cama com um sorriso nos lábios. — Como está se sentindo?

— Sou um novo homem. — Ele se sentou ao lado dela.

— Isso é ótimo, Drake. Fiquei tão preocupada, não sei o que aconteceria comigo se o perdesse.

— A família da sua mãe parece muito contente em tê-la aqui.

— Ah, sim. Mas não é sobre isso que estou falando.

— Não? — Ele abriu um sorriso malicioso, quase imperceptível na penumbra da tenda. — Então é sobre o que?

— Sobre deixar de sentir seu toque, o calor do seu corpo contra o meu e a forma como seus beijos me arrepiam.

— Sentiria falta? — Ele colocou a mão sobre a coxa dela e apertou suavemente, fazendo-a estremecer.

Cassie respondeu com um gemido.

— Eu também sentiria falta. — Drake escorregou a mão pela nuca de Cassandra, envolvendo-a com seus dedos cálidos e puxou a cabeça dela para um beijo.

Foi quando a magia começou que a jovem dama finalmente conseguiu respirar aliviada. Pensou que nunca mais sentiria a pressão daquela mão firme a conduzindo a momentos indescritíveis. Abriu passagem para a sua boca quando

Drake pressionou os lábios dela com a ponta da língua. Fechou os olhos, que pouco lhe serviam em meio a tão profunda escuridão e intensificou o beijo, explorando cada canto da boca dele como Drake fazia com a sua.

Cassandra escorregou as mãos sobre o ombro de Drake e subiu no colo dele. O fora da lei soltou um gemido contido, e uma parte remota da mente dela pensou que pudesse ser de dor, quando o homem agarrou seus seios sob a roupa nativa feita de pele, o pensamento se dissipou.

Voltaram a se beijar com ferocidade e desejo, descarregando nos toques toda a necessidade que ficara adormecida durante o tempo de recuperação do homem. Ele já estava sem camisa e ela já podia sentir cada músculo dele enquanto escorregava as mãos pelas costas. Não havia mais curativo no ferimento, apenas um vergão que daria lugar a uma cicatriz.

Drake agarrou as coxas de Cassandra, sentindo como era tocar o céu outra vez e começou a tirar o vestido dela. Cada parte nua fazia seu corpo vibrar, ansiando por mais. Jogou a veste sobre a cama onde ele repousara por intermináveis dias e enterrou o rosto nos redondos e macios seios. *Fazia tanto tempo...* Ele se sentia como um urso faminto, um leão rugindo.

Tirou Cassandra do seu colo e a colocou ajoelhada sobre a cama feita de madeira e peles. Ela ficou surpresa com a posição indecorosa e se surpreendeu ainda mais com a ordem que veio logo depois:

— Apoie as mãos na frente.

— Não! — Cassandra o impediu antes que Drake pudesse tomá-la. — Ainda não.

— Por quê?

— Porque antes quero experimentar você.

Drake arregalou os olhos e esboçou um sorriso ao ser tomado pela ansiedade. Um estranho calafrio o percorreu enquanto ele sentiu um nó em seu estômago diante da possibilidade mesmo estando em um local improvável.

Cassie se virou e o empurrou, fazendo com que o fora da lei sentasse outra vez. Sua boca salivou diante da visão. O fato de já ter sentido aquele sabor antes a impelia ainda mais. Queria Drake por inteiro ainda que fosse a última vez. Seus dedos ainda estavam trêmulos, mesmo que sua excitação a impulsionasse. Tocou o membro com a ponta dos dedos e pode sentir sua textura. A forma como o homem regozijou, mostrou-a que ele desejava aquilo tanto quanto ela. Sentiu sua boca ficar ainda mais molhada quando o envolveu

com os dedos, então curvou-se para tocá-lo com as pontas dos lábios.

Drake espremeu os olhos com a sensação. Perdeu-se no impulso da forma mais sublime de prazer e enrolou seus dedos nos fios do cabelo liso. Deixou que Cassie o envolvesse por completo e a incentivou a continuar. Cassandra se surpreendeu com aquela forma de dar prazer a um homem e quanto isso estimulava a ela mesma. Ela o perturbou e enlouqueceu com a língua e os dedos, que embora fossem inexperientes aprendiam o caminho de uma forma surpreendente. Quando ele sentiu que estava perdendo o controle e que não aguentaria por muito mais tempo, puxou-a pelos ombros e voltou a colocá-la ajoelhada. Cassie deixou o corpo cair para frente e apoiou as mãos em palmas sobre onde costumava dormir.

— Sou eu quem irei cavalga-la agora. — A voz rouca, firme e carregada de tensão a fez estremecer.

Drake segurou a cintura dela com firmeza no momento em que os unia. Cassandra jogou a cabeça para trás, batendo com o cabelo nas costas e se contorcendo. O fora da lei agarrou o cabelo dela para que pudesse se mover com mais controle e entrar mais fundo. Cassandra gemia a cada estocada. Ergueu a mão e seus dedos deslizaram pelo couro que revestia a tenda enquanto era impulsionada para frente e movia o corpo para trás, tornando a união com Drake quase inquebrável.

O desejo era veloz e os subjugavam a cada movimento dos quadris. Drake curvou-se sobre ela e, com uma das mãos, agarrou o seio, e com a outra, estimulou-a entre as pernas. Não demorou para uma onda de êxtase começasse a tomar seu corpo, dando fôlego aos seus gemidos. Ele se juntou a ela quase que no mesmo instante e caíram exaustos sobre a cama de peles.

— Estou tão feliz que você esteja curado. — Cassie escorregou os dedos pelo contorno do rosto, marcado pela barba espessa por fazer.

— Eu ouvi seu chamado, precisava voltar para você.

O coração de Cassandra se inflou com aquelas simples palavras, a forma sutil como elas acariciaram seus sentimentos a fizeram sorrir.

— Precisamos sair daqui.

— Por quê? — Cassandra estranhou a repentina mudança de assunto.

— Imagine quantos nativos podem se ferir, caso Isaac nos encontre aqui.

— Meu tio e os outros não deixarão que entrem, nunca saberão que

estamos aqui.

— Então para onde iremos?

— Eu irei desafiar Isaac para um duelo. Acabarei de uma vez por todas com isso.

— Não, Drake! — O grito de protesto saiu pela boca de Cassie e ecoou por todo o acampamento dos nativos. — Você não pode fazer isso. Ele irá matá-lo!

— Não se eu o acertar primeiro.

Drake parecia confiante demais para algo tão arriscado. Porém, estava cansado de se esconder, procurando uma forma de fazer com que Isaac Jones fosse punido pelo que infligira a ele e a sua família. Daquela vez, fora ele quem ficara entre a vida e a morte, quem poderia lhe garantir que Cassie não seria a próxima...

— Se você morrer, Drake, serei obrigada a me casar com aquele homem, eu nunca vou perdoar você por isso. — Cassie bateu em seu peito, fazendo-o perder a linha do pensamento e prestar atenção nela. — Não almejou tanto uma vingança contra aquele homem para me entregar nas mãos dele e morrer num duelo!

— Eu não vou morrer, Cassandra.

— Estou contando com isso. Porque eu juro... — Ele a puxou pelo queixo e a envolveu em um beijo.



Elizabeth não se afastara da cama de seu senhor um único instante. Velava o sono pesado do homem que não parecia acordar nunca. Ele estava há dias daquela forma e tudo o que a preceptora fazia era dizer aos responsáveis pela mina que James continuava maldisposto. Maldisposto, não inconsciente, porque a verdade poderia causar um grande caos em toda a cidade. Seria uma disputa pela mina que só poderia resultar em muitas mortes.

James parecia vivo por um milagre e para Elizabeth, esse era um sinal de que Cassandra não fora assassinada pelos foras da lei. O pai da dama estava

aguardando que ela retornasse para garantir que as suas posses continuassem na família quando ele se fosse.

— Cassandra...

Elizabeth pensou ter ouvido o homem balbuciar e arregalou os olhos. Chegou mais perto de James e ajeitou os cobertores sobre seus ombros. Mas, nada... não havia um único sinal de que ele estava disposto a retornar ao mundo dos vivos. Se não fosse a testa quente e a respiração suave, a preceptora já teria dado o homem como morto.

A velha mulher, sentada ao lado do corpo imóvel de James, torceu a saia do vestido entre seus dedos. Não poderia evitar ficar tensa com o seu próprio destino se Cassandra não voltasse a tempo. Não tinha mais o brilho angelical de uma jovem, mas ainda era atraente o bastante para entreter um homem mais velho.

Piscou os olhos repetidas vezes, tentando afastar aquele assombroso pensamento. Isso não iria lhe acontecer, tinha fé que um milagre aconteceria.

Viu um raio de sol entrar pela janela e sorriu. Interpretou aquilo como um sinal de que a tormenta passaria.

CAPÍTULO

Dezesseis

—T

Tem certeza que quer mesmo ir, criança? — Kanda colocou sua mão frágil e enrugada sobre o rosto de Cassie e fez com que a jovem a encarasse.

— Sim... — Torceu os lábios ao lamentar. — Sei que se ficarmos aqui acabaremos trazendo Isaac e seus homens para cá e isso pode resultar em um grande massacre. Não quero que se machuquem, não seria justo após terem sido tão gentis conosco.

— Compreendo. Eu insistiria se não conhecesse a laia daquele maldito. Ele já trouxe muito mal a todos nós. — Os olhos da anciã caíram tristes.

— Rogo para que Drake dê logo um fim nele.

— Todos nós... — Kanda suspirou. — Mas saiba que sempre será bem-vinda quando quiser retornar. Meu sangue é seu sangue. — Segurou as mãos da dama entre as suas e colocou na palma da mão de Cassandra uma águia feita de madeira.

— O que é isso? — Franziu o cenho.

— É seu animal do poder. Guarde-o com cuidado e pense na águia. Seus olhos conseguem ver o infinito.

— Obrigada, vovó. — Cassandra abriu um sorriso e voltou a abraçar a anciã. — Eu o guardarei. — Ela se afastou e abraçou a pequena estátua junto ao peito.

— Drake!

O fora da lei se surpreendeu ao ver a anciã chamá-lo pelo nome. Tirou as mãos dos bolsos e a encarou.

— Só tenho a agradecer por tudo o que fizeram por mim. — Sorriu um tanto envergonhado. Não se recordava de uma velha senhora tê-lo encarado com tanta firmeza em sua vida.

— Pode agradecer mantendo Cassandra em segurança. Ela é a única coisa que me sobrou da Yoomee, e não quero perdê-la também.

— Eu a mantereí em segurança. — Era mais uma promessa que Drake fazia a si mesmo do que para a avó de Cassie. Para ele, não havia nada mais

importante do que mantê-la segura. — Inclusive, acho que é melhor ela continuar aqui até que tudo esteja resolvido.

— Drake! — A jovem rosnou ao encará-lo com fúria.

— Sua vó está certa, preciso mantê-la em segurança, Cassie. Um embate com Isaac não será o melhor lugar para você estar presente.

— Eu quero estar lá quando ele cair.

— Ele pode não cair. — Drake baixou os olhos, confessando a triste probabilidade. Um duelo às vezes era mais sorte do que outras habilidades.

— Não vamos pensar nisso.

— Cassandra, ele tem razão. Por que não fica conosco até que tudo passe?

— Não, vovó. Eu preciso ir.

— Valente, como a sua mãe. — Sorriu a velha. — Que a novilha do búfalo branco guie seus caminhos.

— Obrigada, vovó! — Cassandra assentiu e afastou-se.

Despediu de cada membro de sua família com um terno sorriso, deu um abraço em seu tio Dansan, que de forma tão gentil havia os acolhido, e foi até Drake, onde ele apertava as rédeas de seu cavalo. Deixou-o surpreso por ainda estar junto ao bando.

— Nunca mais faça isso! — Cassandra o empurrou pelo ombro.

— O que foi?! — Ele arregalou os olhos escuros.

— Não ouse me deixar para trás. — Mostrou os dentes como um lobo faminto.

— Eu só estava lhe protegendo. — Ele segurou na sela do cavalo e tomou impulso para subir, depois estendeu a mão para Cassandra para que ela subisse e sentasse atrás dele.

— Deixe que eu decido quando precisar de proteção. — Torceu os lábios.

— Certo. — Drake arqueou os ombros ao bater com a espora na barriga do cavalo, o incentivando a começar a andar.



— Alguma notícia de James? — Isaac ergueu a cabeça apenas o suficiente para enxergar sob a aba do chapéu.

O homem que se aproximava da varanda da delegacia, onde o xerife estava sentado em uma cadeira, apenas balançou a cabeça em negativa.

— Ainda continua acamado, porém, a mulher, a inglesa, não diz muito. Sempre se esquiva das perguntas, então imagino que o velho não esteja bem. Isso se já não estiver morto, já que ninguém, fora o médico, o viu.

— Maldição! — Isaac praguejou. — É melhor que ele não esteja morto, não antes de Cassandra retornar.

— Já estão começando a perguntar na mina como as coisas ficarão, já que não há mais herdeiros para os bens do velho James.

— Como não há herdeiros? — Isaac levantou-se da cadeira de madeira escura num pulo e encarou o homem com tanta fúria, que o fez se encolher e recuar alguns passos para trás. — Eu estou aqui.

— Mas não chegou a se casar com a senhorita Evans. Então, não tem direito a nada.

— Verão se não terei. — Isaac tocou a arma em seu coldre e encarou o homem desaforado. — Tudo nessa cidade me pertence por direito.

Que direito?, o pobre capanga quis perguntar, mas não achou que seria o momento mais adequado, já que Isaac não lidava bem com opiniões que divergiam da sua.

— Todo nós aguardamos ansiosos pelo retorno da senhorita. — Foi a melhor frase que ele pensou ter encontrado para dar fim ao assunto.

— Sim, junto com a cabeça daquele maldito Drake Knight.



— Não pode desafiá-lo, Drake. — Cassandra passou as mãos pelas de

Drake e puxou as rédeas do cavalo, fazendo com que o animal comesse a se mover mais devagar.

— Eu preciso, Cassie. — Ele suspirou. — Acredite, durante anos eu tentei encontrar alguma outra forma, mas essa é a única que consigo encontrar. Desafiar Isaac para um duelo e matá-lo antes que ele mate a mim.

— E acha que vai conseguir entrar na cidade e desafiá-lo antes que acertem você?

— É a ideia. Não posso arriscar a vida dos meus homens. Querendo ou não, acho que ainda sou mais valioso para Isaac do que eles e o maldito iria fazer questão de me matar com as próprias mãos.

— Ainda assim, é arriscado. — Cassandra apoiou a testa no ombro de Drake. — Deixe-me voltar.

— Quê?! — Drake bradou com o se não tivesse ouvido as palavras de Cassandra com clareza.

O cavalo se assustou com o grito e começou a trotar.

— Deixe-me voltar. Isaac não irá me ferir, ao menos não antes de se casar comigo. Enquanto isso, ganharemos tempo e você ficará em segurança. Depois que o desafio for feito, ele não poderá armar uma emboscada e tentar ferir você. Eu levarei sua mensagem. Falarei que duelará com ele ao meio dia em frente à igreja.

— Não, Cassie! De forma alguma, não posso deixar que vá sozinha. Prefiro morrer a deixar que ele a machuque.

— Não seja dramático, Drake Knight. — Ela riu. — Sou muito mais valiosa para ele ilesa do que seria caso me machucasse. Então, sim, você irá me deixar ir.

— Isso não está em discussão. — Ele enrolou as rédeas em sua mão direita e desmontou sua raiva puxando-as.

O animal relinchou e quase os jogou para trás. Por impulso, Cassandra se agarrou à cintura de Drake para não cair.

— Vai acabar matando nós dois.

— É menos suicida do que ir encarar sozinha o bastardo do Isaac Jones.

— Por que simplesmente não confia em mim?

Drake a puxou pelo braço e fez com que Cassandra girasse no ar, até que

se sentasse diante dele sobre o lombo do cavalo. A dama estremeceu diante do olhar com misto de fúria e preocupação que a aguardava.

— Por que eu a amo e não quero que sofra nenhum mal. Isso não é o suficiente para você?

Cassie engoliu em seco e ofegou ao ver o brilho se formar nos olhos escuros dele. *Ele estaria lutando contra as lágrimas?* O único impulso que teve foi beijá-lo, envolvendo o pescoço do fora da lei com seus braços finos. Ele segurou com firmeza as rédeas, para que o cavalo se movesse o mínimo possível e com a mão esquerda, envolveu a cintura delicada da dama.

Ela escorregou os lábios até a base do pescoço de Drake fazendo com que ele estremecesse inteiro, tornando difícil não deixar que as rédeas escapassem por entre seus dedos suados. Ele sentiu o coração disparar ante a carícia que Cassie começou a fazer dentro de sua camisa, escorregando os dedos finos e delicados por entre o tecido e o peito. O fora da lei olhou para o horizonte e percebeu que o resto do bando havia sumido de vista, não sabia se isso era bom ou se isso o deixava preocupado. Voltou sua atenção para Cassandra quando ela tirou o último botão e abriu a camisa dele por completo, deixando seu peito coberto de pelos negros à mostra. Pensou em dizer que aquele não era o local mais apropriado para fazerem aquilo, mas quando Cassie raspou seus dentes no meio do peito de Drake, ele parou de se importar se estavam ou não sobre um cavalo. Ele poderia morrer naquele duelo e aquela provavelmente seria a última vez que a teria em seus braços, sob o seu tato e a mercê de seu desejo.

Com as palmas das mãos, o fora da lei contornou e explorou o corpo macio, delicado e levemente arrepiado com os beijos que ele dirigiu ao pescoço da dama. Mordiscou a pele, provando de seu sabor, guardando-o em sua memória e foi agraciado com um gemido. Com seus dentes, lábios e língua, subiu até a orelha lambeu o lóbulo, fazendo-a se retorcer contra o seu peito. Soltou a cintura dela e as rédeas, e o cavalo deu alguns passos para frente ao passo que Drake subia as mãos pelas coxas da dama e levava consigo o vestido indígena. Tirou a roupa e a colocou sobre o pescoço do cavalo. Enlaçou as costas dela com a mão e pressionou contra o seu corpo outra vez, sentindo os mamilos erizados tocarem seu peito.

Cassandra escorregou as unhas afiadas pelos ombros de Drake no instante em que ele esfregava o nariz contra o seu pescoço, gravando o seu cheiro, antes de beijá-la ali outra vez. Cassie estremeceu com uma brisa que só seu corpo sentiu sob o sol quente.

Cassandra apoiou as duas mãos sobre o peito de Drake e o empurrou contra o encosto da sela, beijou-o no peito, escorregou as mãos até a cintura do fora da lei e desabotoou os botões da calça. O membro pulsante dele escapou para fora. Cassandra o envolveu com os dedos enquanto o sorriso malicioso que surgiu nos lábios dela levava Drake à loucura. Ela o acariciou com pressão moderada e extrema ansiedade.

— Gosta disso? Gosta do meu toque?

— Sim... — Ele mal tinha fôlego para falar, mordendo os lábios para suprimir os próprios gemidos.

De frente um para o outro sobre o lombo do cava, Cassie continuou a explorá-lo com os dedos até seu toque chegar a parte mais sensível da ereção de Drake. Cassandra o viu se retorcer sobre a sela assim como ela fazia todas as vezes em que ele a tocava. Ela o beijou nos lábios, no peito, na barriga e finalmente roçou seu hálito na parte mais ansiosa do corpo do fora da lei. Ela deu um breve beijo e ele esboçou um descontentamento, até que ela passou a língua quente e molhada por toda a extensão, fazendo Drake torcer os dedos dos pés e das mãos. Drake apoiou as mãos na sela e ergueu o membro na direção dela, pedindo de forma silenciosa para que Cassandra o acolhesse em sua boca e ela atendeu ao pedido.

O cavalo começou a andar, impulsionando o membro de Drake por entre os lábios da dama, o fora da lei tombou para o lado e se apressou para pegar as rédeas, fazendo com que o animal parasse e Cassandra pudesse ditar seu próprio ritmo. A língua, que ganhava habilidade a cada passada, o ensandecia. Ouvira tantas vezes que perdera as contas: mulheres não gostavam de sexo. Então, poderia dizer que era um homem de muita sorte.

Puxou-a pelos cabelos, forçando-a a parar e tomou os lábios de volta aos seus. Ele moveu uma das mãos, escorregando-a pelo ventre, sentindo os pelos arrepiados e a excitação dela. Passou os dedos pelos cachos negros que cobriam o sexo dela e encontrou entre os lábios, escorregadios e molhados, o clitóris endurecido. Pressionou-o, fazendo Cassie dar uma leve rebolada sobre o cavalo. O animal tentou se mover, mas Drake ainda tinha a racionalidade necessária para segurar as rédeas. Seguiu acariciando-a no ponto que mais dava prazer, fazendo Cassie rebolar e se contorcer.

O fôlego dos dois havia se misturado. A excitação havia se elevado a um nível imparável. Ela retorceu e um chiado escapou por entre seus lábios pressionados quando ele escorregou um dos longos e largos dedos para o seu

interior. *Tão molhada...*

— Oh, Drake, por favor... — Ele havia levando-a ao limite enquanto movia e agitava o dedo dentro dela, deixando-a cada vez mais úmida.

Cogitou brincar com ela, provocá-la, porém, desistiu ante o seu próprio desejo. Levantou-a pelas coxas e ela se apoiou em seus ombros. O cavalo começou a trotar quando Drake deixou que as rédeas escapulisses de suas mãos, o movimento fez com que ele entrasse fundo em Cassandra, sentindo todo o calor, textura e umidade de uma única vez. Desistiu de segurar as rédeas e agarrou-a pelas nádegas, dando início aos movimentos.

Cassandra o abraçou e o beijou no pescoço, alternando a passagem de sua língua pela pele do fora da lei com os gemidos que ele provocava nela. O cavalo continuou a trotar e o movimento dele só intensificava o frenesi do membro de Drake dentro de Cassie.

O fora da lei a segurou por debaixo do joelho, abrindo ainda mais as pernas e Cassandra se debruçou sobre o pescoço do cavalo. Ela observou os olhos negros que se reviravam de prazer e viu o seu próprio ser refletido naquele espelho.

Drake abocanhou um dos seios, sorvendo o mamilo enquanto dava estocadas firmes e profundas. O cavalo voltou a andar devagar o que deu mais estabilidade para que Drake pudesse investir contra a umidade de Cassandra. Ela segurava na nuca dele e acompanhava os movimentos, o envolvendo com seu corpo.

Cassie fechou os olhos e arqueou o corpo, mergulhando nas sensações que a levariam ao orgasmo. Ainda ouvia os estalos do corpo de Drake contra o seu quando se deixou levar pela mais primorosa onda. Drake começou a sentir os espasmos do corpo dela contra o seu e a deixou beber deles, até que começou a virá-la.

— Eu vou cair! — Cassandra se abraçou ao braço dele com o resquício de força que ainda possuía, pois estava exausta.

— Confie em mim.

Ela balançou a cabeça em afirmação e deixou que ele a colocasse de bruços sobre o pescoço do cavalo. Cassie apoiou a mão na crina do animal e segurou as rédeas entre os seus dedos escorregadios. Ele a ergueu pela cintura, tendo a visão dos lábios úmidos, **dilatados**. Então, pressionou o membro contra a abertura e se viu todo dentro dela outra vez. Cassie virou a cabeça e o observou

com suas pupilas dilatadas e os lábios vermelhos de tanto morder, para conter gemidos. O fora da lei começou a se mover com as mãos firmes na cintura dela. A visão do belo traseiro aveludado, a pele morena avermelhada brilhando sob a luz do sol, a costas inclinadas e seu corpo esfregando na parte tão macia, em uma posição de total entrega dela, foi o suficiente para fazê-lo desmoronar. Não caiu do cavalo, mas perdeu o sentido e a razão enquanto segurava o corpo dela tão junto ao seu quanto possível, e se rendia ao clímax, incapaz de conter os próprios gemidos.

— Cassie!

— Céus, Drake! Não imaginei que pudéssemos fazer sobre o cavalo, nem que... — Ela perdeu as palavras em meio a um suspiro.

— Como está se sentindo? — Acariciou-a na nuca enquanto a ajudava a se sentar.

— Pegando fogo. — Ela soprou uma mecha do cabelo negro que havia caído sobre os olhos.

Drake a puxou pelos ombros e fez com que se sentasse outra vez. Beijou-a com carinho no ombro enquanto fechava a calça.

— Você precisa se vestir.

— Eu preciso me limpar. Mas duvido que consigo ficar de pé pelos próximos minutos. Minhas pernas mal se aguentam de pé.

Drake tirou o lenço que colocara ao redor do pescoço e o molhou com água fresca do cantil, para dar a Cassie.

— Apoie-se em mim e limpe-se com isso.

Ela sorriu ainda esboçando cansaço em sua expressão.

Cassandra limpou-se e colocou o vestido de volta.

— Agora, precisa me levar de volta a Octhaw.

— Eu não vou fazer isso. — A postura de Drake ficou tensa.

— Você precisa. Se quer mesmo duelar contra o Isaac, eu sou a única que pode levar o desafio e sair ilesa.

— Não irei me perdoar se ele tocar em um fio do seu cabelo. — Drake contornou o rosto de Cassandra com as pontas dos dedos.

— Ele não irá.

Drake não levava fé nas palavras de Cassandra. Não porque não confiasse nela, mas por conhecer Isaac muito bem.

— Cassie, essa é uma péssima ideia — disse pela última vez, na esperança que ela reconsiderasse, porém, sua amada era uma mulher muito geniosa.

— Leve-me até lá, Drake.

— Tudo bem. — Ele suspirou, derrotado.

CAPÍTULO

Dezessete

Cassie desceu do cavalo e Drake a segurou pelo pulso, evitando que se distanciasse demais.

— Eu preciso ir. — Ela o encarou, vendo a lua cheia que era emoldurada pelo seu ombro esquerdo, bem como o céu apinhado de estrelas. — Se você chegar mais perto da cidade, pode ser arriscado demais.

— Ainda não mudou de ideia? — Os olhos do homem eram suplicantes.

Cassandra apenas balançou a cabeça em negativa.

— A não ser que tenha mudado, em relação ao desafio.

— Isaac precisa morrer, Cassie.

— Então eu preciso ir lá. Além disso, nem sei por qual motivo está tão preocupado, eu só levarei uma informação. É você quem correrá o risco de levar outro tiro.

— Isso não importa. — Ele deu de ombros.

— Fale isso mais uma vez e eu juro que o tiro partirá de mim. — Ela cerrou os dentes e afunilou os olhos.

— Eu a amo, Cassie. — Ele tombou do cavalo para beijá-la.

— Eu também, Drake. Eu me recuso a pensar que isso é uma despedida.

Drake abriu um sorriso amarelo e não quis dizer mais nada, por mais que no fundo, soubesse bem o que o fato de Cassandra voltar para casa poderia significar aos dois. Ele era um homem procurado e ela herdeira de uma grande fortuna, o sonho de que podia viver juntos havia chegado ao fim.

Prendeu-se ao beijo que compartilharam por tanto tempo o quanto pôde, até que Cassie se afastou, colocando a mão sobre o rosto do homem.

— Nos veremos amanhã e trate de ganhar esse maldito duelo.

— Tome cuidado e não deixe que Isaac a machuque.

— Eu tomarei.

— Ainda está com a arma que eu lhe dei?

Cassandra fez que sim.

— Então, não hesite em usá-la.

— Espera que eu faça o seu trabalho sujo? — Ela cruzou os braços em um ar de deboche e arqueou as sobrancelhas.

Sua postura conseguiu fazê-lo rir.

— Quero apenas que fique em segurança, meu amor.

Meu Amor... Ela suspirou com aquelas palavras e a forma como aqueceram seu coração. Seria mais fácil sobreviver a noite longe dos braços de Drake sabendo o quando ele a amava. Para o fora da lei, a possibilidade de voltarem a ficar juntos era remota, mas para Cassandra, era uma certeza.

Ela soltou-lhe a mão e sentiu os dedos de Drake escaparem por entre os seus, enquanto dava pequenos passos para longe dele.

Tudo iria ficar bem, prometia a si mesma, quase em um mantra. Drake e ela voltariam a ficar juntos.

O fora da lei a observou caminhar para longe. Sentia um estranho aperto no peito e um impulso egoísta de pegá-la outra vez e levá-la para si. Contudo, conteve-se. A escolha de Cassandra era aquela e Drake não queria impedi-la de escolher mais do que já havia feito. Quando ela desapareceu no horizonte escuro da noite nos arredores da pequena cidade, Drake não pode fazer nada além de orar para que nenhum mal a afligisse.



Após caminhar alguns minutos na agonizante escuridão da noite, Cassandra empurrou as portas duplas do *saloon* e adentrou ao local, chamando a atenção de todo que ali se reuniam.

Para muitos, fora como ver um fantasma, pois a maioria acreditava que a filha de James Evans já estivesse morta após alguns meses terem se passado desde o rapto.

A dama olhou em volta. Observando o rosto de cada homem no recinto, bem como das prostitutas que os entretinham. Pegou um copo com uísque que acabada de ser servido em uma das mesas e tomou em um único gole. Passou as

costas das mãos pelos lábios enquanto sentia a bebida descer ardendo por sua garganta e ajeitou a barra do sujo e esfarrapado vestido de noiva, feito para o seu casamento com Isaac e que Cassie havia colocado outra vez. Ficou surpresa ao perceber que Annelise havia o guardado.

— Onde está o xerife? — Sua voz melodiosa finalmente pôs fim ao terrível e angustiante silêncio.

— O xerife deve estar em sua casa, senhorita.

— Porque na minha casa? — Cassie franziu o cenho. Seu pai e Isaac se toleravam, mas nunca foram grandes amigos a não ser que o meu sequestro os tivesse unido.

— Seu pai não anda bem, senhorita. — Um dos mineradores se aproximou da dama e a encarou.

— Como assim, meu pai não anda bem? — Ela estremeceu com o pensamento. — Ele está morto?

— Até onde sabemos, ainda não.

— Ainda não? — Cassandra engoliu em seco.

— Foi o xerife que...

— O xerife o quê? — Cassandra estremeceu ao ouvir a voz que soou como um trovão atrás dela.

Virou-se devagar e viu Isaac entrar no salão. Com a bota e as esporas fazendo barulho quando tocavam o chão, Isaac se colocou ao lado da noiva e tirou o chapéu para encará-la.

— Fico contente que tenha voltado para mim, minha querida.

— Não voltei pra você coisa nenhuma. — Conteve-se para não cuspir nele, tamanho era o desprezo que nutria.

— Então, por que voltou?

— Drake o desafia a um duelo amanhã ao meio dia em frente à igreja.

Isaac começou a gargalhar e Cassandra tomou um breve susto.

— Porque está rindo?

— Acha que eu concordarei em enfrentar um homem como Drake Knight como se fôssemos iguais? Ele é um bandoleiro, um fora da lei. Assim que pisar nessa cidade, eu irei matá-lo...

— A sangue frio, como matou os pais e os irmãos dele?

Os homens e prostitutas no recinto ficaram boquiabertos com a alarmante acusação que saiu pelos lábios de Cassandra.

— Sim. — Ela encarou cada um deles. — O antigo xerife, Olavo Knight, era o pai de Drake e foi assassinado em sua casa, a sangue frio por esse que se diz um homem da lei. Mas é mais bandido do que aquele que alega perseguir.

— Calada! — Isaac esbravejou. E se não tivesse tantos olhares o encarando, ele teria esbofeteado Cassandra. *Como aquela meretriz ousava fazer tais acusações na frente de todos?*

— Isso o que a senhorita Evans disse é verdade? Assassinar o antigo xerife? — Um tolo ousou perguntar e foi encarado com tamanha fúria que se encolheu contra a cadeira onde estava sentado, estremecendo.

— Eu sei que fazem muitos anos, mas quem já vivia na cidade sabe que o antigo xerife fora assassinado em seu rancho. Não houve misericórdia ou piedade com o pobre homem nem sua família. Drake escapara vivo por um milagre.

— Não acreditem em uma sequer palavra que sai dessa boca. Todas são blasfêmias! — Isaac bateu em uma das mesas fazendo todos pularem de susto. — O maldito fora da lei a enfeitiçou. É a única explicação para que esteja aqui, viva.

— Não! — Cassandra colocou as mãos na cintura e encarou seu noivo, com o peito estufado e postura altiva. — Drake é um homem justo, ao contrário desse diante de vocês que não faz nada a não ser gritar e proferir mentiras.

Isaac precisou lutar consigo mesmo para não ser suprimido pela postura dela. *Mulheres não deveriam agir assim, confrontar seus noivos dessa forma.*

— Assim que nos casarmos, Cassandra Evans, eu a lembrarei de qual é o seu lugar. — Tocou a arma em seu coldre e a encarou com fúria, mas Cassie ignorou a ameaça.

— Prefiro chafurdar na lama como um porco a ser sua esposa!

— Sua vadia! — Isaac ergueu a mão no intuito de calá-la com um tapa, mas sentiu o cano frio de um revólver ser pressionado contra o seu pescoço.

— Desculpe-me, xerife, mas não posso permitir que machuque a senhorita. O pai dela sempre fora um homem bom para mim e devo honrar a mulher que, em breve, será a nova dona da mina.

Isaac engoliu em seco e recuou. *Aqueles malditos não poderiam estar do lado dela!* A lealdade de todos pertencia a ele, tinha de pertencer.

— Obrigada, Julian. — Cassandra sorriu para o homem que se recordava ser um dos responsáveis pelos trabalhadores da mina.

— Estou ao seu serviço, senhorita. — Ele fez uma breve vênia ao guardar o revólver.

— Se é o homem justo que diz ser, Isaac, espero que não fuja do duelo como um rato.

— Maldita... — Praguejou baixinho.

— Julian — Cassie se virou para o homem que havia a protegido -, pode me emprestar o seu cavalo? Preciso ir para casa ver como meu pai está.

— Eu empresto! — Vários homens pelo *saloon* ergueram as mãos e Cassie sorriu satisfeita com a iniciativa.

— Acho que poderá escolher, senhorita. — Julian colocou as mãos dentro dos bolsos. — Se me permitir, oferecerei a minha companhia para que volte em segurança.

— Eu agradeço.

Isaac saiu do *saloon* furioso, sem se preocupar em como sua postura poderia parecer diante dos homens. Todos aqueles malditos mereciam morrer junto com a *prostitutazinha* de Drake Knight. Nos últimos anos, tentara cortejá-la, lhe dera presentes, oferecera a sua proteção e nunca fora correspondido, no entanto, o bastardo passara pouco mais de um mês com ela e conseguira fazer com que caísse de amores.

Cassandra saiu do *saloon* acompanhada por Julian e observou o céu estrelado acima de suas cabeças. Respirou aliviada e se sentiu muito bem por ter encarado Isaac daquela forma. Há anos que o bandido se passava como xerife, fazia com que as pessoas se curvassem perante sua torpe vontade e Cassandra não iria permitir que ele continuasse com isso.

— Estou admirado, senhorita. — Julian estendeu a mão e a ajudou a subir no primeiro cavalo que estava selado diante do *saloon*.

— Por quê? — Ela tentou desvendar o rosto dele sob a penumbra da noite.

— Nenhum homem foi corajoso o bastante para fazer o que a senhorita

fez essa noite, estou impressionado. Temia que o bando de Drake tivesse lhe causado o pior, mas a senhorita parece bem.

— Drake é um bom homem. — Cassandra soltou as rédeas para que o cavalo comesse a se mover e suspirou com saudosismo ao se recordar do fora da lei. — Ele nunca quis me ferir.

— Então porque ele a levou? — Julian saiu com o cavalo atrás dela, deixando que Cassandra guiasse a pequena comitiva.

— Ele não queria que eu me casasse, precisava evitar que a mina caísse nas mãos de Isaac. — Ela acariciou a crina do cavalo antes de bater com os calcanhares na barriga do animal, para que ele disparasse em um galope na direção da estrada.

— Confesso que não queria ele como o meu senhor. — Julian deu uma risadinha.

— Não se preocupe, Isaac não será o senhor de mais ninguém depois de amanhã.

— Tem tanta certeza que o fora da lei ganhará o duelo? — Julian mordeu os lábios, receoso.

Cassandra apertou as rédeas entre os dedos e suspirou.

— Se existe um espírito bom a cuidar de nós, ele favorecerá Drake amanhã.

— Que a sua fé nos favoreça, senhorita.

Ela sorriu e respirou fundo, sentindo o vento bater em seu rosto enquanto cavalgava. Deixou que a sensação de liberdade a embalasse. Aquilo era algo que havia experimentado com Drake e não deixaria que ninguém mais tomasse dela.



CAPÍTULO



Dezoito

Cassie passou pelas portas do casarão que pertencia ao seu pai e foi tomada por uma estranha sensação de nostalgia quando seus pés tocaram o piso de madeira com uma estaca, que estava solta meses antes. Nem seu pai ou um dos empregados se dera ao trabalho de consertar e isso a fez rir. Talvez houvessem coisas que não mudavam nunca.

— Tenham uma boa noite, senhorita. — Julian não entrou, apenas tocou o chapéu a saldando e desapareceu na escuridão.

Cassandra fechou a porta e se despediu da lua. Voltou-se para o interior da casa e caminhou até a sala na completa escuridão. Estranhou o lugar vazio e apagado. Ainda que apenas Elizabeth e seu pai morassem no local, a preceptora gostava de deixá-lo sempre bem-iluminado, mas não naquela noite. A dama sentiu um calafrio. Ouvira comentarem sobre a saúde de seu pai. *Será que o pior já havia acontecido?* Estremeceu. Caso sim, onde estaria Elizabeth?

Esbarrou em um móvel na sala e acabou deixando uma das garrafas de uísque de seu pai cair ao chão, causando um grande estrondo. Pulou com o susto e levou a mão ao peito, sentindo-o galopar. Deveria ter se recordado de que sempre havia uma garrafa ali.

— Quem está aí?

Cassandra ouviu a voz de Elizabeth e caminhou até ela, vendo a velha senhora parada no alto da escada, com seu cabelo sob uma touca e o rosto revelado parcialmente pela luz da vela que segurava.

— Beth, sou eu, Cassie!

A pobre mulher tomou um susto e quase deixou a vela cair. Só poderia ser um fantasma tentando atormentá-la durante a noite.

— A menina foi levada por bandidos. Vá embora, espírito demoníaco!

Cassandra começou a rir.

— Volto após tanto tempo é assim que me recebe?

Aquele tom irônico, mesclado a voz doce... *Será que era ela?* Elizabeth deu alguns passos cambaleantes para baixo e desceu a escada até que sua vela

revelasse o rosto gentil e virginal de Cassandra.

— Minha menina... — A voz saiu tremula e vacilante dos lábios de Elizabeth. A mulher mal acreditava nos próprios olhos. — Como você voltou?

— Isso não importa agora. — Cassandra tirou a vela das mãos trêmulas de sua preceptora e a colocou no chão para poder abraçá-la. — Também senti sua falta, Beth.

A mulher encostou sua cabeça no ombro da jovem e deixou que as lágrimas rolassem por seus olhos.

— Imaginei que nunca mais voltaria a vê-la, Cassie.

— Pois estou bem aqui. — Cassandra lhe afagou os ombros.

— Isso me deixa tão feliz, criança. Mas o que lhe aconteceu? Conte-me.

— Teremos tempo para isso depois. — Cassandra se afastou do abraço. — Soube que meu pai não está bem.

— É verdade! — Os olhos momentaneamente felizes de Elizabeth caíram tristes. — Ele desmaiou e nunca mais voltou a si. Isso já fazem semanas. Acho que o coração do pobre homem não suportou o que lhe aconteceu.

— Coração? Não sabia que ele tinha um.

— Cassandra, não seja cruel! — Elizabeth torceu os lábios. — Seu pai pode não ter sido um homem carinhoso, mas a amava ao seu modo.

Cassandra não botava muita fé naquilo, mas não quis discutir com a mulher, que já parecia tão abatida.

— Onde ele está? Posso vê-lo?

— No quarto dele. — Elizabeth assentiu.

Cassandra passou por ela e, em meio a escuridão, encontrou caminho para o quarto do pai. Abriu a porta com um empurrão sutil, o que a fez não ranger muito, e se esgueirou para dentro. Encontrou o pai repousando na cama, iluminado por um par de velas que emitiam uma luz amarela sobre o rosto do homem, que já parecia tão pálido.

Ela foi até ele e se sentou ao lado do corpo praticamente imóvel, a não ser pela fraca e quase imperceptível respiração.

— Olá, pai! Eu estou de volta. — Segurou uma das mãos dele entre as suas. — Confesso que não queria. Eu estive mais feliz durante o tempo que

estive longe do que me lembrava de ter estado em toda a minha vida. Depois do susto inicial, experimentei coisas que talvez nunca tivesse vivenciado se Drake não tivesse me levado naquele dia. Posso dizer que estou feliz e que foi bom. Drake e eu vivemos algo que talvez você e a mamãe nunca tenham experimentado... Nós nos amamos, de corpo e alma. Não importa qual caminho a minha vida tome agora, eu sei que ela terá valido a pena por isso.

Cassandra sentiu seu pai dar um suspiro mais profundo, como se estivesse aliviado e aos poucos sua respiração foi desaparecendo, até cessar completamente. A dama sentiu que ele havia esperado, lutado, apenas para vê-la voltar para casa e, pela primeira vez, Cassandra sentiu que ele a amava, mas já era tarde demais.



Drake olhou para lua enquanto batia os dedos na aba de seu chapéu. Estava aflito, o coração batia numa marcha apertada. Não era o duelo no dia seguinte com Isaac que o perturbava, e sim o que o maldito homem poderia ter feito a sua Cassie. Jurava que se o maldito tivesse encostado um dedo num fio daquele cabelo macio, o estriparia.

— Quer um pouco de uísque? — Thomas sentou ao lado do amigo e entregou a garrafa a ele.

Drake deu duas boas goladas e arfou com o líquido que desceu queimando a sua garganta.

— Obrigado! — Voltou a encarar o nada.

— Está se preocupando demais. Tenho certeza que Cassandra está bem. Ela é muito valente e vai castrar qualquer um que ousar se aproximar dela.

— Valente ou não, ela ainda é mulher, é frágil.

— Tenho mais fé nela do que em você. — Thomas torceu os lábios. — Além disso, só dormirá longe dela por essa noite. Tente manter o pênis dentro da calça, sei que consegue.

Drake bufou e levantou-se da pedra onde estava sentado, caminhou até o que restara da fogueira e começou a cobrir as brasas com a ponta da bota.

— Sequer terei Cassie outra vez. — Suspirou, mordendo os lábios para conter o aperto que lhe tomou o coração, tornando até difícil respirar.

— Não seja dramático. Isso não é do seu feitio, Drake Knight.

— Ainda que eu vença o duelo e escape vivo, não posso ficar com ela. Eu sou um fora da lei, tenho a minha cota de pecados, não posso ficar com uma mulher como ela.

— É só ela vir conosco.

Drake deu de ombros e não disse mais nada, continuou chutando brasas e cinzas, atolando a ponta de sua bota. Havia roubado uma noiva e perdido o coração, ia ter que aprender a lidar com isso.



Isaac berrou ao lançar uma cadeira contra a janela de sua casa, partindo-a em milhares de pedaços enquanto urrava com sua fúria.

— MALDITA!

Drake sempre fora uma terrível pedra no caminho de Isaac, porém, o xerife fora um tolo ao imaginar que o homem não teria a astúcia de virar sua noiva contra ele. Não precisava muito, afinal, Cassandra nunca caíra de amores pelo noivo.

Estava tremendo: a fúria, a humilhação e o desafio para o duelo haviam deixado seus nervos em total colapso. Apoiou a mão na parede, pois não tinha forças para se manter de pé. Talvez devesse estar contente com o duelo e a possibilidade de acertar uma bala entre os olhos do fora da lei, que não só roubara sua noiva, como fizera dela uma defensora ferrenha e, além do mais, imaginava que ele a tivesse deflorado. Cassandra era uma bela mulher que deveria ter passado o último mês em sua cama e não nos braços daquele fedelho.

Urrou, arranhando a parede com suas unhas.

Seria fácil matar Drake se Isaac fosse o homem que era há quinze anos. Porém, o xerife não tinha mais o mesmo reflexo ou a perícia com as armas. Estava ficando velho, mas não podia perder tudo pelo que havia lutado a bala e sangue. Não era justo para ele, pois Isaac não se importava com o que as outras

pessoas tinham passado ou o quanto sofreriam, desde que ele tivesse o que desejasse.

O mais certo em sua cabeça era declinar ao duelo, mas não seria bem visto na cidade. No mínimo, seria visto como um covarde que fugira ao invés de enfrentar a própria sorte. Se fizesse isso, perderia o que almejava da mesma forma. A única saída era vencer o duelo, encarar Drake e o matá-lo. No entanto, não queria que fosse rápido, tampouco misericordioso. Queria ver o maldito bastardo sangrando enquanto violava Cassandra diante dos olhos dele, para que ambos nunca mais ousassem atrapalhar seus planos.

Ofegando, deixou que seu corpo escorregasse pela parede até cair sentado no chão. Apoiou a cabeça nos joelhos e massageou as têmporas. Precisava estar preparado para vencer o duelo.



Cassandra não ousou dormir. Assim que deixou o quarto de seu pai, abandonando o corpo cuja alma já havia partido, ela foi até seu quarto e tirou o bizarro vestido de noiva, substituindo-o por uma leve e confortável *chemise*.

Desceu as escadas e encontrou Elizabeth sentada na sala, encarando o horizonte.

— Seu pai... — A mulher não conseguiu terminar a pergunta.

Cassandra apenas balançou a cabeça em negativa.

Elizabeth colocou as mãos sobre o rosto e começou a chorar copiosamente, engasgando entre soluços e lágrimas. Cassie se sentou ao lado dela e acariciou o ombro direito de sua preceptora.

— O que será de mim agora?

— Não se preocupe, Beth. Nós iremos ficar bem.

— Ainda bem que voltou, menina. — Elizabeth ergueu a cabeça e tentou sorrir para Cassandra. — Serão tempos difíceis sem um homem para nos proteger.

— Acho que posso me proteger. — Cassie sorriu ao se lembrar das aulas que tomara, tão diferentes das que tivera com Elizabeth ao longo de sua vida. —

Mas não deve se preocupar, acredito que teremos, em breve, o auxílio do Drake.

— Drake? — A senhora arregalou os olhos. — O fora da lei que a sequestrou?

Cassandra riu ao fazer que sim.

— Por Deus! Por que iríamos querer um homem como ele ao nosso lado?

— Porque eu o amo.

Elizabeth ficou boquiaberta. Seu queixo caiu ao chão e voltou. Não acreditou nos próprios ouvidos.

— O que está dizendo é um grande absurdo! O que ele fez para que se apaixonasse por ele?

— Foi gentil. Me salvou do asqueroso Isaac. Respeitou a minha opinião. Fez com que eu me sentisse especial e ele é lindo! Verá isso amanhã.

Elizabeth, muito religiosa, fez o sinal da cruz, que se somou ao seu espanto.

— Ele a violou, criança? — Segurou as mãos de Cassie dentro das suas, no intuito de consolar a dama diante de qualquer possível tormento.

— Oh, não! — Cassandra começou a rir. — Ele não me violou, Beth. Nada do que fizemos foi contra a minha vontade e não me arrependo por um único instante.

Elizabeth colocou as mãos sobre a boca, espantada demais para deixar que qualquer som escapasse por seus lábios. A gargalhada de Cassandra se tornou ainda mais intensa.

— Ele a enfeitiçou?

— Talvez, todavia foi o melhor feitiço que caiu sobre mim.

— Doeu muito?

Cassandra recuou ao estranhar a pergunta de Elizabeth. Ambas nunca haviam falado muito sobre o assunto, o que pairava era que os homens sempre sabiam o que precisava ser feito. Mas a verdade era que Elizabeth não tinha muita experiência para compartilhar. Experiência nenhuma. Existia uma suspeita que ela tinha um caso com seu senhor, James Evans, mas nunca passou disso: suspeita.

— Oh, Beth, você ainda é virgem?

A preceptora escondeu a face assim que a sentiu queimar como brasas. Nenhuma pergunta no mundo havia a deixado tão envergonhada antes. Enredou a saia do vestido entre os dedos e ficou olhando para baixo. Evitou o olhar de Cassandra, permanecendo com o seu entregue às sombras da noite.

— Eu nunca me casei, Cassandra.

— Disso eu sei, mas nunca teve uma grande paixão, nem se deitou com meu pai?

A mulher apenas balançou a cabeça em negativa.

— Seu pai era um bom homem. Sempre fora muito respeitador comigo. Ele se contentava com prostitutas, nunca tentou nada depravado comigo.

Cassandra sorriu e acariciou o rosto de Elizabeth.

— Fico contente por isso.

— Mas, esse bandoleiro... — A senhora perdeu a coragem.

— Ele me provocou. — Cassandra corou. — Só o fato dele existir já é uma provocação... — Fechou os olhos. — Seu corpo, seu cheiro... Doeu na primeira vez, mas cada uma se tornou melhor do que a anterior.

A dama começou a contar como fora desde o instante em que Drake a pegara e levara para o acampamento dele. Como ele havia resistido a tocá-la e como essa luta só fizera o desejo crescer dentro dela. Suspirou e ofegou durante o relato e confidenciou a Elizabeth inclusive a despedida sobre o cavalo.

— Oh, céus! — A mulher estava em completo choque. — Vocês irão para o inferno por luxúria e fornicação.

— Eu não me importo. — Cassie deu de ombros.

— Seu futuro marido não aceitará muito bem o fato de não ser mais virgem.

— Não vou me casar com Isaac. Drake o desafiou para um duelo e o matará. E se eu não me casar com Drake, não pretendo me casar com outro homem.

— Admiro a sua determinação, minha menina. Espero que as coisas aconteçam assim como você deseja.

— Elas irão, tenho fé nisso.

Elizabeth sorriu antes de se levantar.

— Venha comigo. Precisamos preparar o enterro de seu pai.

CAPÍTULO

Dezenove

Sob uma chuva fina e o estranho frio daquela manhã, que se emaranhava nas vestes de todos, Isaac observou ao longe o caixão de James Evans ser abaixado enquanto Cassandra o encarava, com Elizabeth apoiada sobre seu ombro em um choro que não cessava.

Após a morte de James, toda a cidade pertencia a uma mulher. Cassandra deixara de ser uma princesinha para ser o centro da atenção de todos. Ninguém sabia o que esperar dela, tampouco chegaram a imaginar que seria ela a reger a mina após a partida de seu pai. Mulheres nunca eram bem aceitas diante das companhias internacionais com quem negociavam o ouro.

Cassandra sentia o peso do olhar de todos sobre seus ombros, assim como as responsabilidades que, na falta de um marido, seriam delegadas a ela. *Não!* Aquele não era o momento de se preocupar com isso, apenas se despedir de seu pai, que por muitas vezes não fora o melhor do mundo, mas que em seus momentos finais, mostrou que era o melhor que conseguira ser.

Afastou Elizabeth e suas lágrimas de seu ombro e curvou-se para jogar uma rosa dentro do túmulo antes que o coveiro o fechasse.

— Adeus, pai! — despediu-se antes de caminhar para longe, ajeitando o véu preto que lhe cobria o rosto. Cassie talvez devesse estar chorando mais, quem sabe tão desesperada quanto Elizabeth, mas tudo o que conseguiu foi sentir um estranho vazio.

Seu olhar cruzou com o de Isaac enquanto caminhava para a carruagem e sentiu seu estômago revirar em asco, num misto de raiva e total desprezo.

— O próximo que você enterrará será aquele maldito bandoleiro. — Isaac cruzou os braços e ergueu o queixo em sinal de desprezo.

— Espero estar perto para jogar a última pá de terra sobre o seu corpo. — Cassandra o encarou com firmeza antes de entrar na carruagem e fazer um gesto para que Elizabeth se juntasse a ela.



— Fiquem aqui. — Drake parou o cavalo e encarou o restante do seu bando que o seguia.

— Não vamos deixá-lo entrar lá sozinho. — Thomas parou com o seu cavalo ao lado do melhor amigo.

— Nenhum de nós vai — completou Daniel.

— São tão procurados quanto eu. Não é nada prudente entrar na cidade, não enquanto Isaac for quem ainda dita as regras no local.

— Então desista disso, meu amigo. Vamos embora.

— Não! — Drake balançou a cabeça em negativa. — Passei quinze anos pensando em como faria Isaac pagar pelos seus crimes e, além disso, Cassandra está lá. Preciso ir, por ela.

— O amor é mesmo coisa de estúpidos. — Urdir fez careta.

— Vá lá, Drake! Mate aquele desgraçado e traga Cassie para viver conosco outra vez. Sinto muita a falta dela. Vocês conseguem ser bem desagradáveis em alguns momentos — disse Anelise.

O fora da lei apenas riu do comentário.

— Não morra, Drake, ou juro que o ressuscito apenas para matá-lo outra vez — ameaçou Urdir.

— Eu não irei. — Drake soltou as rédeas de seu cavalo e o instigou a correr em direção à cidade.

A leve chuva que havia caído pela manhã já se despedira e o sol, aos poucos, tomava o céu, tingindo-o de um azul intenso. O fora da lei olhou seu relógio de bolso e viu que faltava pouco para o meio dia. Em no máximo um par de horas, todo o seu futuro seria definido. Finalmente vingaria a morte de seus pais ou morreria tentando. Naquele momento, não haveria mais escolhas.

Assim que seu cavalo pisou no início da pequena rua que compunha a cidade, Drake viu os moradores se aproximarem para observá-lo. O barbeiro, o ferreiro e tantos outros trabalhadores vieram à porta de seu pequeno comércio para assistir com toda a curiosidade. Então aquele era o tão temido Drake Knight, a quem o xerife havia pintado como o próprio demônio? Mas os habitantes da cidade não poderiam dizer ao certo, pois era a primeira vez que o viam.

A cada passo do cavalo, Drake sentia como se estivesse rompendo uma pequena barreira. Sua imagem e sua postura não condiziam com o que Isaac havia dito dele, apenas para fomentar entre os caçadores de recompensas a busca pelo fora da lei.

O sol, que passava por entre as nuvens, tocou Drake com um de seus raios e evidenciou a sua presença. O tão temido demônio, sob a luz brilhante, pareceu mais um anjo para alguns. Era apenas um homem, não havia nada de terrível em um olhar cauteloso e um sorriso gentil.

Ele seguiu até o local indicado para o duelo, diante da pequena igreja. Apeou do seu cavalo e o amarrou junto a um bebedouro. Fez carinho sobre a cabeça do animal e respirou fundo.

— Drake!

Ouvir a voz dela fez com que o fora da lei se virasse de imediato. Um largo sorriso surgiu em seus lábios quando a viu correr em sua direção, sorridente e ilesa. Foi um grande alívio reparar na pele dela e perceber que não havia sequer um único machucado.

— Oh, Cassie! — Aninhou-a em seus braços, sentindo o perfume de seus cabelos sem se importar com quem os observava. — Como você está? — Afastou-se, colocando o rosto dela entre as suas mãos para que pudesse a observar com bastante esmero.

— Eu estou bem. Disse que ficaria, você só precisava confiar um pouco mais em mim.

— Tem razão, desculpe-me.

— Está tudo bem. — Cassandra acariciou-o no rosto.

— Porque está vestindo preto? Achei que não esperasse que eu fosse morrer hoje.

— E não espero! — Bateu em seu peito. — Meu pai morreu ontem. — Ela baixou o olhar deixando a tristeza tomar conta da sua voz.

— Eu sinto muito. — Drake a acariciou e Cassie fechou os olhos, ronronando como um felino.

— O importante é que você está aqui, agora.

— Que degradante, Cassandra.

Assustaram-se com a voz de Isaac e se viraram para vê-lo se aproximar.

Com uma arma pendurada em cada lado de sua cintura, ele andava a passos lentos, como se fosse um réptil prestes a dar o bote.

— Achei que seu pai houvesse lhe criado para ter um pouco mais de classe e não se comportar como uma prostituta barata.

Drake rosnou diante da ofensa, mas Cassandra segurou as mãos dele entre as suas.

— Mantenha a calma, meu amor.

Ele fechou os olhos e respirou fundo.

— Vá! — Desvencilhou-se de Cassandra. — Espere acabar.

Ela hesitou, sentindo a angústia começar a crescer em seu peito. Não poderia simplesmente torcer para ele, ou talvez devesse. Estava confusa, aflita. Não queria que Drake estivesse ali. A ideia lhe pareceu ainda mais insana quando Isaac tocou as armas e sorriu para ela de forma sombria. Isso era suicídio.

— Drake... — suplicou, esperando do fundo do coração que ele mudasse de ideia. — Não posso perder você.

— Não irá meu amor. — Acariciou-a com todo carinho antes de empurrá-la para longe.

Antes que Cassandra pudesse protestar, Elizabeth a segurou pelo braço e saiu a arrastando, fazendo com que a dama tropeçasse nos próprios pés, só parando junto a um banco na outra extremidade da pequena praça. Caiu sentada sobre a superfície dura e cruzou os braços, furiosa.

— Ele pode se machucar, Beth.

— Deixe-os resolverem isso da forma deles, menina.

Drake encarou Isaac quando sentiu os olhares de toda a cidade pesarem sobre eles. Todos ali estavam ansiosos para descobrir qual seria o desenrolar daquele embate. O fora da lei afastou-se do cavalo para que o animal não fosse alvejado e deu passos pesados, sentindo as armas e as balas que carregava.

— Ainda posso ouvir o desespero e o choro de sua mãe quando eu atirei em seu irmão mais velho... — Isaac começou, mantendo o seu olhar firme e desafiador. — Sabe por que eu a deixei por último?

Drake ficou em silêncio, apenas o encarando. Não iria compactuar com aquele verme, tampouco o incentivar a continuar uma conversa tão baixa.

— Eu a deixei por último porque queria ouvi-la gritando de pavor enquanto eu subia as suas saias e a montava. Pode não se lembrar dela, mas era uma mulher muito bonita e posso dizer que seus olhos são como os dela.

— Maldito! — Drake não conseguiu conter o rosnado de fúria. As palavras de Isaac talharam seu sangue e o fizeram provar de um ódio inimaginável. Não bastava apenas ter matado toda a sua família a sangue frio, precisava dizer que havia molestado a sua mãe? Se era isso que o bastardo queria, conseguiu, tirou Drake do controle das próprias emoções.

Continuaram a se encarar. Isaac gargalhava e Drake bufava. *Como um homem poderia ser tão vil?*

Drake deu um passo para o lado e Isaac o seguiu. A tensão crescia a cada minuto que se passava daquela intensa troca de olhares. Sabiam que o primeiro que conseguisse atirar seria aquele que ganharia o duelo. Só bastava um tiro, uma bala e tudo estaria resolvido. Mas um movimento errado poderia custar a vida de qualquer um deles. Precisavam ser cautelosos. Precisavam ser rápidos, porém, pacientes, esperar o momento certo quando o outro abaixasse a guarda e atirasse.

Não se ouviu nada além da respiração de todos. As gotas de suor escorriam pelo rosto. Cassandra sentia seu coração se revirar dentro do peito por tamanha a sua aflição. Não sabia se iria conseguir assistir aquilo por muito mais tempo.

Drake abaixou a mão e segurou no cabo da arma, Isaac fez o mesmo. Ambos se encaram outra vez. Havia trovões e raios entre aquele olhar. Aquele era um duelo mais entre o ego dos dois, do que qualquer outra coisa.

Isaac moveu os dedos o mais rápido que pode e sacou as duas armas, atirando sem se ater em mirar direito. Escolhera trazer duas armas justamente por não poder mais confiar em sua mira, afetada pela idade. Cassandra fechou os olhos por puro instinto ao pensar o pior. Drake piscou, mas as balas passaram diretamente por ele. Nenhuma sequer pegou de raspão e antes que Isaac conseguisse disparar outra vez, o fora da lei sacou e atirou, acertando o maldito entre os olhos.

Isaac tombou como um saco de batatas e ninguém ousou respirar, até que o grito de Cassandra quebrasse a tensão.

— Drake! — Saiu correndo até ele e se atirou nos braços rígidos e ainda em choque de seu amado. — Você está bem? — Era uma pergunta infundada

diante do que o homem acabara de passar.

Ele apenas balançou a cabeça em afirmativa, sentindo-se física e emocionalmente cansado.

— Seja bem-vindo, xerife. — Os soldados, que antes seguiam Isaac, saudaram Drake.

O fora da lei franziu o cenho, confuso diante da afirmativa.

— Xerife?

— Ninguém merece o cargo mais do que você. — O soldado tirou a estrela do cadáver de Isaac e a estendeu para Drake. — Pertenceu ao seu pai e agora, é o momento de ser sua.

Cassandra observou, com o canto de olho, Julian e outros homens puxarem o cartaz de procurado que exibia o rosto de Drake e rasgá-lo.

— Eu não sei...

— Aceite. — Cassandra segurou a estrela entre as mãos dele. — Seja um xerife honrado como seu pai foi, fique na cidade e case-se comigo.

— Esse pedido deveria partir de mim.

— Às vezes tenho um pouco de pressa. — Ela deu de ombros.

— Sim. Eu serei o xerife.

Cassandra abriu um largo sorriso ao pendurar a estrela dourada no peito de seu amado. Riu ao pensar que se casaria com o xerife no final das contas, e seria bem melhor do que ela havia imaginado.

CAPÍTULO

Vinte

Thomas apeou do cavalo no local combinado, às margens do Rio Sacramento. Ele estava acompanhado do restante do bando.

— Tem certeza que essa vida monótona, sentado atrás de uma mesa como homem da lei, perseguindo caras como nós, é mesmo o que quer?

Drake chutou uma pedra, que quicou para dentro do rio antes de se virar para o amigo.

— Pode não ser tão monótona assim. Existem muitos foras da lei para serem capturados. Estou olhando para quatro. — Riu debochado ao cruzar os braços.

— Ganhar esse duelo subiu a sua cabeça. — Urdir encarou-o com desdém. — Não acredito que vai virar as costas para nós.

— Não vou, podem ficar comigo.

— E sermos homens da lei? — Daniel cuspiu as palavras como se essas lhe provocassem asco. — Não!

Drake riu.

— São homens livres.

— E mulheres. — Anelise estufou o peito.

— E mulheres, desculpe-me.

— Vai se casar com ela? — Thomas se escorou em seu cavalo.

— Sim. Irei ficar em Osthaw, ser xerife, me casar com Cassie e reconstruir a família que Isaac tirou de mim.

— Lhe desejo sorte. — Thomas deu de ombros.

— Então nenhum de vocês irá ficar?

Eles balançaram a cabeça em negativa, a não ser por Anelise, que encarava o nada, perdida em seus pensamentos.

— Eu posso ficar com vocês? — perguntou ela após longos minutos.

Thomas lhe dirigiu um ar de desaprovação, mas isso não foi o suficiente

para fazê-la titubear.

— Sim, Anne, pode sim.

— Mas, e nós, irmãzinha? — Thomas cruzou os braços e fez bico.

— Cuidei de vocês por muito tempo. Talvez seja o momento de encontrar a minha própria família também. Um homem que queira se casar comigo e me dar o seu nome.

— Tem algum em mente? — Thomas estava enciumado.

— Ainda não. Ainda.

— Tenho certeza que Cassie gostará muito de tê-la conosco, Anne.

— Obrigada, Drake.

Thomas a encarou amuado, não ficara contente com a decisão de Anelise, porém, no fundo compreendia que sua irmã estava buscando o melhor para ela.

— Quem irá fazer nossa comida e lavar nossas roupas? — resmungou Urdir, que acabou levando uma cotovelada de Daniel.

— Nós mesmos, seu tonto.

— Não gostei da ideia.

Todos riram.

— Cuide bem da minha irmã, xerife. — Thomas subiu no cavalo.

— Eu lhe dou a minha palavra. — Drake baixou a cabeça e tocou aba do chapéu.

Alguns dias depois...

Cassandra se olhou diante do espelho e foi como um *Déjà vu*. Havia voltado ao início, olhando-se vestida de noiva, preste a se casar com o xerife da cidade. Sorriu ao perceber que a mesma situação poderia lhe provocar sentimentos tão distintos, dependendo do momento de sua vida e de quem era o noivo que a aguardava.

— Cassie, está pronta? — Anne entrou no quarto e parou próxima a porta observando como estava Cassandra. — Minha nossa, você está linda!

— Obrigada! — Cassandra olhou para amiga com um grande sorriso no

rosto.

Suas mãos ainda suavam dentro das luvas brancas de renda, mas não era de temor e sim de uma doce e inquietante ansiedade. Aquele vestido não possuía tecidos tão finos quanto o anterior, mas tinha uma enorme beleza e fora feito com muito amor pelas mãos habilidosas de Elizabeth, e Cassandra sabia que isso iria agraciar seu casamento.

— Era assim que eu queria vê-la no dia de seu casamento — Elizabeth surgiu na porta, feliz.

O sorriso nos lábios de Cassandra se tornou ainda maior.

— Eu estou imensamente feliz. Eu amo o Drake com todo o meu coração.

— Eu sei que ele a ama também — comentou Annie.

— Vamos? — Elizabeth estendeu a mão para a menina que por muitas vezes fora como uma filha para ela. — Seu noivo já deve estar lhe aguardando no altar.

Cassie assentiu e aceitou a mão de Elizabeth e, com a outra, segurou a saia do seu vestido, volumoso pela quantidade de anáguas. As três caminharam até a entrada do casarão onde a carruagem esperava para levá-las até a igreja da pequena cidade.

Cassandra sentia em seu peito uma alegria difícil de descrever. Deveria ser a mesma que todos os apaixonados sentiam no momento em que estavam prestes a trocar votos de amor eterno e ser um do outro para sempre.

Olhou pela janela e se recordou da vez em que Drake havia enfiado a mão por ali e a tomado, roubando seu coração para sempre. Suspirou. Jamais poderia imaginar que o que começara de uma forma tão assustadora havia se tornado a melhor coisa da sua vida.

Daquela vez, a carruagem seguiu seu curso e parou apenas diante da igreja. Cassandra desceu com a ajuda de Anne e Elizabeth, mantendo imaculado o vestido branco, e as pesadas portas de madeira se abriram diante delas. Então ela o viu, parado à frente do altar, com seu fraque negro e bem cortado. Os cabelos bem aparados, sob um chapéu da mesma cor da vestimenta, e a barba bem-feita. Ele sorriu no instante em que seus olhares se cruzaram e isso iluminou toda a igreja.

Com passos firmes, tentando não parecer afoita demais, Cassandra

caminhou até ele e juntos se postaram diante do reverendo. Drake deu um rápido beijo na mão com luva antes de prestar atenção nas palavras do celebrante. Não havia nada mais certo do que estarem ali, e ambos sabiam bem disso.

Anelise se sentou no banco ao lado de um homem, Julian. Ele ergueu o chapéu e a cumprimentou com um sorriso.

— É nova na cidade, senhorita? Não me recordo de tê-la visto aqui antes. E eu não esqueceria um rosto tão memorável.

— Podemos dizer que sou. — Anelise sentiu suas bochechas corarem.

Assim que trocaram os votos e as alianças, Drake beijou Cassandra com carinho, de forma rápida e afetuosa, contendo o próprio desejo. Aguardava ansioso pelo momento em que estariam sozinhos.

Após a cerimônia, houve uma grande festa. Todos na cidade foram convidados, dos mais humildes aos associados das grandes companhias com quem James negociava. Agora que Cassandra assumiria o legado do pai, teriam que tratar diretamente com ela. Ainda que o esperado fosse que Drake gerisse os negócios, ele não tinha pretensão nenhuma de tirá-los de sua esposa.

Após a dança, o bolo e um brinde, o jovem casal que finalmente haviam se tornado marido e mulher, subiu na carruagem e tomou rumo ao rancho que fora herdado por Cassandra.

— Aqui estou eu, esposa do xerife afinal. — Riu, com um certo tom travesso ao encarar o marido.

— Dizem que não podemos escapar do destino.

— Se era o que o destino havia planejado para mim, posso dizer que estou contente com ele.

— Apenas com ele? — Drake torceu os lábios, fingindo um ciúme que não conseguiu sustentar por mais do que alguns segundos.

— Tolo. — Cassandra riu ao se debruçar sobre o marido.

Drake estava prestes a beijá-la quando a carruagem parou. Ele abriu a porta com um pontapé e tomou Cassandra nos braços, fazendo-a gemer com a surpresa e a carregou para dentro do casarão.

— Onde é o nosso quarto? — Drake parou diante da escada com a esposa aninhada em seu peito.

A pergunta provocou os pensamentos mais devassos na mente da dama.

Se já se entregavam um ao outro antes, agora que eram marido e mulher, não haveria nenhum impedimento.

— Segunda porta à direita.

Drake terminou de subir a escada com ela nos braços e atravessou a porta do quarto. Já era noite e a escuridão adentrava o local, porém, alguma criada deveria ter acesso as velas, que combatiam a penumbra. Ele pousou-a sobre a cama, fechou a porta. O quarto era acolhedor e terno, repleto de castiçais e velas que revelavam bem as feições dos noivos um ao outro, a cama de madeira escura estava no centro diante de uma mesa e uma cômoda. Drake parou ao lado dela e encarou Cassie.

Cassie observou o marido, com o belo corpo coberto pelo fraque negro e pensou que ele só poderia ter sido agraciado pelo diabo para ter tamanha beleza. Não havia nada que a deixasse mais contente do que saber que o possuiria para sempre.

— Venha! — Estendeu-lhe as mãos, chamando-o para a cama. — Desde que voltei para a cidade que anseio estar com você de novo.

Cassandra observou a forma como ele abriu o casaco e jogou a peça de roupa no chão antes de caminhar como um felino até ela. Isso foi o bastante para saber que ele também ansiava por possuí-la de novo.

Sentou-se na cama e virou de costas para ele.

— Ajude-me a tirar meu espartilho.

Drake sentou na cama ao lado dela e desfez o nó que prendia a peça de forma tão apertada ao corpo de Cassandra. Puxou com as pontas dos dedos, fazendo com que as amarras cedessem até abrir a peça por completo. Tirou-a e colocou sobre a mesa de canto, ao lado de um castiçal. Ele beijou o ombro que havia deixado exposto com delicadeza e seus lábios úmidos provocaram em Cassie um delicioso calafrio, que percorreu toda a sua espinha.

Ele odiou a demora para se livrar das anáguas e todas as peças do volumoso vestido à moda inglesa. Lembrou-se com saudosismo de como era fácil despi-la usando roupas nativas. Por fim, deixou-a apenas com as meias e as luvas, expondo ao seu deleite as partes que mais os excitavam. Traçou com o olhar uma linha indo das coxas roliças aos seios moderadamente fartos, deliciando-se com a arrebatadora visão.

Cassie se debruçou sobre o marido, abrindo os botões da camisa de linho, revelando os músculos que compunham o tórax e o abdômen do charmoso

cowboy. Escorregou as mangas pelos braços de Drake e jogou a camisa em algum canto do quarto, sem se preocupar onde. Depois foi a vez da calça, deixando-o tão nu quanto ela. Observou com malícia o membro já rígido, grande e suntuoso, mas que moldava tão bem em seu interior. A tensão entre suas pernas, logo abaixo de seu ventre palpitava em uma potência tão abrasadora, que a deixava sem ar. Desejava Drake, desejava cada parte dele e principalmente seu pênis, que tanto a hipnotizava e despertava a parte mais despudorada da dama. Cassie estendeu as mãos, trêmulas e curiosas, e Drake ergueu os quadris, incentivando-a a tocá-lo. *É seu...*, disse ele, mas apenas em pensamentos, contudo não importava que Cassandra possuísse ciência de que cada parte daquele homem a pertencia. Seu desejo por ele transcendia todo o pensamento.

Tocou-o de forma sutilíssima, encostando os dedos na glândula como a carícia de uma pena. Ele gemeu quase em súplica. Era a forma mais torturante de prazer, tocar, mas quase sem tocar.

Drake estava faminto, seu corpo queria se meter entre as pernas dela e só parar quando chegasse ao ápice, porém, buscou ter calma. Podiam ir devagar, pois tinham todo o tempo do mundo.

Cassie seguiu com os dedos, contornando as veias e músculos que pareciam talhadas na pele pelo mais habilidoso escultor. Drake gemeu, quase aliviado, quando ela envolveu com os dedos o grosso e aveludado membro, movendo a mão para cima e para baixo. Se Cassandra tivesse demorado um pouco mais, ele teria suplicado. Ele permitiu-se desfrutar do estímulo, dos dedos cada vez mais treinados em proporcionar-lhe prazer. Umedeceu os lábios e consentiu um pouco mais antes de afastá-la.

— O que foi, eu o machuquei? — Cassandra o encarou confusa enquanto encolhia a mão.

— De forma alguma, meu amor. Sou eu quem quer fazer algo com você.
— Drake vasculhou com o olhar o quarto até encontrar dois lenços sobre o encosto da cadeira diante da penteadeira.

— O que pretende fazer comigo? — Ela estremeceu diante do olhar de predador.

— Algo que não fiz quando a capturei, com medo de assustá-la.

— O quê? — Cassie arregalou os olhos e recuou até a cabeceira da cama.

— Amarrá-la.

— O que eu fiz?

— Nada. Sou eu quem pretendo fazer. — A voz soou rouca e arrebatadora.

Cassandra não fez mais perguntas, apenas assentiu. Confiava em Drake com todo o seu coração e sabia que o marido nunca lhe provocaria algum mal. Apenas fechou os olhos e estendeu os pulsos a ele.

Drake a empurrou pelos ombros e atou os braços da esposa à cama. Cassie sentia uma ansiedade crescente, quase uma angústia diante do inesperado. Seus olhos se mantinham fixos nos de Drake, aguardando cada movimento, um tanto afoita. Não saber o que aconteceria a seguir era enlouquecedor.

Drake se colocou entre as pernas de Cassandra como um predador, avançando ante a caçada. Observou os seios expostos, nus, com os mamilos saltando aos olhos e foi seduzido por eles. Tombou a cabeça e lambeu um deles, sentindo o sabor da pele de Cassandra. Abocanhou o seio, chupando, sorvendo como se fosse o mais puro néctar.

Cassandra se retorceu na cama, tentou mover as mãos na direção do cabelo de Drake, mas seus pulsos estavam presos e ela praguejou por isso. Era frustrante e, ao mesmo tempo, excitante.

Drake escorregou suas mãos firmes pela lateral do corpo de Cassandra e agarrou os seios, tão firmes e redondos. *Céus! Como ela era linda e deliciosa.* Tão macia e perfumada. Roçou o membro na fenda úmida entre as pernas de Cassandra, fazendo-a esfregar as coxas na lateral do corpo de Drake.

— Oh, Drake! — suplicou por ele. Estava em chamas, que ardiam numa necessidade enorme de ser possuída por ele.

Ele a beijou no pescoço e roçou seu hálito na orelha da esposa. Sentia a necessidade dela por ele e Drake também já não aguentava muito mais. Segurou as coxas dela, marcando seus dedos na pele avermelhada, enquanto encontrava o caminho escorregadio e molhado para dentro dela.

Cassie gemeu ao acolhê-lo em seu interior. Cruzou as pernas na cintura do marido e o fez entrar fundo. Saboreou a intensa fricção e a forma como deslizava a cada movimento.

Drake dava estocadas cada vez mais rápidas, deixando-se levar pela necessidade banal de chegar ao ápice. Cassandra erguia a sua cintura acompanhando o ritmo, incentivando-o a aumentar a velocidade. Ela se retorcia, tentava soltar os braços, mas apenas sentia uma leve dor nos pulsos que pouco conseguiam se mover. O calor e o suor da pele dele raspavam na de Cassie,

tocando, roçando e grudando, o que tornava ainda mais prazeroso o encontro.

Drake agarrou a cabeceira da cama no instante em que seus músculos se enrijeceram e ele ejaculava dentro dela, nocauteado pelo prazer em sua forma mais intensa. Com a visão ainda ofuscada pelo clímax, ele se esforçou para continuar se movendo sobre sua esposa, aproveitando da sua ereção e fazendo-a se juntar a ele poucos segundos depois. Assim que os gemidos de Cassandra diminuíram, Drake tombou para o lado e a beijou.

Suspirou tentando tocá-lo, mas suas mãos ainda estavam presas.

— Agora solte-me!

— E se eu não quiser? — provocou-a.

— Você não ousaria. — Ela torceu os lábios.

— Tem razão. — Ele riu e a libertou.

Cassie massageou os pulsos doloridos enquanto presenteava Drake com suaves beijinhos na face.

— Eu a amo, Cassie.

— Com todo o meu coração, Drake...

Cassandra não poderia estar mais alegre. Diante de todos os caminhos que um dia a vida poderia ter tomado, acabou pega de assalto por um final feliz.



EPÍLOGO

Octhaw, Califórnia, maio de 1860

Cassandra soltou seu corpo sobre o encosto da cadeira de seu escritório ao sentir um calafrio percorrer seu corpo. Tombou a cabeça para trás e estremeceu ao sentir a língua úmida e quente roçar em seu clitóris. Cassie mordeu os lábios para conter um gemido e agarrou-se aos braços da cadeira, cravando suas unhas na madeira escura.

— Senhora! — Um homem irrompeu pela porta sem bater e Cassie pulou de susto em sua cadeira.

A dama ajeitou suas saias enquanto Drake escondia-se completamente debaixo da mesa.

— Julian? — Ela abriu um sorriso amarelo ao encarar o homem responsável pelos trabalhadores da mina.

— Estou interrompendo algo, senhora?

Drake segurou a risadinha para que o barulho não delatasse a sua presença.

— Não. Só estava lendo alguns papéis. — Ela ergueu um deles, que encontrou sobre a mesa. — O que o traz aqui?

— Apenas queria lembrá-la da reunião com o representante da companhia na próxima semana.

— Ah, sim! Estou recordada, não se preocupe.

— Sabe onde está o xerife? Houve uma briga na mina e queria a intervenção dele.

— Não. — Cassandra estremeceu com Drake apertando a sua coxa, lembrando-a de sua presença ali. — Não vi meu marido essa manhã.

— Peça para ele ir até lá, quando o ver.

— Sim, farei isso.

Julian assentiu e curvou-se brevemente antes de caminhar de volta para a porta e acabou batendo de frente com Anelise.

— Oh, querida! — Ele colocou as mãos sobre a enorme barriga dela. — Eu lhe machuquei, meu amor?

— Oh, não! Estou grávida, querido, não doente. — Anne riu antes de entrar na sala. — Cassie, venha ver! Yoomee está andando.

— Minha menina! — Cassandra se levantou num salto e abriu um largo sorriso.

Drake não conteve seu impulso de ver a filha e saiu debaixo da mesa.

— Xerife? — Julian arregalou os olhos ao ver o homem. — Estava aí o tempo todo, senhor?

— Estava procurando uma abotoadura que deixei cair. Agora, saía da minha frente! Quero ver a minha filha.

Drake e Cassie chegaram à porta do quarto e viram um bebê no berço e uma menina, que caminhava até a penteadeira. Os olhos da dama brilharam ao ver seus filhos, a menina, já com quase dois anos, e o garoto recém-nascido que levava o nome do pai de Drake. Felizmente, ao contrário de sua mãe, Cassandra teve dois partos tranquilos e dera à luz a duas crianças saudáveis.

— Mama... — Yoomee sorriu e deu passos cambaleantes até se aproximar da mãe, que a aguardava de braços abertos.

Drake se aproximou e beijou a filha na testa. Estava preparado para muitos rumos na vida, certamente não um tão feliz.

Fim!

Gostou da história? Não deixe de avaliá-la na amazon, é muito importante para a divulgação desse livro.

Acompanhe mais informações série no site e nas redes sociais da autora.

Facebook - www.facebook.com/autorajessicamacedo/

Instagram - www.instagram.com/autorajessicamacedo/

Conheça outros romances de época da autora

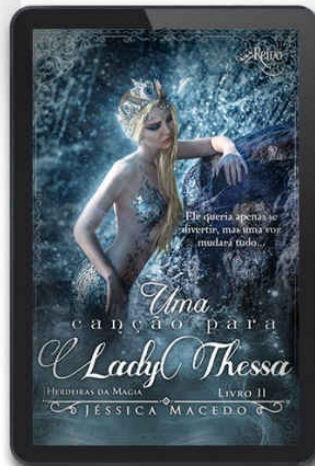
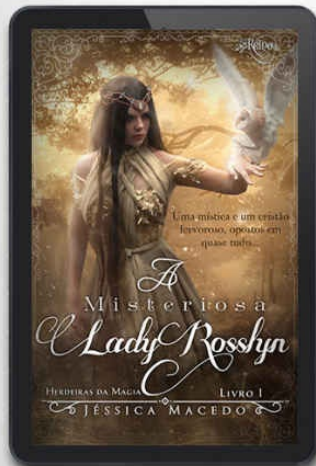
Coleção amantes



A cortesã do rei => <https://goo.gl/V2bNe5>

O Amante da duquesa => <https://goo.gl/bD8WS7>

Herdeiras da magia



SPIN OFF'S

SÉRIE HERDEIRAS DA MAGIA



amazon



link = <https://goo.gl/VLmkZa>

[\[1\]](#) Rangers são membros de elite do Exército dos Estados Unidos.